



UNILASALLE
CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE



JULIANA PUGLIESE CHRISTMANN

PESCANDO MEMÓRIAS NA PRAIA DO PAQUETÁ

CANOAS, 2015

JULIANA PUGLIESE CHRISTMANN

PESCANDO MEMÓRIAS NA PRAIA DO PAQUETÁ

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle – Unilasalle, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.

Orientação: Profa. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin

CANOAS, 2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C555p Christmann, Juliana Pugliese.

Pescando memórias na praia do Paquetá [manuscrito] / Juliana Pugliese Christmann. – 2015.

113 f. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado em Memória Social e Bens Culturais) – Centro Universitário La Salle, Canoas, 2015.

“Orientação: Prof^a. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin”.

1. História oral. 2. Memória. 3. Pescadores. 4. Mobilização social. I. Graebin, Cleusa Maria Gomes. II. Título.

CDU: 316.7

Bibliotecário responsável: Melissa Rodrigues Martins - CRB 10/1380

JULIANA PUGLIESE CHRISTMANN

PESCANDO MEMÓRIAS NA PRAIA DO PAQUETÁ

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle – Unilasalle, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.

Aprovado pela banca examinadora em 22 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin
UNILASALLE

Prof. Dr. Eduardo Dias Forneck
UNILASALLE

Prof. Dr. Moisés Waismann
UNILASALLE

Profa. Dra. Marluza Marques Harres
UNISINOS

Prof. Econ. Eugenio Miguel Cánepa
CIENTEC

AGRADECIMENTOS

Este é o terceiro trabalho acadêmico que faço – o primeiro foi na graduação, seguido pelo da especialização. Todos me exigiram muita leitura. Particularmente, tenho por hábito sempre ler os agradecimentos dos trabalhos que pesquiso. Nestas leituras, a sensação que tenho é que compartilho todos os anseios e dificuldades com quem se dedicou àquela produção de pesquisa, além da conquista ao concluí-la. Ao observar que algumas pessoas se dirigiam inicialmente a Deus em seus agradecimentos, eu pensava que no meu trabalho não faria isso, por acreditar ser piegas. Porém, ao chegar à conclusão da minha dissertação, foi exatamente a Ele que eu pensei em agradecer primeiro, pois foi quem me presenteou com todas as outras pessoas e oportunidades que me conduziram a este momento. Então, inicio agradecendo a Deus por sempre me abençoar e propiciar que meu caminho seja repleto de pessoas e de oportunidades. Sigo, então, com uma pequena amostra destes que foram presentes Dele na minha vida.

Ao Marcos que é um marido, amigo, parceiro inexplicável; com o passar dos anos estamos cada vez mais em sintonia. Desde que decidi fazer o mestrado, mais uma vez, ele me deu apoio incondicional para a realização deste sonho de ser Mestre, um desejo que me acompanha desde que iniciei a faculdade.

À minha família que – longe de ser convencional – me dá suporte para seguir sempre na busca do que eu desejo e, assim como eles se orgulham de mim, eu me orgulho deles. Em especial, a minha madrinha, que é minha mãe do coração e que me incentivou desde muito pequena a estudar, sendo sempre meu modelo de mulher guerreira e batalhadora. Ao meu papai, que hoje entende o quanto estudar sempre foi importante para mim e contribuiu financeiramente para a realização deste sonho.

À Cleusa, minha orientadora amada, que me apoiou em todas as decisões, novos rumos que a pesquisa tomou e que fez deste trabalho um momento prazeroso e de grande crescimento. E, sem dúvida, deixou-me com muita vontade de seguir sempre estudando, buscando a ligação da teoria com a prática. Sei que este é o final de um ciclo e não da nossa relação de carinho e de amizade construída nestes dois anos de contato.

Ao Claiton, fotógrafo talentoso e amigo, que aceitou participar deste trabalho, contribuindo com os belos registros da Praia do Paquetá que fazem parte do produto final desta dissertação.

Aos meus colegas e, acima de tudo, amigos da STE – Serviços Técnicos de Engenharia S.A., meus agradecimentos. Não nominarei nenhum, pois poderia esquecer

alguém. Eu os conheço muito bem e sei que são ciumentos, portanto sei que ficariam magoados caso um deles não fosse citado. Mas preciso fazer um agradecimento especial ao Adriano Panazzolo, nosso coordenador. Vejam bem, eu o cito não por ser o chefe, mas por ser uma inspiração para nós, seus colaboradores, quando proporcionou que trabalhássemos com os Planos de Bacia Hidrográfica. Foi ele quem nos apresentou às questões referentes aos recursos hídricos, fazendo com que todos nos apaixonássemos por este tema. Isto me levou a continuar pesquisando este assunto, independente de nossos contratos de trabalho.

E, por último, preciso agradecer aos pescadores da Praia do Paquetá, a quem dedico esta dissertação, nas pessoas que me deram a oportunidade de conhecer mais sobre o grupo: Paulo Denilto, Jaque, Alemão, Miro, Maria, Mosa, Paulo Devanir, Sueli, Gisele, Guilherme, Janaina e Nego.

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema central os pescadores da Praia do Paquetá e as atividades que desenvolvem neste povoado, a partir de suas memórias. Nesse intuito, buscou-se: verificar quem são os pescadores da Praia do Paquetá, sua origem, composição etária, de gênero e atividades que desenvolvem na comunidade; analisar os processos participativos e organizações comunitárias das quais fazem parte. O trabalho se insere na Linha de Pesquisa Memória, Cultura e Identidade, tendo como balizadores os pressupostos sobre memória social, governança e mobilização social. A pesquisa é de cunho qualitativo e o percurso metodológico se fundamentou na metodologia da história oral. Foram realizadas entrevistas temáticas com 12 pescadores e os dados obtidos foram analisados e interpretados seguindo a técnica de análise de conteúdo, na modalidade temática. Como resultados, aponta-se para a formação dos elos entre os pescadores e o rio, bem como sua perspectiva sobre o passado, o presente e expectativas para o futuro da localidade. Este retrato do ontem e do hoje dos pescadores e do povoado fica registrado no livro “Pescando Memórias na Praia do Paquetá”, produto final desta dissertação.

Palavras-chave: Pescadores, Praia do Paquetá; memórias; história oral; recursos hídricos; mobilização social.

ABSTRACT

This research is focused on the fishermen of Praia do Paquetá and their activities developed in this village, based on their memories. For this purpose, it was sought: to ascertain who are the fishermen of Praia do Paquetá, their origin, age composition, gender and activities that they develop in the community; to analyze participatory processes and community organizations to which they belong. This paper fits into the Research Line of Memory, Culture and Identity, having as benchmarks the assumptions about social memory, governance and social mobilization. The research is of qualitative nature and the methodological approach was based on the methodology of oral history. It was conducted thematic interviews with 12 fishermen and the data were analyzed and interpreted following the content analysis technique, in the thematic modality. As results, it points to the formation of links between fishermen and the river, as well as its perspective on the past, present and the future of the village. This portrait of yesterday and today of the fishermen and the village is recorded in the book "Fishing Memories in Praia do Paquetá", the final product of this work.

Keywords: Fishermen; Praia do Paquetá; memories; oral history; water resources; social mobilization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de localização da região e bacias hidrográficas do RS.....	11
Figura 2 – Esquema de indicações dos colaboradores para as entrevistas.....	28
Figura 3 – Matéria do Timoneiro sobre a Praia do Paquetá em 1978.....	44
Figura 4 – Matéria sobre as enchentes do Diário de Canoas em outubro de 2014.....	45
Figura 5 – Imagem de lixeira lotada em outubro de 2014.....	46
Figura 6 – Imagem de contêiner, em 21 de março de 2015.....	46
Figura 7 – Matéria do Diário de Canoas sobre a movimentação do verão na Praia do Paquetá.....	48
Figura 8 – Imagem de casa abandonada em processo de deterioração em março de 2015.	49
Figura 9 – Imagem de Casa alta (palafitas) para os períodos de cheia do rio em outubro de 2014.....	49
Figura 10 – Imagem do novo acesso com indicação da Praia pela BR-448 inaugurado em dezembro de 2013.....	50
Figura 11 – Matéria Jornal Timoneiro sobre a oficialização do nome Praia do Paquetá....	51
Figura 12 – Matéria periódico Timoneiro relatando o aumento da área do Parque do Delta em 1979.....	52
Figura 13 – Matéria Timoneiro com mapa da área ampliada do Parque do Delta em 1979.....	53
Figura 14 – Matéria do Timoneiro sobre a poluição dos rios em 1978.....	58
Figura 15 – Imagem de pai e filho retirando o peixe da rede em outubro de 2014.....	71
Figura 16 – Embarcações seguem o barco com a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes em procissão fluvial em 2 de fevereiro de 2015.....	74
Figura 17 – Imagem do pescador exibindo o seu pescado em outubro de 2014.....	77
Figura 18 – Imagem de prática de esportes aquáticos em março de 2015.....	91
Figura 19 – Análise de Conteúdo – Esquema de Categorização.....	98

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Exemplos de Governança de países da América Latina e Europa.....	22
Quadro 2 – Relação de colaboradores da pesquisa Pescando Memórias na Praia do Paquetá.....	30
Quadro 3 – Roteiro de entrevista.....	31
Quadro 4 – Perfil dos Pescadores do RS - dados coletados em 2001.....	38
Quadro 5 – Análise das atividades e seus reflexos na pesca.....	39
Quadro 6 – Peixes explorados por pescadores no Delta do Jacuí (Rio Jacuí, afluentes e Lago Guaíba).....	54
Quadro 7 – Categorias de análises.....	62

SUMÁRIO

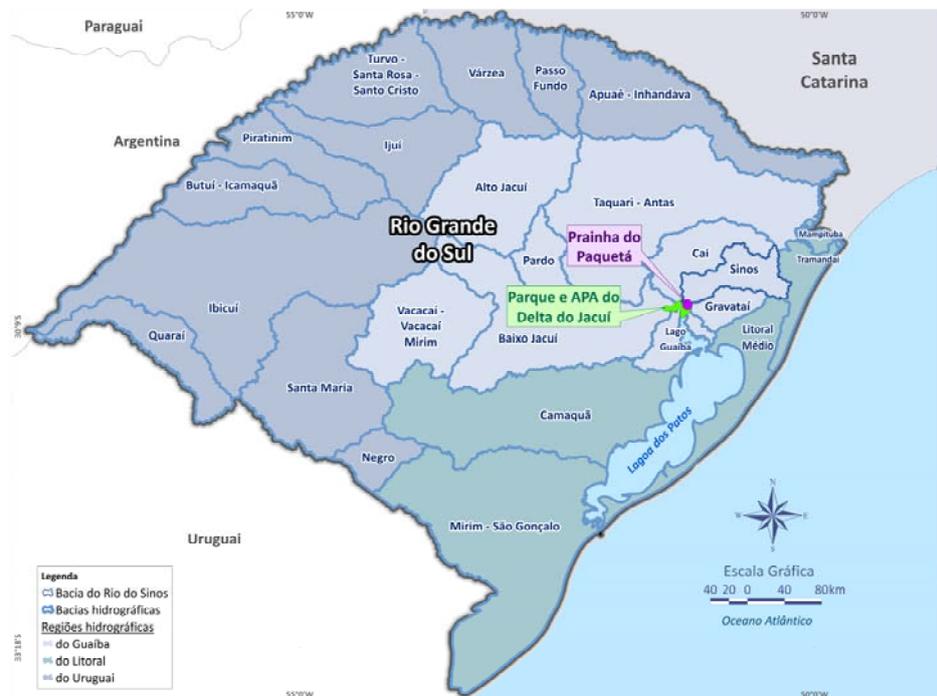
1	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	Problema de pesquisa.....	12
1.2	Objetivos.....	13
<i>1.2.1</i>	<i>Objetivo Geral.....</i>	<i>13</i>
<i>1.2.2</i>	<i>Objetivos Específicos.....</i>	<i>13</i>
1.3	Justificativa.....	13
1.4	Referencial Teórico.....	15
<i>1.4.1</i>	<i>Para construir as memórias dos pescadores.....</i>	<i>15</i>
<i>1.4.2</i>	<i>Os Recursos Hídricos no Brasil.....</i>	<i>19</i>
<i>1.4.3</i>	<i>Governança nos Recursos Hídricos.....</i>	<i>21</i>
<i>1.4.4</i>	<i>Os Recursos Hídricos e a interface com a Mobilização Social.....</i>	<i>23</i>
2	METODOLOGIA.....	26
2.1	Etapa I.....	26
2.2	Etapa II.....	26
<i>2.2.1</i>	<i>Formação da Colônia e das redes.....</i>	<i>28</i>
<i>2.2.2</i>	<i>Preparação e realização das entrevistas.....</i>	<i>29</i>
2.3	Etapa III.....	31
<i>2.3.1</i>	<i>Organização dos dados e transcrição.....</i>	<i>32</i>
<i>2.3.2</i>	<i>Análise dos testemunhos.....</i>	<i>32</i>
2.4	Etapa IV.....	34
<i>2.4.1</i>	<i>Organização da dissertação.....</i>	<i>34</i>
<i>2.4.2</i>	<i>Preparação do livro “Pescando Memórias na Praia do Paquetá”</i>	<i>34</i>
3	TECENDO AS REDES.....	35
3.1	As vivências e memórias de ribeirinhos e pescadores em diferentes lugares do Brasil.....	35
3.2	A pesca na região.....	37
4	O PAQUETÁ E SUAS REDES.....	42

4.1	Praia do Paquetá.....	42
4.2	Parque do Delta Jacuí.....	51
4.3	Fórum de Pescadores do Delta do Jacuí.....	55
4.4	O Rio dos Sinos.....	56
4.5	Comitê Sinos.....	57
4.6	Consórcio Pró-Sinos.....	59
5	LANÇANDO AS REDES E PESCANDO MEMÓRIAS.....	61
5.1	E os pescadores, quem são?.....	63
5.2	Categoria 1 – Memórias das origens.....	65
5.2.1	<i>Subcategoria – Origem de quem atracou na Praia do Paquetá.....</i>	65
5.3	Categoria 2 – Memórias de vivências.....	68
5.3	<i>Subcategoria – De geração para geração.....</i>	68
5.3.2	<i>Subcategoria – A Religiosidade e as águas.....</i>	71
5.3.3	<i>Subcategoria – Entre cheias e secas.....</i>	75
5.3.4	<i>Subcategoria – Muito além da pesca.....</i>	77
5.3.5	<i>Subcategoria – A retirada do seu sustento.....</i>	80
5.4	Categoria 3 – Memórias das relações com as águas.....	82
5.4.1	<i>Subcategoria – As mulheres e a pesca.....</i>	82
5.4.2	<i>Subcategoria – As águas e a pesca.....</i>	83
5.4.3	<i>Subcategoria – Os entraves das águas.....</i>	86
5.4.4	<i>Subcategoria – Os demais usos da água.....</i>	88
5.5	Categoria 4 – Memórias públicas.....	91
5.5.1	<i>Subcategoria – Participação e organizações.....</i>	92
5.6	Categoria 5 – Memórias de outros tempos e expectativas.....	94
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
	REFERÊNCIAS.....	102
	APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	107
	APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido –	
	Imagens.....	109
	APÊNDICE C – Carta de Apresentação da Pesquisa “Pescando	
	Memórias na Praia do Paquetá”	111

1 INTRODUÇÃO

A Praia do Paquetá, localizada na margem¹ esquerda do Rio dos Sinos, é uma vila de pescadores pertencente ao Bairro Mato Grande, no extremo oeste de Canoas, município que integra a Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA²). Tanto nas margens da praia de água doce, quanto o seu entorno apresentam pequenas propriedades familiares, com características rurais, contrastando com as demais áreas densamente urbanizadas do município — Canoas conta com mais de 338 mil habitantes em uma área de 131,10 km², sendo a 4^a maior cidade em população do RS³.

Figura 1 – Mapa de localização da região e bacias hidrográficas do RS



Fonte: Produzido por Daniela Viegas, 2015.

Distante 7,5 km do Centro de Canoas, a Praia do Paquetá está na margem da interseção do Rio dos Sinos com o Parque do Delta do Jacuí, em uma Área de Proteção Ambiental (APA). Os pescadores afirmam que o baixo índice de qualidade da água dificulta a realização da pesca no local. Para garantir a atividade pesqueira, atualmente (2015), eles navegam mais de três horas para chegar à uma barragem na cidade de São Jerônimo.

¹ As orientações de margem direita e esquerda de um rio são definidas a partir do sentido em que se desloca a corrente de água, ou seja, da nascente para a foz. Portanto, a localidade do Paquetá está na margem esquerda do Rio dos Sinos.

² Conforme a Fundação de Economia e Estatística (FEE), a RMPA é formada por 31 municípios caracterizados por um grande fluxo demográfico, com predominância econômica dos setores secundário e terciário e um movimento constante de pessoas entre as unidades que a compõem. Disponível em: <http://feedados.fee.tche.br/consulta/unidades_geo_rmpa.asp>. Acesso em: 13 abr. 2014.

³ IBGE dados do CENSO de 2010. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/232NV>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

No povoado da Praia do Paquetá, os pescadores têm seus barcos e mantêm pequenos estabelecimentos comerciais e bares, onde vendem peixes, bebidas e lanches, atendendo a população local e aos visitantes que utilizam a praia para lazer. A estrutura do local é a seguinte: possui iluminação pública, transporte urbano, parque infantil, churrasqueiras, trapiche e apresenta uma condição precária de saneamento ambiental.

A maioria dos frequentadores da praia é composta por aposentados, que pescam e descansam à beira do rio, apreciando a paisagem. Nos dias de calor, muitos moradores de bairros próximos, geralmente com poucas condições financeiras, movimentam o local em busca de banhos refrescantes. Durante o verão, segundo a Prefeitura de Canoas, chegam a circular cerca de cinco mil pessoas⁴ na Praia do Paquetá aos finais de semana, sendo esta a estação do ano com maior movimentação. Segundo relatos⁵ dos pescadores, a utilização do local para fins turísticos e de lazer pode causar interferências pontuais na atividade de pesca.

A partir de informações coletadas em campo sobre as formas de organização dos pescadores, por meio de uma primeira visita à comunidade, verificou-se que esses têm uma associação (Associação de Moradores e Pescadores da Praia de Paquetá – AMPPP), que, dentre outros interesses, foi designada para tratar do caso da mortandade de peixes no Rio dos Sinos ocorrida em 2006, decorrente da poluição causada por efluentes que contaminaram ainda mais as águas.

1.1 Problemas de Pesquisa

A partir dessas informações iniciais, construíram-se os seguintes problemas que nortearam a pesquisa.

Quem são os pescadores da Praia do Paquetá, Canoas/RS?

Quais as memórias a respeito das suas relações com o Rio dos Sinos?

Quais são os usos que fazem dos recursos hídricos?

Os pescadores em questão participam de organizações comunitárias e ou profissionais?

Participam ou já participaram de algum órgão governamental que integre o Sistema Estadual de Recursos Hídricos?

⁴Informações disponíveis no sítio eletrônico da Prefeitura de Canoas, publicadas em julho de 2011: <<http://www.canoas.rs.gov.br/site/noticia/visualizar/idDep/22/id/2130>>. Acesso em: 23 abr. 2013.

⁵ Pesquisa exploratória para aproximação com o objeto de pesquisa.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Realizar estudo a respeito do grupo de pescadores da Praia do Paquetá.

1.2.2 Objetivos Específicos

Verificar quem são os pescadores da Praia do Paquetá, sua origem, composição etária, de gênero e atividades que desenvolvem na comunidade.

Analisar, com base em suas memórias, os processos participativos em organizações comunitárias e ou governamentais.

1.3 Justificativa

A temática socioambiental me acompanha desde a graduação, concluída em 2006, quando abordei pela primeira vez as ações de comunicação aplicadas às causas ambientais. Alguns anos depois, em 2010, comecei a trabalhar em uma empresa de engenharia consultiva no setor de meio ambiente e de recursos hídricos, o que me levou a buscar a especialização em gerenciamento ambiental, que concluí em 2012.

Como desafio, estava posta a implantação de um planejamento das ações de comunicação que estimulasse a mobilização e a participação social na construção de um plano de bacia hidrográfica. Era a primeira vez que me deparava com um planejamento de comunicação com esses objetivos e ainda não conseguia ver claramente como seria o processo.

O contato com os membros da equipe multidisciplinar de consultores e de colaboradores que a empresa contratou, permitiu-me ter acesso a diversos estudos (históricos, legislação, entre outros) e, assim, aprofundar conhecimentos sobre as relações da sociedade com os Recursos Hídricos. A partir desses contatos, comecei a verificar empiricamente as interações entre as comunidades e o meio físico (a água, seus usos e demais relações com o ambiente natural) que ali tratávamos, e sempre ficava a dúvida se aqueles conhecimentos

eram absorvidos pela comunidade, se a população estava realmente representada nas discussões do plano de bacia e como se dava a relação daquela comunidade com o rio.

A complexidade das interações entre o meio social e a construção de sentimento de pertencimento com o ambiente físico (água, solo, ar) me instigou a entender melhor este processo. Decidi, então, explorar o que tinha vivenciado na prática, por dois anos, também no campo acadêmico, no Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais, na Linha de Pesquisa Memória, Cultura e Identidade. Em levantamento preliminar, encontrei um extenso número de trabalhos das áreas de engenharia, biologia, antropologia e economia. Porém, percebi que há um número incipiente de estudos de caráter interdisciplinar que envolvessem a área de mobilização social. Este espaço ainda tem muito a ser explorado, visto que as decisões sobre os recursos hídricos devem ocorrer em ambientes participativos.

Neste aprofundamento no Mestrado, deparei-me com a possibilidade de conhecer as relações dos pescadores com o rio, a partir dos relatos de memórias, tendo como ponto de partida as suas vivências. Desta forma, busquei construir coletivamente com o grupo um estudo que registre suas memórias e como se deu a formação da sua localidade.

A relevância do tema da pesquisa se dá em função dos estudos de revitalização da Praia do Paquetá, contratados pela Prefeitura de Canoas; pelo fato do povoado pertencer geograficamente à área do Comitê de Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos — o mais antigo do Rio Grande do Sul —; por estar localizado no Parque e na Área de Proteção Ambiental (APA) do Delta do Jacuí, tendo ali um grupo que retira o seu sustento do rio; e por haver poucos estudos sobre o grupo em questão. O tema também se torna pertinente devido à carência de registros de formação do povoado e por sua atividade econômica, no caso, a pesca artesanal, ter pouca significância e visibilidade em uma cidade urbanizada e com vocação industrial, mas com um grande apelo na busca da preservação ambiental.

A partir da banca de qualificação houve um redirecionamento do trabalho. Inicialmente, a dissertação envolveria a criação e ou adaptação de uma tecnologia social para estimular a participação dos pescadores em comitês de bacia. Esta proposta foi suprimida, pois necessitaria do interesse das partes envolvidas — pescadores e o próprio comitê de bacia —, não tendo como garantir sua efetivação. Então, a partir desta situação, optei por centralizar o tema da pesquisa nas memórias dos pescadores para conhecer suas relações com os recursos hídricos e a forma de mobilização social já existente no grupo. Como produto final do trabalho, uma vez que se trata de um Mestrado Profissional, propus a publicação de um livro⁶,

⁶ Foi entregue uma cópia impressa acompanhando a dissertação no Unilasalle para consulta.

que está com sua versão digital disponível em www.bemcomunicado.com/livro. Neste sentido, foi elaborado um primeiro esboço com material fotográfico e relatos dos pescadores sobre sua relação com os recursos hídricos.

A seguir, são discutidos referenciais e conceitos que deram suporte ao trabalho.

1.4 Referencial Teórico

Neste item, busca-se a construção do arcabouço teórico que embasa a pesquisa. Inicia-se elencando pressupostos sobre memória social que fundamentam a pesquisa. Também importantes são os conceitos de Recursos Hídricos, e dentro deste contexto o de Governança e o de Mobilização Social.

1.4.1 Para construir as memórias dos pescadores

Os pescadores da Praia do Paquetá, até o presente momento, nunca foram personagem central na literatura acadêmica canoense. Poucos, também, são os registros sobre os pescadores, em termos de matérias jornalísticas específicas⁷, aparecendo, notadamente, nos momentos de calamidade, quando as águas do Rio dos Sinos invadem seus quintais e moradias, quando ocorre alguma enchente. Porém, eles estão por lá, no povoado, na margem esquerda do rio, construindo cotidianamente, uma “história subterrânea” ainda não registrada. Ao esquecimento, quer-se agora, contrapor a lembrança, ouvindo as vozes, sabendo-se, no entanto, que a memória não é a consciência “[...] constituinte do passado, mas um esforço para reabrir o tempo a partir das implicações do presente” (MARLEAU-PONTY, 1999, p. 246).

Há neste ato uma intencionalidade, tanto da pesquisadora, quanto dos pescadores, uma vez que o tema da investigação foi uma escolha da primeira e há o acolhimento por parte dos segundos, nesse esforço de narrar os processos vividos a partir de oralidades possíveis. Isso remete à questão de que a memória “não nos conduz a reconstituir o passado, mas sim a reconstruí-lo com base nas questões que nós fazemos, que fazemos a ele, questões que dizem mais de nós mesmos, de nossa perspectiva presente, que do frescor dos acontecimentos passados” (GONDAR; DODEBEI, 2005, p. 18).

⁷ Pesquisa efetuada nos jornais O Timoneiro, Diário de Canoas, O Gaúcho, na Biblioteca Pública de Canoas.

Assim, para reconstruir o passado dos pescadores da Praia do Paquetá, recolheram-se narrativas mediadas pela memória, fundamentando-se nos pressupostos de autores que se passa a discutir. Em se tratando do ato de lembrar, para Halbwachs (1990), é o indivíduo que lembra, mas inserido e habitado por grupos de referência. Estes podem estar presentes não apenas fisicamente, mas pela possibilidade de acessar modos de ser, saberes e experiências vividas em comum. Quanto mais próximo ao grupo, mais fortes são as relações sociais e, portanto, mais fortes as memórias. Disso se infere que estas são fruto de um processo coletivo e estão inseridas em um determinado contexto socioespacial. As memórias necessitam, então, do que Halbwachs chamou de comunidade afetiva, ou seja, aquilo que é construído no entrelaçamento de indivíduos nos grupos de referência. Se o indivíduo permanece próximo e interagindo com a comunidade afetiva, identifica-se com a mesma, pensa e lembra como um dos seus membros. Caso perca o contato, o desapego gerado leva ao esquecimento.

Para Halbwachs, as memórias não retomam apenas ideias do grupo de referência, mas também relações sociais. Tedesco explica:

[...] rememorar, reconstruir, alterar, localizar, racionalizar e dar lógica à lembrança dependerá do domínio individual das noções familiares do grupo de pertencimento, dos pontos de reparo, do nível de interação com os fatos no vivido individual/grupal, da morfologia, da sucessão de quadros diferentes, das modificações e descontinuidades dos grupos (entrada/saída de indivíduos), da utilidade/interesse da lembrança para o grupo (níveis de lembrança e de esquecimento conscientes e inconscientes) (2004, p. 51).

Portanto, lembrar é reconhecer, ao portar um sentimento do que já foi visto e, ao mesmo tempo reconstruir: não repete linearmente acontecimentos passados, reelabora-os a partir de um quadro social. Isso remete a que a memória tem dimensão social: o indivíduo localiza suas memórias num quadro de referência espaço-temporal; seu testemunho se apoia no de outros, num movimento de interlocução e confronto no qual é indicado o que é memorável ou não, aquilo que deve ser destacado, observado, presentificado (HALBWACHS, 1990).

Tedesco informa que “a memória é o resultado de um trabalho permanente no decorrer do tempo, no qual seus conteúdos são, de tempos em tempos, conservados ou abandonados por grupos humanos concretos” (2004, p. 152). Tem-se então, uma objetivação, uma espécie de acervo de memórias compartilhadas que garante a coesão do grupo de referência que podem ser materializadas em objetos, monumentos, lugares, comemorações, etc. Para Tedesco:

A ideia de memória coletiva identifica um singular grupo, ou, no limite, toda a sociedade. A dimensão social da memória incorpora uma multiplicidade de memórias coletivas; a memória social incorpora uma multiplicidade de memórias coletivas. [...] (2004, p. 51).

Não obstante a noção de força e de duração da memória coletiva, não se deve entendê-la, então, como depósito; sua constituição passa por processo de reconstrução, tendo aspecto dinâmico no sentido de que naquele processo há uma mediação do presente. Também, conforme explica Halbwachs (1990), cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que muda conforme o lugar ocupado e pelas relações que o indivíduo mantém com outros meios. O passado não tem uma forma definitiva e não está permanentemente acessível e, na memória coletiva, é reconstruído, vivificado e ressignificado, de acordo com as necessidades do presente.

Halbwachs, assim, não retira o indivíduo do processo de reconstrução de memórias e também, indica a importância da informação como mediadora daquele. A memória nunca parte do vazio, ela é apropriada pelo indivíduo em interação com outros indivíduos e a partir das diversas experiências pelas quais passam em processo contínuo de transformação.

Michel Pollak (1989) informa que trabalhos no campo de estudos da memória social questionam alguns pressupostos de Halbwachs como a durabilidade, continuidade e estabilidade, apontando o caráter conflitivo, destruidor e opressor de diferentes memórias. No grupo social e entre grupos, existem memórias em disputa, ou seja, conflito e competição entre memórias concorrentes. Neste processo, memórias poderão se tornar subterrâneas e outras dominantes, residindo aí, portanto, o caráter problemático da imbricação entre a memória individual e a coletiva. Para o autor,

[...] não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. [...] pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias (POLLAK, 1989, p. 2).

As memórias, mesmo que subterrâneas, questionam a memória oficial e são transmitidas no espaço familiar, em redes de sociabilidade, sejam elas afetivas ou políticas, e em associações. Caso sejam reprimidas por um longo prazo, cresce o perigo de sua fragmentação. Nesse sentido, o autor informa sobre o trabalho da própria memória em si, ou seja, “cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização” (POLLAK, 1992, p.

206). Isto serve tanto para as memórias subterrâneas quanto para as dominantes. O trabalho da memória está intimamente relacionado à organização social da vida.

O autor também busca explicar que os silêncios e esquecimentos, podem significar não o afastamento do indivíduo do grupo de referência, mas sim, maneiras de fazer a gestão do que pode ou não ser dito numa determinada época e lugar. Dessa forma, o lembrar e o esquecer são utilizados como estratégias políticas por indivíduos no grupo ou entre grupos em disputa.

O afloramento, no presente, das memórias subterrâneas, mostra a instabilidade de forças, as fragilidades, as feridas abertas, as tensões, os problemas e contradições não resolvidas no passado, pois

conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto. [...] remete sempre ao presente, deformando e reinterpretando o passado. Assim também, há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido (POLLAK, 1989, 8-9).

Portanto, é no presente que se identificam resistências diante de algumas situações pelas quais passam o grupo ou grupos sociais, como assimilam conquistas, perdas e tragédias, como trabalham os ressentimentos, recorrendo às memórias num esforço de compreensão e de busca de significado para a experiência.

Isto remete às questões identitárias: para Pollak (1992), a construção de identidade é um fenômeno que se dá em relação ao outro, em negociação com os outros a partir de três critérios: aceitabilidade, admissibilidade e credibilidade. Memória e identidade são negociadas e não são essências de indivíduos ou grupos, são valores disputados, podem opor grupos políticos diversos e elementos de um grupo em particular. Manifestam-se então, por exemplo, disputas por hierarquização de datas, de personagens, acontecimentos.

Pollak (1992) concorda com Halbwachs, quando afirma que a memória é um fenômeno coletivo e social. Explica os seus elementos constitutivos, ou seja: acontecimentos vividos pessoalmente; acontecimentos “vividos por tabela”, dos quais nem sempre o indivíduo participou, isto é vivido pelo grupo ou coletividade de pertencimento, mas que no imaginário tomaram relevo. Como elementos constituintes da memória individual ou coletiva, o autor enumera os eventos; pessoas; personagens realmente encontradas ou frequentadas por tabela (que não pertenceram ao seu espaço-tempo); lugares relacionados a uma lembrança pessoal ou distante no espaço-tempo; e vestígios datados da memória, isto é, o que ficou gravado como momento preciso de um acontecimento.

Em se tratando das experiências do indivíduo, Pollak (1992) explica que poderá haver maior inscrição na vida pública, isto é, uma reconstrução de sua biografia reduzida a uma personagem pública ou a sua representação, nas quais se expressam lugares de apoio à memória, como por exemplo, as comemorações. No caso da redução à vida privada, as memórias estarão em torno da família, nascimento de filhos, cotidiano, vida no lar, entre outros.

Ainda, Pollak (1992) chama a atenção para o fato de que a memória é seletiva: alguns acontecimentos são registrados e outros não e que isso não se refere apenas à vida física do indivíduo, sendo, em parte, herdada. Neste caso, há ligação entre memória e identidade (no sentido da imagem de si, para si e para o outro). Nesse sentido, o autor trata de três elementos essenciais: a unidade física, sentimento de ter fronteiras físicas (fronteira de pertencimento); continuidade no tempo (sentido físico, moral e psicológico); sentimento de coerência, diferentes elementos unificados formam o indivíduo. Identidade e memória, porém não são fixas, mudam através do tempo; são reconstruções ou representações da realidade. São as memórias que mantêm o sentimento de igualdade ao longo do tempo, mas também estas são revisadas para que deem suporte a novas identidades a ser construídas.

Para caracterizar esta memória constituída, Pollak utiliza o conceito de enquadramento da memória, tarefa atribuída aos historiadores, visando à construção de uma determinada história, organizada, de um grupo, região, nação, visando a unificação e manutenção da unidade. Trata-se de um investimento de solidificação do social. O autor estuda os componentes e formas de configuração da memória coletiva. Estes têm a função de manter coesa e coerente a experiência compartilhada pelo grupo social, delimitando e protegendo suas fronteiras.

Pollak apresenta para o pesquisador uma metodologia para investigação e interpretação da memória individual que afirma resultar “da gestão de um equilíbrio precário, de um sem-número de contradições e de tensões” (1989, p.11). Para tanto, indica a história oral como instrumento para recolher os testemunhos individuais, privilegiando os excluídos, as minorias, os marginalizados, “[...] faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia e a marginalidade” (1989, p. 2). Para o autor as memórias subterrâneas só se tornam acessíveis por meio da história oral. Metodologia esta, escolhida para trabalhar com os pescadores da Praia do Paquetá, detalhada adiante quando se explica o percurso metodológico.

1.4.2 Os Recursos Hídricos no Brasil

Inicialmente, neste item, discute-se a situação hídrica no Brasil e delinea-se um breve histórico da legislação brasileira no que tange aos recursos hídricos, para elucidar os pontos que serão discutidos na relação dos pescadores com o Rio dos Sinos.

Conforme os autores Sinisgalli, Medeiros e Romeiro (2009), o país concentra 12% da água doce do planeta. Em relação à escassez de água no Brasil, estão associadas a baixa disponibilidade em alguns pontos no nordeste e as altas densidades demográficas nas regiões sudeste e sul. Os conflitos estão situados em áreas de grande população e concentração industrial, caso destas duas regiões. Nessas áreas, a poluição dos recursos é mais grave e aumentam os custos para tratamento da água.

Em relação ao histórico dos recursos hídricos, a primeira Lei foi a de nº 3071/1916, (art. 563 e 568), do Código Civil (Revogada pela Lei nº 10.406, de 2002). Dispunha sobre o uso da água sem comprometer suas qualidades naturais, sob a pena de indenização a quem fosse prejudicado por alguma degradação desta qualidade (POMPEU apud SINISGALLI; MEDEIROS; ROMEIRO, 2009). Esta, no entanto, foi uma lei isolada, que não fazia parte de uma estrutura legislativa que se comprometesse com o tema. Isto porque até o início do século XX, os recursos hídricos eram usados basicamente para o abastecimento urbano e para a pequena geração de energia hidrelétrica, de modo que não existia, ainda, conflito entre diversos usos (BARTH apud SINISGALLI; MEDEIROS; ROMEIRO, 2009).

Dentre os marcos regulatórios da gestão das águas no Brasil, estão a promulgação do Código das Águas de 1934 e a Constituição de 1988, na qual já estabelece o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos e fundamenta os princípios da Política Nacional de Recursos Hídricos, que viria a ser sancionada no ano de 1997. O Código das Águas de 1934, já evidenciava o caráter público da água e seu uso múltiplo, com a prioridade do consumo humano. As inovações da Lei nº 9433, de 1997, estão na distinção da água como bem de valor econômico (SOUSA, 2004).

A política de recursos hídricos tem nos seus princípios básicos: a adoção da bacia hidrográfica como unidade de planejamento; os usos múltiplos; o reconhecimento da água como recurso natural limitado, dotado de valor econômico; a promoção do seu uso racional, dando base para a instituição da cobrança pelos recursos hídricos; e a gestão descentralizada e participativa, abrindo a possibilidade de participação a usuários e sociedade civil no processo de tomadas de decisão dos usuários e das comunidades. Este Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos (SINGERH) tem ainda atribuições de coordenar a

gestão integrada das águas; administrar conflitos relacionados aos seus usos; promover a cobrança; e implementar a política nacional (SINISGALLI; MEDEIROS; ROMEIRO, 2009)

Na análise de Sousa (2004), as inovações do SINGERH foram inspiradas no modelo francês de gestão das águas, adotando a compartimentação do território nacional em bacias hidrográficas, as quais foram as bases para a formação dos comitês de bacia, criando assim unidades básicas de gestão de recursos hídricos. A outra característica de mudança está na sociedade civil como componente fundamental no processo de gestão de recursos hídricos. Estes são os pontos que balizam a argumentação do item disposto a seguir que trata da governança das águas.

1.4.3 Governança nos Recursos Hídricos

Na busca do entendimento do conceito de governança das águas, utilizam-se os pressupostos trabalhados por Campos (2009) e Jacobi (2009). Ambos salientam a multiplicidade de pontos de vista como fundamentais para tal.

Campos (2009) esclarece que este conceito é entendido como um processo político, em que atores, com diferentes valores, interesses e poder político, participam da gestão das águas e, no âmbito de negociações institucionais, apresentam suas propostas e negociam com outros atores a aprovação das mesmas, bem como dos meios e recursos necessários para executá-las. Este entendimento é complementado por Jacobi (2009), para quem a Governança representa um enfoque que propõe alternativas teóricas e práticas que atendam às demandas sociais e façam a sua interlocução com o governo.

Ainda, Campos (2009) descreve a Governança como uma gestão compartilhada que permite chegar, a partir de um processo de negociação política, a soluções tecnicamente viáveis e socialmente aceitas pelos atores. Salienta o autor, que a gestão compartilhada propõe um redesenho da gestão das águas e das relações entre os grupos envolvidos, e que esta depende da corresponsabilidade de todos os atores e que os avanços obtidos estão vinculados ao agir permanente dos atores e dos grupos envolvidos.

A título de comparação para elucidar os processos de governança existentes em outros países, apresentam-se dois exemplos da América Latina e dois exemplos europeus no quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – Exemplos de Governança de países da América Latina e Europa

PAÍS	PRINCIPAIS PONTOS SOBRE A GOVERNANÇA NOS PAÍSES
Chile	Em relação à gestão dos recursos hídricos no Chile, a propriedade sobre a água representa um dos elementos bases, cuja reforma é urgente para o estabelecimento de um regime ambiental da água. Os direitos de aproveitamento são destinados a quem os solicita de forma gratuita e perpétua. Essa situação constitui uma transferência de renda aos particulares de uma riqueza nacional de uso público. No setor público, a aplicação das capacidades não é completa por falta de recursos e outras limitações. O uso dos recursos hídricos é idealizado para fins setoriais, com perda da eficiência em decorrência da ausência de um cenário adequado para o desenvolvimento de iniciativas de usos múltiplos coerentes. Ainda há reivindicações de usuários de setores produtivos para aprovação de planos de zoneamento. No ano 2008, foi criada a estratégia nacional de gestão integrada de bacias hidrográficas do Chile com intuito de promover uma gestão mais eficiente dos recursos hídricos (BASUALTO et. al., 2009).
Colômbia	No contexto colombiano atual, em que a tendência mostra que a disponibilidade de espaço temporal do recurso hídrico é cada vez mais crítica, é fundamental compreender os fatores que limitam a gestão desse recurso estratégico. Contudo, ser um país rico em recurso hídrico, começa a enfrentar problemas com disponibilidade (em quantidade e qualidade aceitáveis). A gestão do recurso hídrico, mesmo com a legislação, conta com uma estrutura institucional deficiente. Os diversos usuários da água formulam suas políticas de forma isolada o que não permite o uso racional do recurso (ROJAS, 2009).
Inglaterra	Apesar da existência de um governo central, a regulação e as responsabilidades são distribuídas em diferentes níveis de autoridade nos quatro países (Inglaterra, Escócia, Irlanda do norte e país de Gales). (SOUSA, 2004) Os aspectos históricos contribuíram para uma separação da gestão das águas em sistemas: o dos serviços da água (abastecimento e saneamento), o dos recursos hídricos (regulação de usos e o controle de aspectos quantitativos) e o ambiental (qualidade das águas, conservação de ambientes aquáticos e a poluição). Difere-se, neste sentido, da gestão de águas na França, cujo modelo, com maior grau de participação social, inspirou outros países como o Brasil. O sistema de gestão de recursos hídricos da Inglaterra, apesar do longo histórico de uso e de intervenções nas águas por aqueles países, está em processo de estruturação e institucionalização (SOUSA, 2009).
França	A França é um país de densidade demográfica relativamente baixa em relação à Europa, dispendo de um rico abastecimento de água e ficando a montante de todos os rios internacionais que atravessam seu território. Os principais interesses da gestão da água estão relacionados: à escassez de água; à produção de energia; ao preço da água; aos riscos de inundação; e à gestão e planejamento territorial. Salienta-se que, na França, a água não é administrada de acordo com a sua posse e sim conforme seus usos. As principais características da Governança francesa são o envolvimento da união europeia e as leis de descentralização que são responsáveis pela transferência de parte do poder central do Estado ao nível local. O próximo desafio em termos de governança requer uma necessidade crescente de vozes ambientais e uma redefinição da contribuição de especialistas na elaboração da ação pública. Existe ainda uma consciência de um envolvimento crescente da sociedade na definição da ação pública para a água. A evolução do modelo de governança permite buscar novos espaços para criação de suas próprias regras, com o desenvolvimento da gestão conjunta da água em locais formais e informais (RICHARD, BOULEAU, BARONE, 2009).

Fonte: Produzido pela Autora, 2015.

Neste comparativo, pode-se verificar a situação de cada país e as dificuldades que enfrentam cada um deles. Pode-se observar ainda que, nos países europeus, onde a governança das águas está instituída por um período mais longo, ela também passa por mudanças e por constantes adaptações frente aos novos desafios.

Adaptados à realidade brasileira, busca-se um exemplo de Governança das águas no caso das Bacias dos rios Piracicaba, Capivari, Jundiá (PCJ), no qual o aumento da demanda pelos usos de recursos hídricos nas últimas quatro décadas, somados à degradação da qualidade destes recursos, têm representado grande desafio para a governança das águas na região. O histórico da mobilização e da participação social existentes nesta bacia contribuiu para ações consistentes do consórcio e dos comitês do PCJ, tendo a ação conjunta e cooperativa destes dois organismos resultado na institucionalização e no fortalecimento do sistema de gestão de recursos hídricos (CASTELLANO; BARBI, 2009).

Castellano; Barbi (2009) observam ainda que a capacidade de governança das águas nas bacias PCJ iniciou nos anos 1970, com a criação de diversas relações interinstitucionais e intersociais com diversos atores daquela região, que tinham como objetivo comum a melhoria na gestão das águas. A sociedade civil organizada e o setor privado assumiram a corresponsabilidade na busca de soluções para uma melhor governança das águas, que até então era atribuída somente ao poder público. Estas relações potencializaram a capacidade de cada envolvido e a esfera ampla de gestão, que resultaram em melhoria de aprendizagem e desempenho, por meio de diálogos e trocas de experiências. Evidencia-se que os conflitos são inerentes à gestão dos recursos hídricos, mas quando não se trabalha no entendimento entre as partes, ambas perdem. A gestão compartilhada dos recursos hídricos se refere a encontrar maneira de lidar com as diferentes opiniões. Os pontos divergentes contribuem para o processo de aprendizagem social e melhora a capacidade de um grupo superar os problemas de gestão (CASTELLANO; BARBI, 2009).

1.4.4 Os Recursos Hídricos e a interface com a Mobilização Social

Segundo Melucci (2001), o movimento social é a mobilização de um ator coletivo, que se manifesta por meio da ruptura dos limites de compatibilidade do sistema dentro do qual se situa. Estes movimentos contemporâneos são como redes de solidariedade com fortes conotações culturais. Os processos de mobilização, modelos e formas de comunicação são níveis de análise significativos para reconstruir o sistema de ação que constitui o ator coletivo. Também são formas contemporâneas de ação coletiva, múltiplas, que atingem diversos níveis do sistema social.

A mobilização, como um processo amplo, não depende apenas da simples divulgação. Como estratégia de comunicação, está a interação face a face, promovendo uma maior proximidade entre os indivíduos e possibilitando ações mais unidas. Em projetos de

mobilização, é preciso gerar e manter vínculos entre movimentos e seus públicos, permitindo o desenvolvimento de ações concretas de cooperação e de colaboração, fazendo com que os cidadãos se sintam efetivamente envolvidos (HENRIQUES et al., 2007).

A mobilização social é muitas vezes confundida com manifestações públicas, com presença das pessoas, como em uma passeata ou concentração. A mobilização ocorre de fato, quando um grupo de pessoas, uma comunidade, ou uma sociedade decide e age, com um objetivo comum, buscando, resultados decididos e desejados por todos (TORO; WERNECK, apud MAFRA, 2006). Os autores Henriques, Braga e Mafra (2007) reforçam que a mobilização social é uma reunião de sujeitos que definem objetivos e compartilham sentimentos conhecimentos e responsabilidades para a modificação de uma determinada situação, movidos por um pacto em relação à essa causa de interesse público.

Enquanto processo, a mobilização social é gradual e envolve a criação e o compartilhar de valores entre os indivíduos que participam. O envolvimento na mobilização depende da vontade das pessoas e, para que ela ocorra, é necessário que os movimentos (sociais) se preocupem com o processo de identificação, possibilitado pela comunicação. Descuidar do fator de identificação impossibilita a formação de vínculos entre os vários atores participantes, porque o fator identificação é o elo entre os indivíduos e o projeto e que, neste caso, cria o vínculo das pessoas desde os níveis mais básicos até o nível de corresponsabilidade (BRAGA; SILVA; MAFRA, 2007).

Como exemplo de mobilização social ligado aos recursos hídricos, utiliza-se a experiência de Mafra (2008) no projeto Manuelzão, elaborado na Faculdade Federal de Medicina de Minas Gerais, em 1997, com o objetivo de promover a revitalização do Rio das Velhas. O rio simboliza a saúde dos indivíduos e sua relação com o ambiente de maneira ampla. A particularidade do projeto estava na definição de um eixo físico e de um indicador biológico. A água foi escolhida como eixo físico, representando o grande foco de partida e de direcionamento de suas ações. Para o projeto, a água é capaz de espelhar a realidade social, em especial, a condição do meio ambiente, pois, por meio dela, é possível pesquisar os costumes e vivências daquela população, a poluição produzida e a qualidade de vida. Como decorrência deste eixo físico, o projeto escolheu o peixe como indicador biológico das condições do rio. Por meio do peixe é possível caracterizar a relação que os sujeitos estabelecem com o ambiente ao redor. O peixe representa a saúde, tanto dos homens em sociedade, quanto do rio e da própria bacia.

Em relação ao componente de mobilização social, Mafra (2006) o caracteriza como uma questão de responsabilidade e de interesse público. Um dos objetivos era de que não

fosse um projeto só da universidade, mas de todas as pessoas, dos grupos e entidades que tivessem interesse na causa da revitalização da bacia hidrográfica. O projeto buscou estimular um processo de debate público acerca de sua causa, estabelecendo um processo de mobilização com e entre sujeitos envolvidos. A proposta era realizar expedição de caiaque da nascente até a foz, em uma área aproximada de 770 km, com paradas programadas em cidades próximas à calha do rio para eventos. As estratégias de mobilização cumpriram o seu intuito de propor as tematizações para a esfera pública e mobilizar os habitantes da bacia do Rio das Velhas para causa de revitalização proposta pelo projeto.

Estes referenciais teóricos sobre memórias de um grupo, governança e mobilização social sob a perspectiva dos recursos hídricos, bem como o cenário nacional e internacional das políticas das águas são alicerces da construção metodológica exposta a seguir. No próximo capítulo, serão descritas as formas de como se consolidou a busca por dados e experiências que contribuíssem para a identificação destes aspectos na Praia do Paquetá.

2 METODOLOGIA

O trabalho foi realizado a partir de pesquisa de natureza qualitativa (MINAYO, 2009) e sua construção deu-se a partir de quatro etapas.

2.1 Etapa I

Esta fase, ocorrida no período em que se dava a elaboração do projeto, constituiu-se em pesquisa exploratória (MINAYO, 2009), ou seja, buscou aproximação, com o tema, objeto e sujeitos da pesquisa, visando a familiaridade com os mesmos para construção e delimitação das questões norteadoras da investigação. Envolveu:

- Saídas a campo para encontros com o grupo de pescadores da Praia do Paquetá.
- Revisão bibliográfica para a construção do arcabouço teórico, sendo estudados os conceitos de memória, governança e mobilização social.
- Revisão bibliográfica para a elaboração do percurso metodológico, quando se buscou informações sobre história oral (MEIHY, 2005) e análise de conteúdo (BARDIN, 1977; MINAYO, 2009).
- Levantamento bibliográfico com estudos afins à temática do trabalho.

2.2 Etapa II

Após a Qualificação do projeto de pesquisa em 29/05/2014, deu-se início à pesquisa em campo, quando se trabalhou diretamente com os pescadores, a partir da metodologia da história oral.

Com relação à história oral⁸, escolheu-se trabalhar com aportes de José Carlos Bom Meihy, a partir das suas obras, *Manual de História Oral (2005)* e de Meihy e Ribeiro, *Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias (2011)*. Nestas obras é discutido o caráter da história oral, indicando que a metodologia busca: dar voz aos que são marginalizados e excluídos; os motivos das “inverdades”, para além das verdades; as subjetividades; o que se oculta; as oposições dentro de um mesmo grupo; as diferenças, os confrontos, os discursos opostos, mostrando as lutas internas no trabalho de construção da

⁸ Ver trajetória da história oral no Brasil em RIBEIRO, Antônio Marcos de Almeida. História oral brasileira: trajetória e perspectivas. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, Ano 3, Número 6, dez/2011, Universidade Federal de Goiás Disponível em <<https://revistadeteoria.historia.ufg.br/up/114/o/Artigo%206.%20RIBEIRO.pdf?1325192696>>. Acesso em: 24 abr. 2015.

memória. Ora, ao se elaborar projetos de história oral, visando àqueles cujas vozes não foram ouvidas, como é o caso dos pescadores da Praia do Paquetá, invisibilizados na cidade de Canoas, pretende-se que o resultado da pesquisa auxilie como fator de transformação e no respaldo de elementos para elaboração de políticas públicas. O oralista será um mediador de causas e Meihy (2005) e Mehy; Ribeiro (2011) dizem ser este um pressuposto do caráter cidadão da história oral.

Harres (2008) também comenta sobre a metodologia da história oral brasileira e sua preocupação com os problemas sociais como: “questão agrária e a luta pela terra, cujas marcas são seculares; a desorganização do espaço urbano e a luta pela moradia, pela saúde e pela educação [...]” (p. 101). Nesse sentido, este trabalho inclui a situação de grupos ribeirinhos, caso dos pescadores da Praia do Paquetá, envolvidos num processo de degradação ambiental e de avanço da urbanização.

Portanto, ressalta-se a importância da postura dialógica do pesquisador junto aos colaboradores e com o *corpus*; como aponta Pollak (1989), é preciso empatia com aqueles com quem se está trabalhando. Também, é necessário atentar para a questão do uso das memórias como fonte, lembrando, ainda Pollak quando alerta para o seu caráter conflitivo e as relações de poder que as permeiam. O ato narrativo é datado, passível de reversibilidade, envolto em disputas, jogos estratégicos. Tanto o entrevistador como o colaborador (utilizando aqui termo cunhado por Meihy) decidem dar um determinado tratamento à memória, portanto, é nesse sentido que se fala em oralidades possíveis, isto é, diferentes construções, partindo de determinadas intenções, referências e contextos socioculturais.

A presença do colaborador, de acordo com Meihy (2005), não se dá apenas na concessão da entrevista, mas também na formação da colônia, da rede de colaboradores e na escrita conjunta do texto, apontando para a historicidade da narrativa. Aqui, é preciso ter presente, conforme indica Pollak (1989) que o grupo ou associação veicula o próprio passado e imagem que forjaram para si mesmos, pois “[...] o que está em jogo na memória é também o sentido de identidade individual e do grupo” (p. 8). Portanto, o cuidado na formação da colônia afim de ouvir diferentes vozes, pois até mesmo dentro de um grupo que parece ser coeso, têm-se memórias dominantes e memórias subterrâneas.

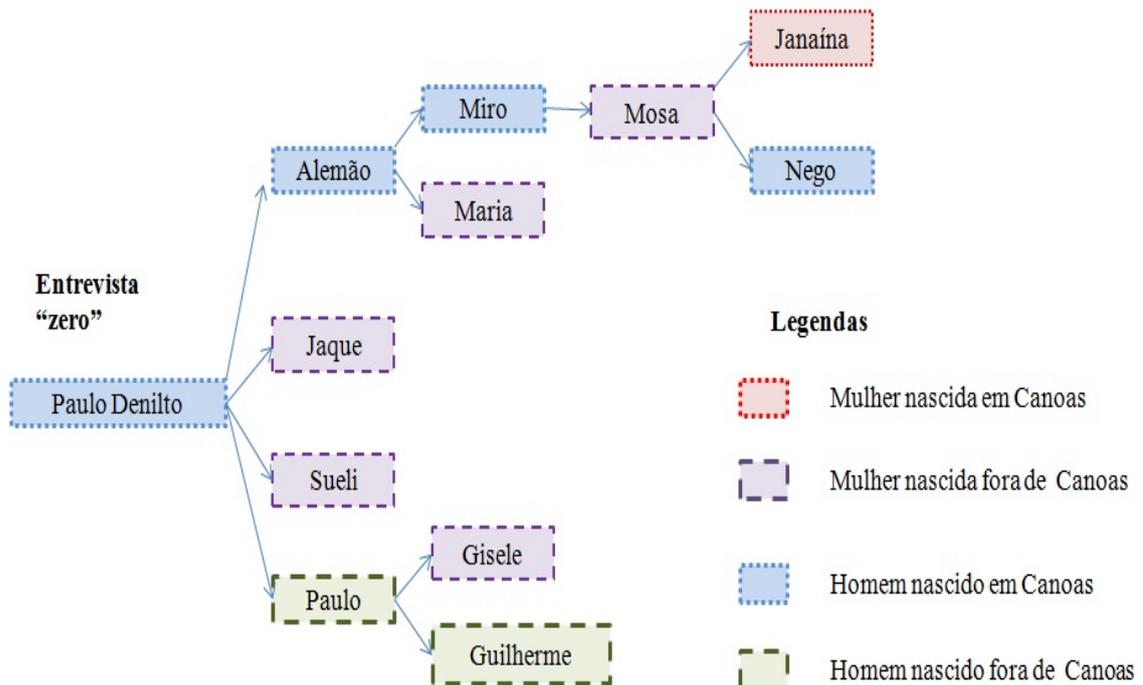
Apoiando-se no referencial teórico e após refletir-se sobre a metodologia (MEIHY, 2005; HARRES, 2008) e trabalhos que utilizam testemunhos de ribeirinhos, foi feita a escolha dos colaboradores pertencentes à “comunidade de destino”, ou seja, os pescadores da Praia do Paquetá. Realizou-se uma entrevista “zero” com uma “pessoa-fonte” que indicou outras pessoas-fonte, servindo de subsídio para formar a “colônia” (colaboradores a serem

efetivamente entrevistados). A colônia foi pensada a partir de critérios de gênero e origem. A partir daí, formaram-se as “redes”, subdivisões da colônia que indicaram procedimentos para a articulação das entrevistas. Estas foram realizadas a partir dos temas elencados pela pesquisadora ou ainda por outros temas que emergiram já nas primeiras entrevistas.

2.2.1 Formação da Colônia e das redes

De acordo com Meihy (2005), a história oral pode ser construída a partir de uma pessoa, de um grupo definido (pequeno ou grande) de entrevistados. Neste caso foram utilizados como referência para seleção da mostra de pesquisa, critérios de origem e de sexo (masculino e feminino). Na seleção de origem, adotou-se como critério de agrupamento os que se dizem “nascidos em Canoas” e os das demais cidades como “nascidos fora de Canoas”.

Figura 2 – Esquema de indicações dos colaboradores para as entrevistas



Fonte: Produzido pela Autora, 2015.

Na Figura 1 apresenta-se o esquema de indicações para as entrevistas, já nominando os colaboradores e desvelando o tamanho da mostra. Ocorre que não é necessário um critério numérico para a formação da colônia e das redes quando se trabalha com história oral. O que

se pretendeu foi que os colaboradores escolhidos pudessem contribuir para a pesquisa e representar a realidade de vida na Praia do Paquetá em suas múltiplas dimensões.

As indicações de possíveis colaboradores foram dadas nos núcleos familiares. As entrevistas eram individuais, mas feitas no ambiente familiar o que permitiu realizá-las em sequência. O processo de entrevista é aberto, porém, conforme afirma Thompson (2002), a saturação da mostra se dá conforme a “lei dos rendimentos decrescentes”, isto é, no momento em que as informações começam a se repetir, encerra-se a coleta de depoimentos. Ao final de cada encontro, era solicitado ao colaborador que indicasse mais duas pessoas para serem entrevistadas. A partir destes indicados foram realizados novos agendamentos. Assim, o número de colaboradores foi conhecido apenas em campo, durante o processo investigativo. O que se procurou foi distribuí-los de forma equilibrada nas redes, neste caso: rede mulher nascida em Canoas; mulher nascida fora de Canoas; homem nascido em Canoas; e homem nascido fora de Canoas.

2.2.2 Preparação e realização das entrevistas

O roteiro proposto para as entrevistas foi elaborado a partir de Meihy (2005), Meihy; Ribeiro (2011) e Lopez (2008), sendo que este último define entrevista como:

uma prática de interação entre dois lados: quem conta e quem pergunta/ouve. Ao contrário de um “interrogatório” ou “questionário”, o que se busca é criar um momento de troca e diálogo entre as duas partes, sendo que o assunto da conversa é a história de vida de uma delas. Pode-se dizer que a entrevista é um produto em co-autoria do entrevistado e do entrevistador (LOPEZ, 2008, p. 37).

Propôs-se a realização de entrevistas temáticas semiestruturadas, conforme os autores citados, cujo roteiro versou sobre as relações dos pescadores com os recursos hídricos, identificando os processos participativos e de organização comunitárias vivenciadas pelo grupo; relatos sobre temas que mobilizaram a comunidade; e lembranças de suas relações com o rio.

A primeira atividade foi o contato referencial comunitário. Neste momento, foi feita somente a apresentação do projeto, com os objetivos e a proposta do produto final do trabalho. A partir deste encontro, iniciou-se o agendamento das entrevistas. A seguir apresenta-se o Quadro 2 com informações sobre os colaboradores da pesquisa.

Quadro 2 – Relação de colaboradores da pesquisa Pescando Memórias na Praia do Paquetá

Origem	Prenome ou Apelido	Nome completo	Idade	Data da entrevista	Sexo	Local de nascimento (nascido em)
Homens Nascidos em Canoas	Miro	Almir Oliveira Lopes	53	18.10.2014	Masculino	Canoas
	Paulo Denilto	Paulo Denilto Ribeiro	47	05.08.2014 21.03.2015	Masculino	Canoas
	Nego	Claudimir Oliveira Nascimento	47	12.11.2014	Masculino	Canoas
	Alemão	Ivair Oliveira Lopes	44	18.10.2014	Masculino	Canoas
Homens nascidos fora de Canoas	Paulo Devanir	Paulo Devanir Correa	50	18.10.2014	Masculino	Nova Santa Rita
	Guilherme	Ilson Rios Correa	30	25.10.2014	Masculino	São Borja
Mulheres nascidas em Canoas	Janaina	Janaina Vieira dos Santos	39	12.11.2014	Feminino	Canoas
Mulheres nascidas fora de Canoas	Maria	Maria Penaflor	52	18.10.2014	Feminino	Ijuí
	Sueli	Sueli Martins de Oliveira	49	18.10.2014 25.10.2014	Feminino	Ilha da Pintada
	Mosa	Eliane Regina de Souza Carvalho	48	25.10.2014	Feminino	Ilha dos Marinheiros
	Jaqueline	Jaqueline da Silva Freitas	41	18.10.2014	Feminino	Viamão
	Gisele	Gisele Martins de Oliveira	26	18.10.2014 25.10.2014	Feminino	Nova Santa Rita

Fonte: Produzido pela Autora, 2015.

Na dinâmica de campo, antes de iniciar a entrevista era realizada a apresentação do projeto (objetivos e produto) e a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi utilizado com todos os colaboradores. O local para a realização das entrevistas foi definido como sendo exclusivamente na Praia do Paquetá, pois as memórias estão intimamente relacionadas com o espaço em que se habita (HALBWACHS, 1990). Após a apresentação, a conversa era guiada pelo roteiro de entrevista apresentado no Quadro 3, a seguir:

Quadro 3 – Roteiro de entrevista

PROBLEMA DE PESQUISA	PERGUNTAS PARA OS COLABORADORES
Quem são os pescadores da Praia do Paquetá, Canoas/RS?	Nome completo, apelido. Idade. Profissão. Local de nascimento. Escolaridade. Casado? Filhos? Idades? Como chegou à comunidade do Paquetá? Com que idade?
Quais as suas memórias sobre vivências na praia do Paquetá?	Em relação ao Rio? Quais são os fatos marcantes desde que você vive na Praia do Paquetá? Datas: década 1980 movimentos ambientalistas, mortandade de peixes no Rio dos Sinos (2006), tem informações sobre o andamento da ação judicial sobre a mortandade de peixes? Nestes momentos de dificuldades, como os pescadores se envolveram? Como é a relação com as cheias e secas (eventos extremos)? Como a poluição interfere? Quais são os usos que fazem do rio além da pesca? (pontos que surgem) Utilizam como Transporte (para onde vão pelo rio)? Desejos para o futuro? O que gostariam? Em relação ao rio? Expectativas para a comunidade? Manutenção da profissão? Anseios?
Quais as memórias a respeito das suas relações com o Rio dos Sinos?	Como iniciou a pesca? Com que idade? Como era ser pescador quando começou? Como é ser pescador nos dias de hoje? Que outras profissões realiza/realizou? Quais os sentimentos existentes entre o pescador e o rio?
Participam ou já participaram de algum órgão governamental que integre o Sistema Estadual de Recursos Hídricos?	Os pescadores em questão participam de organizações comunitárias e ou profissionais? Há quanto tempo? A participação nestes, é ativa ou não? Sentem-se representados? Descreva como é a forma de troca destas discussões entre o grupo? E do sistema de Recursos hídricos, do qual faz parte os comitês de bacia: participam ou já participaram de algum órgão governamental que integre o Sistema Estadual de Recursos Hídricos? O que motiva a participar? Quais são as dificuldades de participar?

Fonte: Produzido pela Autora, 2014.

2.3 Etapa III

Nesta etapa deu-se a organização dos dados e análise dos mesmos.

2.3.1 Organização dos dados e transcrição

A organização dos dados coletados a partir das entrevistas foi orientada por Meihy (2002); Ribeiro (2011) com os seguintes passos:

- a) Transcrição das entrevistas: primeira mudança do código oral para o escrito, a transcrição é a etapa na qual se faz a passagem completa dos diálogos e sons como eles foram captados. Assim, todos os ruídos (como telefones, risos, barulhos de animais etc.) e erros de linguagem são passados do oral para o escrito. Enfim, nesta fase, são colocadas as palavras ditas em estado bruto (TONINI⁹, 2010);
- b) Textualização: nesta etapa, são eliminadas as perguntas, as repetições, os sons, os ruídos, os erros gramaticais, desde que não contenham peso semântico. O que se busca é um texto mais limpo, que passa a ser predominantemente do narrador, o qual assume de maneira exclusiva a primeira pessoa. Devem-se privilegiar as ideias do colaborador em detrimento da transcrição de um discurso, a textualização dá uma lógica ao texto (TONINI, 2010);

A próxima etapa foi a da análise, quando foram trabalhados os testemunhos dos colaboradores.

2.3.2 Análise dos testemunhos

Não é suficiente realizar entrevistas, é preciso analisar os testemunhos. Um projeto de história oral

[...] não exige o pesquisador da interpretação e da análise do material colhido. Falar de história democrática pode levar ao equívoco de se tomar a própria entrevista não como fonte – a ser trabalhada, analisada e comparada a outras fontes – e sim como história (ALBERTI, 1996, p. 5).

Assim, a organização dos dados das entrevistas e sua análise foi feita a partir da Análise de Conteúdo Temática, de acordo com Minayo (2009) e Gomes (2009) com base nos pressupostos de Bardin (1977). Este define análise de conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens,

⁹ Para mais informações sobre a aplicação da metodologia ver Tonini em sua Dissertação de Mestrado, Além dos gramados: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010). Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-06062011-173422/pt-br.php>>. Acesso em: mar. 2015.

indicadores (qualitativos ou não) que permitam a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção (recepção/variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p. 42).

No caso deste trabalho, buscaram-se compreender os sentidos e significados implícitos ou explícitos, os conflitos, as expectativas e as opções presentes nas falas dos pescadores em relação às questões propostas sobre sua origem, sua relação com o rio dos Sinos, com a pesca, com as instituições/entidades a que se filiam. Para tanto, foi construído um plano de análise seguindo as três fases do método estruturado pelos autores já citados: Leitura compreensiva do material, a exploração do material e a análise ou interpretação dos dados:

- a) Durante a leitura compreensiva do material selecionado teve-se uma visão de conjunto dos dados; apreenderam-se as particularidades do conjunto do material a ser analisado; elaboraram-se pressupostos iniciais que serviram de baliza para análise e a interpretação do material; e escolheram-se as formas de classificação inicial e também se determinou os conceitos teóricos que orientaram a análise. A montagem da estrutura envolveu as categorizações e a distribuição das unidades que compõe o material. Foram identificadas as categorias que indicam os pontos de maior relevância elencados pelos colaboradores nas entrevistas;
- b) A exploração do material consistiu na análise propriamente dita e a distribuição dos trechos, frases ou fragmentos de cada entrevista pelo esquema de classificação inicial (escolhido na primeira etapa). Após, foi realizada uma leitura, dialogando com as partes dos textos em análise, o que permitiu identificar por meio das inferências, os núcleos de sentido apontados pelas partes dos textos. Buscaram-se os sentidos mais amplos socioculturais atribuídos às ideias, o diálogo entre as questões problematizadas, informações provenientes de outros estudos acerca do assunto e o referencial teórico do estudo. Configurou-se o diálogo dos núcleos de sentido presentes nos elementos do esquema de classificação para buscar as temáticas mais amplas ou eixos em torno dos quais foram discutidas as diferentes partes dos textos analisados;
- c) Na síntese interpretativa, foram reagrupadas as partes dos temas encontrados, elaborou-se uma redação por tema, de modo a dar conta dos sentidos dos textos e de sua articulação com os objetivos, questões e conceitos teóricos que orientaram a análise. Esta seguiu a categorização e estão dispostas no capítulo 5. Nesta etapa buscaram-se os sentidos mais amplos de articulação com ideias subjacentes. Para isso

fez-se o diálogo entre a fundamentação teórica adotada, informações de outros estudos e depoimentos; os depoimentos e seus contextos; depoimentos e observações registradas em campo; objetivo e pressuposto da pesquisa (GOMES, 2009).

2.4 Etapa IV

Nesta etapa, fez-se a redação do trabalho e preparação do livro “*Pescando Memórias na Praia do Paquetá*”, produto final deste trabalho.

2.4.1 Organização da dissertação

“Lançou-se a rede”, buscando memórias dos pescadores da Praia do Paquetá e a partir do produto dessa pesca, organizou-se o trabalho da seguinte maneira: na “Introdução”, apresentam-se os problemas da pesquisa, os objetivos, a justificativa e os referenciais teóricos. No Capítulo 2, “Metodologia”, explicita-se o percurso metodológico. Após, no Capítulo 3, “Tecendo Redes”, traz-se a revisão bibliográfica de trabalhos afins à pesquisa. Na sequência, no Capítulo 4, “O Paquetá e suas redes”, trabalha-se o cenário da Praia do Paquetá, sua relação com o Parque Delta do Jacuí e a interação com organizações ambientais, a saber: Fórum do Delta do Jacuí, Comitê Sinos e Consórcio Pró-sinos. No Capítulo 5, “Lançando as redes e pescando as memórias”, apresentam-se os personagens colaboradores da pesquisa e são analisados os testemunhos de 12 pescadores e pescadoras da Praia do Paquetá; por fim nas “Considerações Finais” apresentam-se, as percepções e ensinamentos compartilhados pelos pescadores da Praia do Paquetá. Ressalta-se que as imagens utilizadas neste trabalho são meramente ilustrativas e não foram alvo de análise.

2.4.2 Preparação do livro “Pescando Memórias na Praia do Paquetá”

O livro que é produto final desta dissertação foi finalizado após a defesa. O mesmo se encontra em anexo digital à mesma. Dele fazem parte informações sobre o contexto da região, personagens, as categorias analisadas nas entrevistas e a transcrição de suas memórias a partir da roteirização proposta na análise de conteúdo. É ilustrado com fotos produzidas durante a realização da pesquisa, matérias de jornais e materiais disponibilizados pelos próprios pescadores.

Na sequência, apresentam-se os estudos afins ao tema de pesquisa.

3 TECENDO AS REDES

Assim como o pescador utiliza linha, corda, anzóis e boias para montar seu cenário de trabalho, foram selecionadas pesquisas afins com o estudo sobre os pescadores da Praia do Paquetá para subsídio a esta dissertação. O material levantado foi segmentado em dois grupos. O primeiro reúne trabalhos que envolvem pescadores e ribeirinhos por meio de suas memórias e relações com o espaço em que habitam. O segundo engloba pesquisas que contemplam a região em estudo, no caso o Rio Grande do Sul, mais especificamente a Região do Delta do Jacuí, o Rio dos Sinos e a Praia do Paquetá, localizada no município de Canoas.

3.1 As vivências e memórias de ribeirinhos e pescadores em diferentes lugares do Brasil

No sentido de investigar pesquisas existentes sobre os relatos de memórias de pescadores e ribeirinhos, ampliou-se essa busca para trabalhos que apresentassem a temática de memória, ou relato de um determinado grupo que tivesse uma estreita relação com o elemento físico em questão: a água. A seguir, estão as principais discussões encontradas sobre este viés.

A pesquisa de Alves e Justo (2011) aborda as transformações vividas por uma comunidade afetada pela construção de uma usina hidrelétrica no rio Paraná. Os autores estabeleceram contatos com os moradores mais antigos e produziram, com eles, diálogos em situações diversas, como em visitas nas casas e rodas de conversas ocorridas nas calçadas (a vida de portas para fora). Identificou-se, em suas falas, que o rio é uma constante na vida do homem e todos têm contato com as águas. Os pesquisadores concluíram que não são apenas os ribeirinhos que têm suas vidas diminuídas ou anuladas quando lhes retiram o rio de suas existências, mas é a humanidade que perde uma importante fonte de geração de energia para a vida.

Ainda o estudo de Alves e Justo (2011) identifica ser o rio, parte insubstituível na vida do ser humano e que esse rio e a pesca são vistos como combustíveis da vida. Mesmo com seu iminente desaparecimento, o rio Paraná permanece na imaginação, como um dos principais monumentos da natureza e da cultura. Matar o rio, portanto, significa matar a subjetividade que se constitui a partir dele. Tal como os autores constataram nas falas dos ribeirinhos, sem a água viva, corrente e saudável do rio, a própria vida perde potência, desidrata-se e seca.

Uma segunda pesquisa, selecionada como subsídio, foi a de Silva (2006) sobre as territorialidades e modo de vida de pescadores do rio Itaquara, em Breves, no Pará. Neste estudo, verificou-se na prática pesqueira, uma diversidade de atores: pescadores, comunidades pesqueiras, associações de pesca, intermediários do pescado e órgãos de fiscalização. Cada um deles se relaciona de modo diferente com a obtenção e uso dos recursos naturais, materializando ações específicas para a delimitação do território de atuação e adotando territorialidades diversificadas e muitas vezes conflitantes.

Outro material que contribuiu para este trabalho foi “Ciclo de águas e vidas: o caminho do rio nas vozes dos antigos Vapozeiros e Remeiros do São Francisco”, de Oliveira (2009), que teve por objetivo estudar o rio com base nas lembranças de pessoas que trabalhavam nos vapores e barcas. Os conceitos vistos foram de espaço, lugar, percepção e memória, que permearam as lembranças, sob as temáticas da geografia, antropologia e história. Segundo a autora, o aspecto mais significativo foi o processo de diálogo estabelecido com os entrevistados e o sentimento de afeto entre o homem e o rio.

Também foi compilada pesquisa de Caetano (2012), denominada “Memória das Águas: práticas culturais e educativas de pescadores artesanais nas Ilhas de Abaetetuba/Pará”, que analisou a educação para diversidade, seja na escola formalmente, seja na prática cotidiana da pesca. O estudo concluiu que – ao analisar a prática educacional pela memória de pescadores artesanais – há uma atividade pesqueira, histórica, de cunho cultural e familiar no processo educacional, de acordo com o relato no tempo presente. Ainda, o autor constatou que a memória de quem trabalha na atividade pesqueira reconstrói novos horizontes para história da educação.

Já Rapozo e Witkoski (2011) procuraram compreender a relação entre o desenvolvimento da atividade pesqueira comercial na Amazônia e sua relação com as transformações sociais do trabalho por meio da inserção do capital na economia regional, a partir da percepção de memórias dos pescadores do Baixo-Solimões, no estado do Amazonas. Conforme os autores, a diversificação sobre as formas de apropriação social dos recursos naturais da região e sua relação com os sujeitos envolvidos demarcaram profundas modificações quanto ao modo de vida rural e as dimensões sociais do trabalho na Amazônia.

Encerrando as investigações sobre vivências relacionadas à água, utilizou-se o trabalho de Santos; Chiapetti (2013) sobre o rio das Contas, na Bahia. Este rio é considerado um importante marco histórico-social e cultural e fomentador do desenvolvimento de várias atividades como: captação de água para consumo, lazer, pesca, prática de esporte, transporte de pessoas, de mercadorias, entre outras. Os autores buscaram compreender o rio por meio de

sujeitos que o vivenciaram cotidianamente, dando ênfase as vivências destes para se compreender a importância do rio em suas vidas e seu bem-estar. Os resultados apresentaram diferentes formas de relação com o rio, como os canoístas, que têm uma sentimento de afetividade e amor pelo rio, porque a canoagem só é possível pela sua presença. Por sua vez, os caminhantes da margem apenas contemplam o rio na prática de sua atividade física. Como conclusão da pesquisa, apontaram que entender como as pessoas vivenciam o rio, no seu dia a dia, foi fundamental para compreender a importância de cuidar dos rios.

3.2 A pesca na região

Neste tópico, estão reunidas as discussões acadêmicas que versam sobre o meio físico água e a relação com a pesca. O recorte se deu, inicialmente, pelo estado do Rio Grande do Sul, passando ao Delta do Jacuí e seus afluentes, entre eles o Rio dos Sinos e a própria Praia do Paquetá. Como critério de seleção, foram considerados apenas os estudos que tivessem como ponto de partida a relação com o meio social, neste caso representado pela figura do pescador. A partir deste ponto, foi possível encontrar material que identificasse a região de estudo e que também propiciasse o cruzamento das informações levantadas durante as entrevistas.

No estudo de Garcez e Botero (2005), o objetivo foi caracterizar as comunidades de pesca artesanal do estado do Rio Grande do Sul. De acordo com eles, no Estado são comercializadas pelo menos 35 espécies de peixes. Dentre os principais problemas enfrentados pelos pescadores está a ausência de documentação, analfabetismo, baixa renda, conflitos com outros usuários do sistema hídrico, poluição e a modificação de *habitats* que interferem nas atividades da pesca. No levantamento, constatou-se que a atividade de pesca artesanal normalmente tem início na infância, em continuidade à principal atividade e ou profissão dos pais, sendo o conhecimento transmitido de pai para filho ainda na infância. Outra constatação foi a de que há considerável atuação das mulheres na atividade pesqueira, inclusive profissionalmente documentadas. Conforme Garcez e Botero (2005), durante os períodos de defeso¹⁰ (proibições de pesca), são buscadas opções econômicas, como serviços temporários sem carteira de trabalho assinada para não se perder o seguro desemprego (benefício governamental que permite auxílio financeiro temporário aos pescadores artesanais durante o período de defeso).

¹⁰ Período da Piracema, desova dos peixes, na região em estudo é de 01.11 a 31.01. Neste período é proibida a pesca para permitir a reprodução dos peixes.

Quadro 4 – Perfil dos Pescadores do RS - dados coletados em 2001

Estimativa de pescadores artesanais no Rio Grande do Sul	12.201 (sendo 8.841 documentados, ou seja, possuem carteira profissional emitida pelos órgãos competentes e 3.360 não legalizados).
Idade Média	A idade média dos pescadores é 42,9 anos.
Estado Civil	73% são casados.
Escolaridade	80% não completaram o 1º grau.
Gênero	Aproximadamente 10% são mulheres.

Fonte: Produzido pela Autora (2015), a partir dos dados apresentados por Garcez; Botero (2005).

Ainda de acordo com Garcez e Botero (2005), não há uma política de longo prazo para o setor pesqueiro no Rio Grande do Sul, assim como em todo o território brasileiro, sendo a pesca normalmente tratada de forma emergencial pela necessidade de resoluções rápidas, como nas quedas de safra das espécies comerciais.¹¹ Os autores também apontam a necessidade de programas de alfabetização, viabilização de documentação pessoal e cursos profissionalizantes visando agregação de valor ao pescado para fomentar a independência dos pescadores.

Complementando estes dados, em pesquisa recente sobre a situação na região do Delta do Jacuí (Rio Jacuí, afluentes e Lago Guaíba), Paula; Suertegaray (2013) verificaram que é comum a migração de pescadores entre áreas de pesca. Contudo, cada comunidade ainda se identifica com as áreas tradicionais de uso. Nesse espaço, tem-se discutido as principais problemáticas relacionadas com a pesca da região e pode-se verificar que são as mesmas já abordadas em estudo sobre a situação da pesca no Rio Grande do Sul, publicado em 2005. Para elucidar estes pontos, construiu-se um quadro, com base em Paula e Suertegaray (2013); Garcez e Botero (2005), destacando as atividades geradoras de conflitos com as percepções dos pescadores que em ambas as oportunidades relataram os fatos.

¹¹MINISTÉRIO DA PESCA E AQUICULTURA. Programa 2052 - Pesca e Aquicultura. Disponível em: <http://www.mpa.gov.br/index.php/acoes-e-programas>. Acesso em: 12 abr. de 2015.

Quadro 5 – Análise das atividades e seus reflexos na pesca

ATIVIDADE	REFLEXOS NA ATIVIDADE DA PESCA
Pesca predatória	Pesca predatória é apresentada como geradora de impacto ambiental direto na pesca artesanal. Indicam as ineficiências da fiscalização, principalmente nos períodos de Piracema. Existe um consenso de que a legislação deve ser revisada de acordo com as características ambientais da região (PAULA; SUERTEGARAY, 2013).
Efluentes domésticos	<p>A poluição é um impacto associado à urbanização da Região Metropolitana da capital. Os efluentes domésticos lançados nos corpos d'água comprometem a qualidade da água e a qualidade do pescado. Esse impacto tem levado os pescadores a desistir das áreas de pesca tradicionais, bem como, a praticar suas atividades em áreas distantes dos centros urbanos (PAULA; SUERTEGARAY, 2013).</p> <p>A diminuição do tamanho e da quantidade de pescado é apontada como uma das consequências da poluição gerada pelo despejo de esgoto doméstico in natura (GARCEZ; BOTERO, 2005).</p>
Resíduos sólidos	Os resíduos sólidos causam impacto sobre os materiais de pesca, o que dificulta os procedimentos das pescarias. Em função disso, os pescadores buscam áreas de pesca onde ocorram menos resíduos. Uma iniciativa da Colônia de Pescadores Z-5, relatada no Fórum Delta do Jacuí, é o Projeto Pescando Lixo, no qual os pescadores aproveitam o período da Piracema para recolher material reciclável no Lago Guaíba. Em 2011, foram coletadas, aproximadamente, 25 toneladas de plástico (PAULA; SUERTEGARAY, 2013).
Mineração	<p>A mineração frequentemente é relatada no Fórum Delta do Jacuí como causadora de impacto. Os pescadores destacam que a retirada de areia em áreas reconhecidas como de reprodução dos peixes, suga os alevinos¹², o que compromete as safras futuras. Além do impacto sobre a reprodução dos peixes, destacam que os areeiros não respeitam as áreas tradicionais de pesca e, costumeiramente, causam danos às redes dos pescadores artesanais (PAULA; SUERTEGARAY, 2013).</p> <p>Foi identificada no Estado a existência de conflitos entre os pescadores artesanais e mineradores de areia e a falta fiscalização das dragas de areia (GARCEZ; BOTERO, 2005).</p>
Agricultura	<p>A agricultura também é relatada nas reuniões do fórum dos pescadores como geradora de impacto ambiental na pesca. As bombas de sucção, utilizadas para a irrigação, sem a tela de proteção, suga os alevinos. Além disso, os agrotóxicos utilizados nas lavouras são levados para os corpos d'água onde habitam as espécies pesqueiras (PAULA; SUERTEGARAY, 2013).</p> <p>Foi identificada, no Estado, a existência de conflitos entre os pescadores artesanais e agricultores de arroz devido à poluição gerada pelo escoamento de defensivos agrícolas e também ao uso de bombas de sucção de água para irrigação dos plantios, frequentemente usadas sem as legalmente necessárias telas de proteção (GARCEZ; BOTERO, 2005).</p>

¹² Peixes quando recém-saídos dos ovos.

<p>Atividade industrial</p>	<p>A atividade industrial é indicada como causadora de impactos ambientais, tanto pelas bombas de sucção de água, quanto pelo lançamento de efluentes industriais sem tratamento nos corpos d'água. Esses efluentes, muitas vezes originários das indústrias localizadas nos rios que deságuam no Lago Guaíba, têm causado a extinção da atividade pesqueira em determinadas localidades (PAULA; SUERTEGARAY, 2013).</p> <p>A diminuição do tamanho e da quantidade de pescado também foi apontada como consequência da poluição gerada pelos rejeitos industriais (GARCEZ; BOTERO, 2005).</p>
<p>Fiscalização ambiental</p>	<p>Os impactos ambientais relacionados diretamente ou indiretamente com a pesca também ocorrem devido à ineficiência da fiscalização ambiental. Por esta razão, os pescadores artesanais têm abandonado áreas de pesca com as quais estavam familiarizados e têm percorrido distâncias maiores em busca de pescarias mais rentáveis (PAULA; SUERTEGARAY, 2013).</p> <p>Foi constatada, no Estado, nenhuma ou ineficiente fiscalização das práticas ilegais relacionadas ao setor pesqueiro, bem como pouco rigor quanto à expedição de documentação profissional. Ainda foi identificada, no Estado, a existência de conflitos entre os pescadores artesanais, órgãos fiscalizadores, como o IBAMA e a PATRAN. Outros questionamentos sobre a fiscalização estão o controle das liberações de alevinos e cultivos de espécies exóticas, fiscalização da pesca de arrasto, dragas de areia e bombas de sucção (GARCEZ; BOTERO, 2005).</p>

Fonte: Produzido pela Autora (2015), a partir de Paula; Suertegaray (2013) e Garcez; Botero (2005).

Na pesquisa de Paula et al. (2013) sobre a “Gestão Compartilhada dos Territórios da Pesca Artesanal: Fórum Delta do Jacuí (RS)”, há um capítulo dedicado aos pescadores da Praia do Paquetá. Neste trabalho, encontram-se relatos sobre as práticas da pesca e os problemas que os pescadores ali enfrentam, além da necessidade de buscarem locais de pesca mais distantes da área em que habitam. A partir dos relatos dos pescadores, o autor discorreu sobre as práticas que mais têm influência na atividade da pesca artesanal dos pescadores do Paquetá. São elas:

- A disputa territorial com esportes náuticos, como a navegação e o Jet-ski. Esse esporte está associado aos clubes que se instalaram em algumas ilhas próximas, o que acentuou as disputas territoriais com pescadores. Segundo eles, as hélices do Jet-Ski matam os peixes e a movimentação no rio causada pelo trânsito desses equipamentos influencia a dinâmica dos cardumes (PAULA, 2013).
- A questão da poluição com o deságue dos Rios dos Sinos e Gravataí. Os pescadores relatam, ainda, que diversos locais que eram territorialidades da pesca e que estão totalmente contaminados como a “Vala da Mathias”, a “Vala

da Petrobrás” e a “Vala Podre”, antigo “Arroio do Araçá”, esta na foz do Rio dos Sinos. Quanto à poluição industrial, os pescadores se referem também, às águas contaminadas pelos curtumes vindas do Rio dos Sinos (PAULA, 2013).

- A contaminação por agrotóxicos a partir das lavouras de arroz instaladas nos Rios Jacuí e dos Sinos, bem como pela pulverização aérea de agrotóxicos, atinge até mesmo durante a pesca (PAULA, 2013).
- As dragagens são apontadas também como impacto negativo, pois sugam os alevinos (PAULA, 2013).

As informações aqui dispostas auxiliaram na roteirização da entrevista sobre as realidades da Praia do Paquetá. As fontes referentes a trabalhos de memória são as linhas de discussões que mais se aproximaram ao tema aqui proposto. Ainda sobre estes elementos, levantados na bibliografia aqui disposta, eles contribuíram, inclusive, na construção dos núcleos de sentidos na análise dos testemunhos. Após “tecer as redes” que ambientam os temas deste estudo, passa-se a abrir outras “redes”, desta vez as que se consolidam no povoado.

4 O PAQUETÁ E SUAS REDES

Neste capítulo são abertas as redes que envolvem a Praia do Paquetá. Inicia-se pela sua caracterização, de modo a apresentar sua configuração no município, a formação do povoado, estrutura e serviços ofertados no local, bem como projetos previstos para futura revitalização da localidade. Do mesmo modo, apresenta-se o Parque do Delta do Jacuí, ao qual a Praia pertence, e o Fórum de pescadores do Delta do Jacuí, organização que os pescadores frequentam. E, por fim, busca-se apresentar as características físicas e biológicas do Rio dos Sinos, além de retratar seu contexto histórico e as relações sociais – neste caso com as instituições que representam a sociedade e o poder público no Rio dos Sinos.

4.1 Praia do Paquetá

A Praia do Paquetá é um tradicional ponto de lazer para a população de Canoas, principalmente no verão, quando as pessoas que não têm condições de viajar ao litoral aproveitam suas águas para se refrescar. De acordo com a Prefeitura Municipal de Canoas (2008), a região pertence à zona de urbanização secundária, estando entre os terminais hidroviários e o anel viário regional formado pelas rodovias federais BR-386 e BR-448. Em relação à mobilidade com a região central da cidade, há ligação com a Avenida das Canoas até a via que dá acesso a localidade – este trecho também conta com uma ciclovia, prevista em projeto do plano diretor, que deverá se estender até a praia. O mapeamento do uso do solo indica uma zona especial de interesse ambiental natural, com riscos de alagamento e sem dique. É uma Área de Preservação Permanente (APP) em toda sua extensão e está na APA do Delta do Jacuí, que a identifica como um núcleo de ocupação humana dentro da área de preservação. No panorama de desenvolvimento econômico, está identificada como área turística. E, em relação à infraestrutura, conta com o abastecimento de água, mas sem tratamento de esgoto (PREFEITURA MUNICIPAL DE CANOAS, 2008).

Em relação à origem do povoado, as informações são poucas. Silva (2003) descreve que o histórico do Paquetá foi narrado pelos moradores mais antigos da localidade: Manuel Bernardes Lopes, 67 e Nelson da Silva, 80 anos (idades informadas na pesquisa da autora acima citada). Segundo eles, o Paquetá era localizado na outra margem (direita) do Rio dos Sinos. Os moradores daquela margem buscavam alimentos no bairro Niterói e os veranistas chegavam ao local de barco. Era um local limpo, onde o pessoal se reunia para tomar banho e para “trovas” (SILVA, 2003). Também na pesquisa de Gossling et al. (2011), encontram-se

relatos semelhantes, apontando que na margem contrária à praia atual estava localizada a verdadeira Praia do Paquetá, que tinha atividades de praia e lazer ao redor de um velho bar. O local onde hoje está a Praia do Paquetá era conhecido apenas como prainha.

A partir de informações de Silva (2003), obtidas por meio do relato do senhor Manoel, tem-se que o proprietário das terras era Adolfo Trevo Balduim e que mais tarde invasores começaram a ocupar o local e a construir casinhas, aleatoriamente. O levantamento de Gossling et al. (2011) corrobora que o surgimento da Praia do Paquetá teve início quando o proprietário das terras da empresa Adubos Trevo (fábrica de fertilizantes) cedeu espaço para que o senhor Fernando Dias Reis pudesse acampar durante suas pescarias. Com o passar do tempo, outros pescadores começaram a ocupar o local.

Os moradores antigos do Paquetá, conforme Silva (2003) descrevem que o local tinha muitos maricás – árvores de médio porte. Com o passar do tempo, a área onde hoje está a Praia do Paquetá passou a ser roça e, depois, veio a se tornar tambo¹³, onde os leiteiros buscavam o produto que era vendido nas residências.

No início da década de 1970, com a necessidade de escoar a produção da fábrica Bianchini¹⁴, foi feita a dragagem do Rio dos Sinos para servir de canal de navegação. A retirada dessa areia teria sido depositada na margem onde nasceu a Praia do Paquetá de hoje. Neste momento, vieram os primeiros moradores atraídos pela beleza do local e pela tranquilidade. Os moradores, mesmo sem ser credenciados, desenvolviam atividades econômicas da pesca. O desenvolvimento do povoado também teve a contribuição dos visitantes que contribuíram para economia do local. E a grande mudança foi à vinda das instalações da rede de água tratada e elétrica (GOSSLING et al., 2011).

Ainda na construção de suas origens, a partir dos depoimentos dos colaboradores desta dissertação, os moradores evidenciam as dificuldades encontradas para quem desbravou aquelas terras. A formação do povoado deu-se pela chegada das famílias de pescadores que migraram das ilhas do Delta do Jacuí. Dentre eles, os pais dos irmãos Miro (53 anos) e Alemão (44 anos). Alemão lembra que:

Essa estrada nós abrimos. Nos criamos neste mato. Essa estrada era lá dentro, era lá do [Rio do] Sinos. Fomos nós que ajudamos a aterrar aqui, a colocar os canos [de água]. Aqui era tudo areia. O pai morava aqui e nós morávamos ali na esquina, num galpão.

¹³ No RS é o local onde ficam as vacas para a venda do leite.

¹⁴ A Bianchini S.A é uma empresa de beneficiamentos de grãos, com fábrica localizada em Canoas no bairro Mato Grande. É citada como ponto de referência diversas vezes neste trabalho pelos moradores deste local.

O relato de Miro reforça que a Praia era na outra margem (direita) e como iniciou a ocupação da localidade em que moram hoje. Ele diz que:

Isso aqui era mato. A praia do Paquetá, mesmo, não era aqui. Era lá do outro lado [margem direita do rio]. Então, lá foram fechando, porque foram criando plantação de arroz e aí começaram a cortar o acesso, as pessoas aí começaram a vir para cá. Nós já morávamos aqui. Aí o pessoal começou a entrar e a abrir para passar carroça, bicicleta. Aí o pessoal foram abrindo e começaram a vir carro, trator.

Em uma edição de um periódico de Canoas, datado de 6 de outubro de 1978, também encontra-se o registro do pedido de cedência do Paquetá já consolidado como área de lazer da cidade.

Figura 3 – Matéria do Timoneiro sobre a Praia do Paquetá em 1978



Com base nos dados do Censo 2010, a população da Praia do Paquetá é de 294 moradores (158 homens e 136 mulheres), distribuídos em 113 domicílios (IBGE, 2010). De acordo com a Prefeitura Municipal de Canoas, deste total, 138 são pescadores tradicionais. O poder público municipal reconhece o local como referência para a prática da pesca artesanal. A ocupação humana é ordenada, com unidades habitacionais adequadas, construídas em madeira, alvenaria ou mistas, e também há moradias em condições precárias (SEMA, 2014). Em períodos de cheia, o povoado enfrenta o isolamento por via terrestre – nem mesmo ônibus

conseguem vencer o volume de água acumulado na estrada de acesso à localidade. O alagamento também traz riscos e dificuldades aos moradores, principalmente quando o nível do rio atinge a altura dos relógios de medição de energia, levando à interrupção no fornecimento de eletricidade. No ano de 2011, quando o nível do Rio dos Sinos passou dos 2,40 metros, a população ficou ilhada no local, sendo atendida pela Defesa Civil de Canoas. (SEMA, 2014). A visita da Defesa Civil no local é constante no período mais chuvoso do ano, o que foi possível constatar durante as visitas à Praia do Paquetá. Isto é ilustrado na matéria publicada em 2014, a seguir (Figura 3).

Figura 4 – Matéria sobre as enchentes do Diário de Canoas em outubro de 2014

Só de barco para andar no Paquetá

Alunos têm dificuldade de ir à escola

LETICIA MARCHETTI

Canoas - A água invadiu a Prainha de Paquetá e a população teve que se locomover de barco, na manhã de ontem.

Quem optou por andar a pé precisou enfrentar a água pela cintura. Foi o caso do autônomo Sérgio Adriano Bravo Capileira. “Vim ajudar meu tio que mora aqui, e trouxe gasolina para o barco dele e mantimentos para família”, explica.

O padreiro Vitor Ianosky só conseguiu sair de casa com um barco emprestado de um vizinho. “A Prainha de Paquetá está bastante alagada, e estou andando de barco desde segunda-feira. Agora nem ônibus consegue passar aqui e as crianças não estão indo à escola”, enfatiza. A neta dele, a menina Hillary Ianosky Pereira, de 10 anos, já faltou dois dias de aula devido às cheias.



REMANDO: para atravessar rua ou com água no joelho

Tendência é água baixar

“Não posso ir para a aula porque os ônibus não conseguem passar por aqui. Isso sempre acontece quando chove. Aí, tenho que faltar ao colégio”, comenta a estudante do 4º ano do Ensino Fundamental.

O pescador João de Castro também teve a casa alagada e ficou ilhado. “Para sair só se eu pegar a carona em um barco de algum amigo ou vizinho. Tenho que contar com a ajuda de outras pessoas”, cita.

Segundo o secretário especial da Defesa Civil de Canoas, coronel Rodolfo Pacheco, a tendência nos próximos dias é as águas baixarem. “As cheias de Paquetá são reflexo da chuva da última semana. Como parou de chover a tendência é as águas já começarem a baixar a partir de hoje”, explica.

Fonte: Diário de Canoas publicado em 22-10-2014.

Em relação à estrutura pública, o Plano de Manejo do Delta do Jacuí (SEMA, 2014) informa que recolhimento do lixo é realizado pela Prefeitura de Canoas, duas vezes por semana, constatando a disposição do lixo em locais inadequados, nas margens do Rio dos Sinos. Nas visitas feitas em 2015, observou-se a instalação de contêineres para depósito de resíduos em muitos pontos próximos do rio.

Figura 5 – Imagem de lixeira lotada em outubro de 2014



Fonte: Imagem cedida por Claiton Dornelles.

Figura 6 – Imagem de contêiner, em 21 de março de 2015



Fonte: Imagem cedida por Claiton Dornelles.

Na imagem apresentada na Figura 5, pode-se verificar que a situação de acúmulo de resíduo, citado no Plano de Manejo do Delta do Jacuí, era fato constante na localidade. Na Figura 6, apresenta-se o modelo de contêiner que a Diretoria de Limpeza da Secretaria Municipal de Serviços Urbanos passou a disponibilizar no local.

Ainda de acordo com o Plano de Manejo do Delta do Jacuí (SEMA, 2014) não há escolas, nem postos de saúde na área inserida na APP e o transporte público que atende a localidade é o da Linha Mato Grande. Conforme os relatos dos colaboradores desta pesquisa, as famílias recebem visitas do Programa Saúde da Família (PSF) e estudam nas escolas municipais próximas ao povoado: EMEF Rui Cirne Lima e EMEF Rio Grande do Sul, ambas no Bairro Mato Grande. Quanto ao transporte público, os colaboradores disseram que uma reivindicação da população local é que a grade de horários deveria ser ampliada.

No que diz respeito ao veraneio no local, segundo informações da Prefeitura de Canoas, a Praia do Paquetá é referência municipal como balneário e chega a receber mais de três mil pessoas. Também informa sobre o projeto de revitalização para a área, intitulado “Projeto de Ecoturismo da Praia de Paquetá”, incluído nos investimentos para o núcleo temático Parques da Copa (SEMA, 2014). O que, de fato, não se concretizou.

Com base nas informações de Klein (2014), o ponto de partida para a Prefeitura de Canoas repensar a utilização da Praia do Paquetá foi o município ter se candidatado a ser uma base de treino para seleções participantes do Mundial FIFA de 2014. Nesse contexto, a ideia era transformar a comunidade em uma atração turística, sem danos à preservação do Parque Estadual do Delta do Jacuí. A partir disso, o poder público municipal contratou um projeto de ecoturismo elaborado por professores da UFRGS (entregue no primeiro semestre de 2013), que envolveu diversas áreas de estudo da Universidade – da arquitetura à biologia. No projeto, estava prevista a manutenção das famílias de pescadores que vivem no local com a preservação do tipo de residência construída sobre palafitas e a área inundável serviria de estacionamento e ciclovias, sem prejudicar o rápido deslocamento em casos de cheia do rio.

Ainda em relação à revitalização da Praia do Paquetá, durante solenidade do município na Festa de Navegantes de 2015, o Prefeito de Canoas citou o referido projeto e anunciou que iniciará a discussão da proposta com a população local. O potencial turístico do Paquetá ainda não é explorado ordenadamente, mas independente dos projetos já é um uso consolidado, como exemplificado na matéria a seguir (Figura 7), publicada em dezembro de 2014, que enfatiza a falta de qualidade das águas no local para banho, mas indica a praia como destino de lazer.

Figura 7 – Matéria Jornal Diário de Canoas sobre a movimentação do verão na Praia do Paquetá

COMUNIDADE

Paquetá, opção para aliviar o calor intenso

Mas, Bombeiros não recomendam banhos no local

SIDNEY DE JESUS

Canoas - O verão está chegando e o sol convida as pessoas a se refrescar. A estação, que se inicia no dia 21, promete um calor persistente e sufocante já neste final de semana. Quais as alternativas dos canoenses para suportar o verão? Muitos vão às praias do litoral norte e até para Santa Catarina. Há quem prefira as piscinas dos clubes do município.

Mas há também os que procuram curtir e aliviar o calor às margens da tradicional Prainha do Paquetá – água poluída do Rio dos Sinos, no bairro Mato Grande. Essas pessoas fazem da Prainha o lugar de veraneio e refúgio para se refrescar do calor. Muitos moradores da Prainha – que tiram seu sustento com a pesca no inverno –, aproveitam o grande número de visitantes para ganhar um bom dinheiro com o comércio de produtos alimentícios e bebidas.

É o caso da comerciante ribeirinha Adriana Carvalho, 44 anos. Proprietária de um bar próximo à orla, o verão para ela significa grande faturamento.

Nome instituído

O nome "Prainha do Paquetá" foi instituído pelo vereador e vice-presidente da Câmara, Paulo Ritter. O projeto foi sancionado pelo prefeito Jairo Jorge, em novembro. "Fiz uma pesquisa sobre os pescadores do Paquetá e descobri que a praia não tinha nome oficial. Ritter colocou artigo definindo os pescadores do local como comunidade tradicional. "Com isso eles podem conseguir recursos de financiamento federal, para possíveis projetos culturais. Eles podem ser os grandes guardiões da preservação ambiental e do monitoramento da qualidade das águas", opina.



PAISAGEM: bem arborizado, local é preferido por muitos para se refrescar no verão

Beleza natural, ar puro e bela paisagem

Moradores de Porto Alegre, o casal Ivan Hubner, 51, e Josiane Oliveira Jaques, 38, freqüenta seguidamente a Prainha do Paquetá. Eles costumam trazer também os cinco filhos para o local nos finais de semana. "Aqui tem beleza natural e ar puro. Sentamos num bar e tomamos a nossa cervejinha com tranquilidade, observando a bela paisagem", revela Ivan. Muitas vezes eles vieram da capital à Prainha de mo-

tu ou de bicicleta. "Somos aventureiros e gostamos da natureza. Vamos às praias do litoral norte também, mas adoramos o Paquetá", afirma orgulhoso. "Tenho alguns familiares em Canoas e nos encontramos aqui algumas vezes. A diversão é garantida. Fica tudo em família. Com o calor, até nos banhamos na Prainha, mesmo sabendo que o local impróprio para o banho", afirma Josiane Oliveira.

PROJETO PREVÊ REMODELAÇÃO

"A Prainha do Paquetá deve passar por várias intervenções. Através de estudo desenvolvido pela Faurgs, concluímos a primeira fase do projeto que prevê o asfaltamento da entrada do local, construção de praças, churrasqueiras, quiosques, além da implantação de um pier, entre outras melhorias", revela o secretário municipal de Desenvolvimento Econômico (SMDE), Mário Cardoso. Ele ressaltou que a Prefeitura está captando recursos para execução das obras, que estão orçadas em aproximadamente R\$ 4,3 milhões. "Estamos tentando os recursos com o Governo Federal ou através de parcerias pública privadas." Conforme ele, a Prefeitura faz a manutenção do local regularmente.



APROVEITANDO: Josiane e Ivan curtem bastante a praia

Aproveite, mas sem banho

O Corpo de Bombeiros de Canoas alerta sobre os riscos de incidentes que acontecem nesta época e dos locais impróprios para banho. De acordo com o comandante do 8º Comando Regional de Bombeiros, tenente-coronel Carlos Daniel Schutz Co-

elho, com o intenso calor as pessoas procuram as águas internas sem se importar se são impróprias para banho, além de não terem o cuidado necessário para evitar acidentes. "Não recomendamos banho na Prainha de Paquetá, mas não podemos proi-

bir. É uma área de risco. Como não tem permissão de banho não há possibilidade de contar com salva-vidas", afirma o comandante, que ressaltou que o local é impróprio para banho, seja pela condição de perigo, como também pela poluição.

Fonte: Diário de Canoas publicado em 06-12-2014.

Em relação às principais atividades econômicas da Praia do Paquetá, o Plano de Manejo do Delta do Jacuí (SEMA, 2014) identifica a pesca e a reciclagem de lixo. Registra também que, durante o verão, o comércio aumenta e que são montadas tendas durante os finais de semana. Os demais estabelecimentos funcionam durante todo ano, são eles: armazéns, bares e padarias, venda de pescado e artesanato. A população residente também desenvolve atividades profissionais fora da região e estão organizados na Associação de Moradores e Pescadores da Praia de Paquetá (SEMA, 2014).

Para ilustração da estrutura encontrada na região, a seguir apresentam-se algumas imagens da localidade (Figura 8, Figura 9 e Figura 10).

Figura 8 – Imagem de casa abandonada em processo de deterioração em março de 2015



Fonte: Imagem cedida por Claiton Dornelles.

Figura 9 – Imagem de Casa alta (palafitas) para os períodos de cheia do rio em outubro de 2014



Fonte: Imagem cedida por Claiton Dornelles.

Figura 10 – Imagem do novo acesso com indicação da Praia pela BR-448 inaugurado em dezembro de 2013



Fonte: Imagem cedida por Claiton Dornelles.

Em novembro de 2014, a Câmara de Vereadores de Canoas aprovou, por unanimidade, o projeto de lei que reconhece a localidade com o nome Praia do Paquetá e também a reconheceu como uma comunidade tradicional. Na Figura 11, o registro da imprensa do momento com os pescadores e vereadores do município.

Figura 11 – Matéria Jornal Timoneiro sobre a oficialização do nome Praia do Paquetá



Fonte: Timoneiro edição de 14 a 20 de novembro de 2014, p. 6.

4.2 Parque do Delta Jacuí

O Parque Estadual Delta do Jacuí é uma Unidade de Conservação (UC) de proteção integral, administrada pela SEMA/RS. Ele é formado pelo encontro dos rios Gravataí, Sinos, Jacuí, Taquari e Caí. Seus ambientes são constituídos por canais, sacos, ilhas fluviais e áreas continentais com banhados, florestas aluviais, várzeas e campos sujeitos a inundações periódicas. O Parque foi criado em 1976 e ampliado em 1979, ocupando uma área de 17.245 hectares (ha). Em 2005, foi criada a Área de Proteção Ambiental Estadual Delta do Jacuí (APAEDJ), com mais de 22 mil hectares, correspondente ao Parque Estadual Delta do Jacuí (PEDJ) e seus limites. Abrange as áreas dos municípios de Porto Alegre, Canoas, Nova Santa

Rita, Triunfo, Charqueadas e Eldorado do Sul (SEMA, 2014). Foram criados desde sua fundação diversos projetos e programas visando a proteção da área e a implantação do parque dentre eles o Plano Básico do Parque Estadual Delta do Jacuí (PLANDEL), datado de 1976 e o Plano de Manejo do Delta do Jacuí de 2014.

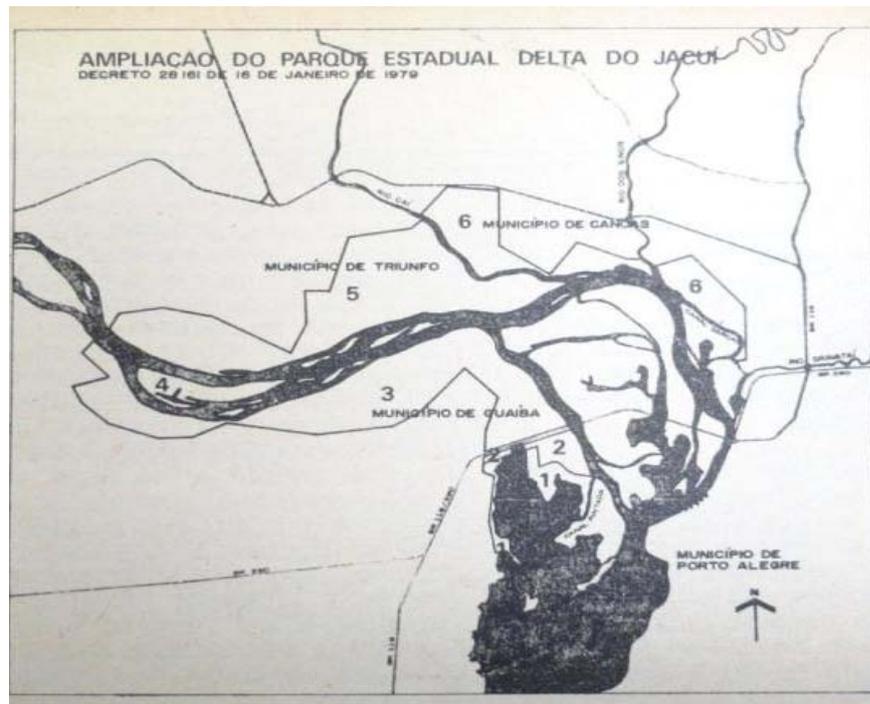
Na cidade de Canoas, em 1979, foi noticiada a ampliação do Parque sendo destaque no periódico do município e o mapa com a alteração da área que hoje corresponde ao parque (Figura 12 e Figura 13).

Figura 12 – Matéria periódico Timoneiro relatando o aumento da área do Parque do Delta em 1979



Fonte: Timoneiro 16-03-79, p. 3.

Figura 13 – Matéria Timoneiro com mapa da área ampliada do Parque do Delta em 1979



Fonte: Timoneiro 16-03-79, p. 3.

O Parque Estadual Delta do Jacuí tem como objetivos a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, que permita a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação ambiental, de recreação em contato com a natureza e turismo ecológico. O mesmo é constituído por uma área verde próxima a parte mais populosa da Capital. O Plano de Manejo do Delta do Jacuí tem como suas diretrizes: regular sua utilização como área verde; propiciar a sua atuação como um filtro natural, pois está situado na abertura dos rios com os mais altos índices de poluição no Estado; sendo assim um dos mecanismos de manutenção de bons níveis de produtividade de pescado; oferecer condições básicas para propiciar lazer à população; constituir local com alta produtividade biológica (SEMA, 2014). Segundo o Plano de Manejo do Delta do Jacuí (SEMA, 2014) são registradas 99 espécies de peixes. A maioria dos peixes do Delta é constituída de espécies que exploram o substrato – a qualidade do sedimento parece ser um fator importante. Dessa forma, a preservação da integridade e da qualidade do substrato, a preservação de margens, o controle das atividades de extração de minérios e a redução na carga de poluentes orgânicos e industriais na área do Delta são fatores essenciais para a manutenção de muitas espécies de peixes. A falta de regramento e de fiscalização da pesca também foi apontada como um problema para a conservação de espécies de peixes no Delta.

A fim de listar as espécies de peixes encontradas na região, utiliza-se o mapeamento das espécies identificadas por Garcez e Botero (2005) na região do Delta do Jacuí que são exploradas pela pesca artesanal. Estes mesmos peixes também surgem na descrição dos pescadores durante sua colaboração com a pesquisa.

Quadro 6 – Peixes explorados por pescadores no Delta do Jacuí
(Rio Jacuí, afluentes e Lago Guaíba)

NOME COMUM	NOME CIENTÍFICO
Bagre	<i>Netuma barba e N. planifrons</i>
Biro	<i>Pseudocurimaragilberti</i>
Carpa cabeça grande	<i>Aristichthysnobilis</i>
Carpa capim	<i>Ctnopharyngodonidella</i>
Carpa comum	<i>Cyprinuscarpio</i>
Carpa espelha	<i>Cyprinuscarpiovar.specularis</i>
Carpa húngara	<i>Cyprinuscarpiovar. Húngara</i>
Carpa prateada	<i>Hypophthalmichthysmolitri</i>
Dourado	<i>Salminusorbignyanus</i>
Grumatá	<i>Prochiloduslineatus</i>
Jundiá	<i>Rhamdiaspp</i>
Piava	<i>Lepurinusobtusidens</i>
Pintado	<i>Pimelodusmaculatus</i>
Traíra	<i>Hoplasmalabaricus</i>

Fonte: Produzido pela Autora, 2015. Adaptado com dados de Garcez e Botero (2005) principais peixes explorados no Rio Jacuí, afluentes e Lago Guaíba.

Os pescadores confirmam as variedades de pescado que encontram na região, como citou Miro:

Eu pego de tudo aí que é de água doce. Pego pintado, jundiá, traíra e grumatá. Grumatá é um peixinho que ele dá bastante, mas só em filé pra comer ele. Aí, eu trabalho ele, eu tiro o filé dele e depois eu ainda trabalho ele, sabe, para não deixar espinha. Tem gente que não sabe fazer.

A referência ao parque do Delta do Jacuí é de extrema importância, pois os planos de conservação do local diagnosticam e apresentam as diretrizes de desenvolvimento para as comunidades que habitam dentro do parque, como é o caso da Praia do Paquetá. Esta conformação de planos municipais e estaduais contém as diretrizes que permitem a manutenção do local.

4.3 Fórum de Pescadores do Delta do Jacuí

O Fórum Delta do Jacuí, foi criado em março de 2009, a partir da mobilização dos pescadores artesanais das colônias de pescadores Z-4 e Z-5¹⁵ e das associações de pesca da região. É um órgão com a finalidade de cooperativa com o setor pesqueiro artesanal na esfera política, econômica e jurídica. Sua formação se dá por entidades e representantes da sociedade civil organizada e dos poderes públicos federal, estadual e da representação de municípios da região. As localidades pesqueiras que fazem parte estão situadas no Rio Jacuí, Rio dos Sinos, Delta do Jacuí, Lago Guaíba e Norte da Laguna dos Patos (PAULA; SUERTEGARAY, 2013).

De acordo com projeto realizado pelo Centro de Assessoria Multiprofissional - CAMP (2010), os pescadores artesanais de comunidades da região do Delta do Jacuí apontam a degradação ambiental e a desgastada gestão dos recursos pesqueiros como os fatores que levam o empobrecimento dos pescadores. Os conflitos existentes são os mais diversos entre pescadores artesanais e demais grupos sociais. Eles ocorrem pela competição por uso dos recursos naturais, principalmente em relação aos ambientes aquáticos, como o trânsito de dragas e retiradas de areia dos rios, desmatamento das margens, uso irregular de bombas de sucção, que provocam a diminuição ou o desaparecimento de espécies da fauna e flora. Outra causa da situação relatada é a falta de gestão dos órgãos públicos responsáveis pelo ordenamento e fiscalização da pesca. Uma das causas apontadas é a falta de participação da comunidade que utiliza os recursos pesqueiros, pois as políticas públicas voltadas para pesca são elaboradas em cima de dados nacionais, sem levar em consideração as peculiaridades locais e os órgãos fiscalizadores são apontados como repressores (CAMP, 2010).

A pesquisa de Paula (2013) aponta que o Fórum foi criado na busca de resoluções de enfrentamento à crise ambiental vigente na pesca artesanal na sua área. Observou também que impactos ambientais causados pela pesca predatória e por outras atividades econômicas têm

¹⁵ Colônia de pescadores em que os pescadores da Praia do Paquetá são associados.

causado a desterritorialização e o estabelecimento de novos territórios dos pescadores artesanais. Assim, estabelece-se um contexto de conflitos e disputas territoriais que influenciam o conteúdo dos conhecimentos tradicionais. Como espaços de discussão, ocorrem as assembleias gerais do Fórum, nas quais há troca de conhecimentos locais com técnicos e científicos. Esse processo identifica concordâncias e rupturas entre os participantes que dialogam sobre a gestão ambiental e a gestão compartilhada da pesca artesanal.

4.4 O Rio dos Sinos

A Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos está situada a nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, nas províncias geomorfológicas do Planalto Meridional e Depressão Central. Com área de 3.746,68 km², compreende municípios como Campo Bom, Canoas, Gramado, Igrejinha, Novo Hamburgo, São Leopoldo, Sapucaia do Sul, Taquara e Três Coroas, com população estimada em 1.249.100 hab. Os principais corpos de água são o Rio Rolante, O Rio da Ilha, O Rio Paranhana e o Rio dos Sinos. Este último tem sua nascente na cidade de Carará e desembocadura no Delta do Jacuí. Os principais usos das águas na bacia estão destinados ao abastecimento público, uso industrial e irrigação. As áreas mais conservadas se encontram a montante¹⁶ da bacia. O maior problema está no despejo de efluentes industriais e, principalmente, domésticos sem tratamento nos cursos de água (SEMA, 2010).

Ao buscar a procedência do nome do rio, Kayser (2013) relata que a denominação Sinos aparece em vários documentos. A respeito de sua origem surgem várias histórias. Em uma, diz-se que no rio foram encontrados vários sinos. Em outra, que estes sinos seriam parte de riquezas lançadas ao rio pelos Jesuítas fugidos das missões guarani. E também há a possibilidade do nome ter derivado da palavra Sinus (em latim seio, enseada ou sinuoso), em referência às muitas curvas do rio.

Em relação à quase total inexistência da pesca no Rio dos Sinos, a pesquisa de Paula (2013) identifica a desterritorialização¹⁷ da pesca neste rio. Conforme os relatos coletados pelo pesquisador já citado junto aos pescadores de Sapucaia do Sul, o exagero de poluição provocou consequências graves sobre a quantidade e a qualidade dos peixes. Destacou ainda, que a pesca nesse rio é considerada como em processo de extinção, mas ainda ocorre em algumas áreas, próximas dos canais com maior vazão e, por isso, a água não está tão poluída. Entretanto, tais áreas não são suficientes para subsistência à comunidade que ali pesca.

¹⁶ Montante ponto mais alto em relação a outro em um rio. Ponto mais próximo a nascente.

¹⁷ Perda, mudança de um território.

Ainda a partir dos relatos dos pescadores do Rio dos Sinos, Paula (2013) elenca uma série de consequências desta situação de desterritorialização, listadas a seguir:

- Leva os pescadores locais a estabelecerem territorialidades em outras áreas como os Rios Jacuí e Ibicuí. Entretanto, destaca-se que muitos pescadores estão buscando melhorar as infraestruturas de navegação e de pesca para viabilizar pescarias em locais mais distantes.
- Impacta a comunidade local tanto economicamente, quanto culturalmente. A desterritorialização está diretamente relacionada com a contaminação dos corpos hídricos por dejetos industriais. Essa situação configurou uma grave crise ambiental na pesca artesanal dos municípios de Sapucaia do Sul, Nova Santa Rita, Esteio e Canoas, dos quais os pescadores estabeleciam territorialidades nesse rio. Segundo os pescadores de Sapucaia do Sul, além da grande mortandade de peixes que ocorreu no ano de 2006, todo ano ocorrem, no mínimo, dois eventos de contaminação que resulta nesse processo.
- A maior parte dos dejetos lançados sem tratamento é de origem dos diversos “curtumes” da indústria calçadista. Em períodos chuvosos, principalmente, esses poluentes são levados para o rio, sendo possível observar nos dias seguintes, a mortandade de peixes.
- A contaminação é agravada em decorrência dos agrotóxicos das lavouras de arroz que estão situadas nas margens desse rio. Também são lançados efluentes de esgoto doméstico, sem tratamento, dos centros urbanos localizados nas margens do rio.
- As empresas mineradoras de areia também afetam as territorialidades dos pescadores. A mineração é prejudicial no que diz respeito à produtividade pesqueira nesse rio, pois atua desrespeitando o período da Piracema, em áreas de reprodução.

4.5 Comitê Sinos

O Comitê Sinos é o comitê mais antigo do Brasil. Para entender o processo que levou a sua formação, faz-se um breve histórico da conjuntura socioambiental do Brasil. Com o início da abertura política¹⁸, começou-se a discutir a democratização da gestão das águas (a partir de 1978), na qual agentes sociais teriam uma atuação mais efetiva nas decisões sobre os usos das águas. A bacia hidrográfica passou a ser definida como unidade de gestão, sendo este

¹⁸ Chama-se abertura política ao processo que culminou com a liberação do Brasil do regime militar que governou o país de 1964 a 1985.

conceito incorporado ao plano estadual de recursos hídricos, permitindo os usos múltiplos das águas (SINISGALLI; MEDEIROS; ROMEIRO, 2009).

Segundo Cánepa et al. (2004), entre os anos 1970 e 1980, a sociedade em geral começava a se mobilizar em uma série de movimentos ambientalistas, preocupados com o aumento da degradação ambiental, especialmente a dos corpos d'água. Na região Metropolitana de Porto Alegre, três cursos d'água causavam grande preocupação: o Lago Guaíba, o Rio dos Sinos e o Rio Gravataí, em virtude de estarem localizados em região altamente industrializada e urbanizada. A degradação ambiental dos rios da região foi retratada em matéria de um jornal em 13 de outubro de 1978.

Figura 14 – Matéria do Timoneiro sobre a poluição dos rios em 1978



Fonte: Timoneiro 13-10-78, p. 3.

Ainda conforme Cánepa et al. (2004), o nascimento do Comitê Sinos foi em 1987. Naquele ano, deu-se início à campanha SOS Sinos, liderada por entidades ecológicas da região, meios de comunicação locais, autoridades estaduais e locais e setores da indústria. O movimento tem como marco a realização de um seminário na Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS). E no ano 1988, a partir do decreto governamental, o Comitê Sinos tornou-se o primeiro comitê de gerenciamento de bacia de um rio estadual implantado no país. Dentre seus objetivos, estavam os estudos técnicos, mobilização da sociedade, conscientização da população e gerenciamento da bacia hidrográfica.

Ao retratar os fatos históricos da Gestão hídrica, Sousa (2004) refere-se ao enraizamento sociocomunitário na criação dos comitês do Rio dos Sinos e do rio Gravataí. Estes comitês foram destaques da participação social na gestão hídrica no Brasil, sendo o Comitê Sinos o primeiro caso registrado de surgimento de comitês de bacia hidrográfica sem a iniciativa exclusiva do poder público. Em 1988, em conjunto com usuários da água (indústria e agricultura), municípios, e, com apoio, do Estado, fundaram o Comitê Sinos, de caráter consultivo, com objetivo de promover a melhoria da qualidade das águas e do meio ambiente nas suas bacias.

Na conjuntura atual o comitê Sinos tem outras ações que são destaque de envolvimento com a sociedade, nos seguintes projetos:

- Projeto Verde Sinos, viabilizado por meio do Programa Petrobras Socioambiental com o apoio da UNISINOS, sendo parceiros na pesquisa que dá suporte às ações de preservação e recuperação, além de enriquecer a Educação Ambiental em diversos municípios (BECKER JUNIOR, 2013).
- Projeto Peixe Dourado, em convênio entre a UNISINOS e o Ministério do Meio Ambiente, que envolve professores e alunos, aliando a pesquisa científica e a educação ambiental a partir de estudos sobre o dourado. É mantido com apoio de prefeituras e outras entidades da região (BECKER JUNIOR, 2013).
- Projeto Monalisa, que mapeou e expôs mais de oito mil pontos de impactos ambientais na Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos. Foi desenvolvido com recursos da SEMA e UNISINOS (BECKER JUNIOR, 2013).

Em julho de 2014 foi concluído o Plano¹⁹ de Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos com a proposição de 37 ações para os próximos 25 anos, visando à recuperação e conservação da qualidade das águas, conforme informado em seu sítio eletrônico.

4.6 Consórcio Pró-Sinos

Além do Comitê Sinos surgiu em 2006, o consórcio Pró-Sinos, criado após um dos maiores desastres ambientais da história do Rio Grande do Sul: a mortandade de peixes que atingiu o Rio dos Sinos. Este acidente, decorrente da liberação de um efluente industrial no Arroio Portão, em Estância Velha, provocou a morte de mais de um milhão de peixes ao longo do arroio e do rio e foi o motivador da criação do Consórcio.

¹⁹ Matéria intitulada de Lançado o Plano de Bacia do Rio dos Sinos postada em 06.07.2014. Disponível em: <<http://www.comitesinos.com.br/2014/07/806/>>. Acesso em: 19 mar. 2015.

O Consórcio Pró-Sinos é uma associação pública de natureza autárquica, integrante da administração indireta que obedece aos princípios da administração pública. Seu quadro funcional é composto por servidores públicos dos entes consorciados e por pessoal contratado. Entre suas finalidades estão defender, ampliar e promover a interação, fortalecer e desenvolver a capacidade administrativa, técnica e financeira dos serviços públicos de saneamento básico nos municípios que integram o consórcio. O Consórcio, também realiza estudos de natureza técnica e social nas áreas de meio ambiente e saneamento, desenvolvendo um programa permanente de educação ambiental (PRÓ-SINOS, 2014).

Em relação ao processo judicial quanto ao crime ambiental da mortandade dos peixes no Rio dos Sinos, a denúncia dos promotores de Justiça de Estância Velha e de Portão aponta que a liberação do efluente industrial ocorreu nos dias 8 e 22 de outubro de 2006. As coletas de amostras de água, peixes e sedimentos evidenciaram alto grau poluidor que partiu da empresa Utresa. Também foi apurado que a contaminação foi de natureza irreparável, em especial no que toca à poluição hídrica (JUSBRASIL, 2010). Em 2010, a justiça considerou culpado o engenheiro responsável pela Utresa, condenando-o a pena de quatro anos e seis meses de reclusão e três anos de detenção em regime semiaberto. Ele já havia sido condenado em 1º Grau, no mês de março de 2009, às penas de 18 anos de reclusão, em regime inicial fechado, mais 12 anos de detenção (JUSBRASIL, 2010).

Já a ação civil pública proposta pela Colônia de Pescadores Z-5 contra as empresas Utresa, Curtumes Paquetá, Gelita do Brasil S/A, Curtume Kern Mattes Ltda. e PSA Indústria de Papel S/A. em 2011, foi julgada improcedente, cabendo recurso da sentença, que concluiu que os pescadores integrantes da Colônia Z-5 não foram atingidos com a mortandade de peixes ocorrida no Rio dos Sinos em outubro de 2006, pois sequer pescavam no local. Na ação, a Colônia buscava o direito a receber indenização das empresas que lançaram resíduos no manancial pelo prejuízo de seus associados em função da paralisação de suas atividades. Na época, havia 765 famílias que dependiam da pesca para sobreviver (TRIBUNAL DE JUSTIÇA RS, 2011). Até o presente momento, segundo os pescadores, existe um parecer favorável de um dos juízes que analisou o processo, mas não se tem nenhuma informação jurídica sobre o recurso para reverter a sentença.

A seguir, passa-se aos resultados do trabalho de memória empreendido junto aos pescadores da Praia do Paquetá.

5 LANÇANDO AS REDES E PESCANDO MEMÓRIAS

Ouvir a voz dos excluídos e dos esquecidos; dar visibilidade para as realidades ‘indescritíveis’; testemunhar as situações de extremo abandono.
(JOUTARD, 2000, p. 33).

Valendo-se das leituras sobre trabalhos que abordam pescadores ribeirinhos e suas memórias; sobre a Região do Delta do Jacuí; sobre o Rio dos Sinos; Praia do Paquetá; e sobre referenciais teóricos, respaldou-se a análise de conteúdo do conjunto de dados levantados (falas transcritas). Os sujeitos revelaram quem eram e de onde procediam; as suas memórias de vivências; suas relações com as águas que os cercam; e sua participação e ou representação junto a entidades ou órgãos governamentais que tratam dos recursos hídricos.

A escolha da metodologia da história oral para o levantamento de dados deu-se em razão do seu caráter interdisciplinar, isto é, dialoga com diferentes áreas e as fontes orais podem ser utilizadas de formas variadas. Os testemunhos dos pescadores são fontes de caráter memorial, mas isto não as exime de serem passíveis de tratamento analítico (HARRES, 2008).

Nesse sentido, para trabalhar as memórias dos colaboradores, utilizou-se a análise de conteúdo, que segundo Bardin é um conjunto de técnicas e dentre essas, escolheu-se a análise temática, cujo conceito central é o “tema”, podendo ser apresentado na forma de palavra, frase ou resumo. Bardin informa que o tema “é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura” (1977, p. 105). Assim, trabalhar os testemunhos dos pescadores, a partir da análise de conteúdo temática, consistiu em “descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, pode significar alguma coisa para o objetivo (sic.) analítico escolhido” (1977, p. 105).

Neste estudo, buscou-se trabalhar de forma qualitativa, apoiando-se na presença de núcleos de sentido (motivações, crenças, atitudes, valores, tendências, etc.) como indicadores e na “inferência de conhecimentos relativos às condições de produção [...]” da mensagem (BARDIN, 1977, p. 38).

A unidade de registro (de análise ou de significado) foi o tema; a unidade de contexto “da qual faz parte a mensagem” que se analisou foi o parágrafo em que se situou cada tema (MINAYO, 2009, p. 93). As categorias seguiram uma classificação semântica (palavras ou expressões) a priori que foram retiradas da literatura a respeito do referencial teórico, de

trabalhos sobre ribeirinhos e sobre entidades/órgãos públicos relacionados com recursos hídricos. Também, consideraram-se outras categorias que foram se configurando com base nas narrativas dos doze colaboradores (MINAYO, 2009; GOMES, 2009). Para a categorização, seguiram-se as regras de Bardin (1977):

- exaustividade – dar conta do conjunto de dados analisados;
- representatividade – esgotar a totalidade do conjunto de dados;
- homogeneidade – amostra representar o conjunto de dados (no caso deste trabalho, como o conjunto dados eram de doze entrevistas, não foi utilizada amostra);
- pertinência – documentos adaptados aos objetivos e conteúdo previstos;
- exclusividade – um elemento ser classificado apenas em uma categoria.

Considerados esses pressupostos, o trabalho de organização dos testemunhos dos pescadores possibilitou o delineamento de um esquema com base em categorias e subcategorias, que tem como objetivo “[...] agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo” (GOMES, 2002, p. 70). A seguir, no Quadro 7, apresenta-se o esquema de categorização.

Quadro 7 – Categorias de análises

TEMA	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
MEMÓRIAS DE PESCADORES	<i>Categoria 1 – Memórias das origens</i>	Origem de quem atracou na Praia do Paquetá
	<i>Categoria 2 - Memórias de vivências</i>	De geração para geração A religiosidade e as águas Entre cheias e secas Muito além da pesca A retirada do seu sustento
	<i>Categoria 3 - Memórias das relações com as águas</i>	As mulheres e a pesca As águas e a pesca Os entraves das águas Demais usos da água
	<i>Categoria 4 - Memórias públicas</i>	Participações e organizações
	<i>Categoria 5 – Memórias de outros tempos e expectativas</i>	A Praia do Paquetá de ontem e de hoje

Fonte: Produzido pela autora, 2015.

Os eixos fundamentais do estudo são as categorias que remetem às memórias de pescadores sobre sua origem, suas vivências na Praia do Paquetá, sua relação com o Rio dos

Sinos, etc. Nas subcategorias, destacaram-se alguns trechos das falas dos pescadores, de forma a permitir a análise. A seguir são apresentados os colaboradores da pesquisa e a análise dos dados.

5.1 E os pescadores, quem são?

O primeiro colaborador, que corresponde ao contato zero, foi o líder comunitário da Praia do Paquetá, Paulo Denilto Ribeiro, 47 anos. Casado, pai de dois filhos, ele exerce a atividade de pesca e faz reparos em equipamentos domésticos. Responsável por buscar articulações e espaços de reconhecimento da localidade, ele participa ainda da União das Associações de Moradores de Canoas (UAMCA) e do Fórum de Pescadores do Delta do Jacuí. Antes de se mudar para a Praia do Paquetá, há 15 anos, ele residiu no bairro Niterói, em Canoas, e trabalhava no Aeroporto Internacional Salgado Filho, em Porto Alegre.

Na sequência, a colaboradora foi Jaqueline da Silva Freitas, 41 anos, conhecida na Praia do Paquetá como Jaque. Filha e neta de pescadores, ela conheceu a localidade ainda criança, porque os avós tinham residência ali. Natural de Viamão, mudou-se para o povoado há 16 anos, onde vive com os três filhos e o marido Ivair Oliveira Lopes. Ela costumava pescar, porém, informou estar afastada da atividade em decorrência de problemas de saúde provenientes desta prática.

Casado com Jaque, Ivair Oliveira Lopes — o Alemão —, 44 anos, nasceu na Praia do Paquetá. Ele é de uma família de dez irmãos – todos eles envolvidos no processo de povoamento do local –, tendo, inclusive, ajudado a abrir ruas e a preparar a canalização para o abastecimento de água potável. Além da pesca, atividade da qual tem muito orgulho, Alemão trabalha com o corte de capim, complementando a renda da família.

Dando prosseguimento às colaborações, ouviram-se os relatos de Maria Penafior, 52 anos, que mora há 36 anos na Praia do Paquetá. Natural de Ijuí, onde trabalhou na roça, veio sozinha pra Canoas e conheceu o marido Almir Oliveira Lopes, com quem tem seis filhos. Por muito tempo, ela trabalhou na pesca, mas há seis anos está oficialmente afastada da atividade. Na frente da residência, Dona Maria mantém um ponto de comércio, onde vende seu pescado a quem o procura e atende aos visitantes, que lotam o local no verão.

Com muitas histórias sobre a Praia do Paquetá, Almir Oliveira Lopes, o Miro, 53 anos, é irmão mais velho do Alemão. Pescador, casado com Dona Maria, criou todos os seis filhos ali. Ele e Alemão são filhos de um dos primeiros moradores da localidade. Assim, Miro viu

de perto a formação do povoado. Além da pesca, já trabalhou como pintor e chacareiro. Em seu depoimento, ressaltou a importância de cuidar do meio ambiente.

Outro personagem do rio é o Paulo Devanir, 50 anos. Natural de Nova Santa Rita, o pescador de poucas palavras, vive com a mulher, Sueli Martins de Oliveira, cinco filhos e os netos nas três primeiras casas da Praia do Paquetá, na rua de acesso à localidade. Além da pesca, ele reforça a renda familiar com a reciclagem, que faz, principalmente, coletando material plástico das águas e margens do rio.

Sueli Martins de Oliveira, 49 anos, é esposa de Paulo Devanir. Juntos, eles vieram de outro ponto do Rio dos Sinos em Nova Santa Rita para a Praia do Paquetá. Natural da Ilha da Pintada, ela já trabalhou em chácaras, além da pesca e em reciclagem. Sueli é responsável pela venda do pescado na rua e também no andar térreo da casa, que se converte em um pequeno bar para atender os frequentadores do local nos dias de maior movimento.

Ainda da família de Paulo Devanir e Sueli, outra colaboradora, foi a jovem pescadora Gisele Martins de Oliveira, 26 anos, que mora com o marido Ilson Rios Correa e os três filhos, em uma casa vizinha às moradias dos pais e do irmão mais velho. A atividade principal dela é a pesca – que desempenha de igual para igual com o marido – e a reciclagem.

Natural de São Borja, Ilson Rios Correa, 30 anos, foi criado junto ao Rio Uruguai, na fronteira com a Argentina. Antes de conhecer Gisele e de se mudar para a Praia do Paquetá, ele morou por um tempo em São Leopoldo – na região metropolitana –, onde buscou oportunidades de trabalho como gesseiro, junto com os dois irmãos. Curiosamente, desde a infância, Ilson atende pelo apelido Guilherme para não confundir com o nome do pai, também Ilson. A pesca é a atividade profissional que ele considera mais prazerosa. Porém, quando surge serviço, também trabalha na construção civil.

Outra colaboradora foi Eliane Regina de Souza Carvalho, 48 anos, conhecida na Praia do Paquetá como Dona Mosa. Mãe de três filhos, ela migrou das ilhas do Delta do Jacuí para a localidade, em 1993, buscando melhor estrutura para a educação das crianças. Há dez anos, está separada do marido, que era marinheiro. Depois que parou de pescar, por motivos de saúde não ligados à atividade, Dona Mosa abriu um armazém, onde vende pães, frutas, bebidas e produtos variados para a população local e visitantes. Dos filhos, apenas um segue a profissão de pescador.

Nas últimas casas habitadas da Praia do Paquetá, moram Janaina Vieira dos Santos, 39 anos, o marido Claudiomir Oliveira Nascimento, três filhos e netos. Em 1998, quando residiam no bairro Harmonia, em Canoas, a moradia junto ao Rio dos Sinos servia apenas para estadia temporária nos períodos em que eles iam pescar ali. A família se mudou de vez

para a localidade há 11 anos. A casa é a primeira no povoado a sofrer os efeitos da cheia do rio. Em seu depoimento, Janaína contou que pescava até se lesionar na prática da atividade. Ela também já fez faxina para incrementar a renda familiar. Atualmente, passa roupa em algumas casas em Canoas, vende milho verde na Praia do Paquetá e faz artesanato.

O esposo de Janaína, Claudiomir Oliveira Nascimento, 47 anos, faz questão de ser chamado pelo apelido Nego. A decisão de trocar o bairro Harmonia pela Praia do Paquetá se deu pela facilidade de pescar a partir da localidade e pela possibilidade de eliminar as despesas de aluguel do orçamento. Ele já trabalhou como motorista de caminhão e, eventualmente, trabalha com pequenos consertos domésticos. Nego é fiscal na associação local.

5.2 Categoria 1 – Memórias das origens

Assim como a população de Canoas²⁰, de modo mais amplo, o povoado da Praia do Paquetá é formado por pessoas com origens variadas²¹. Se há quem more no local desde os primeiros dias de vida, também há muitos que, literalmente, atracaram na localidade por meio das águas do Rio dos Sinos, oriundos de ilhas próximas, como as dos Marinheiros e da Pintada, ou de municípios vizinhos, entre eles Nova Santa Rita. Existem, ainda, os que vieram de mais longe ainda, como São Borja e Ijuí.

5.2.1 Subcategoria – Origem de quem atracou na Praia do Paquetá

Entre os que se criaram desde a infância na Praia do Paquetá estão os irmãos Miro e Alemão, como afirma o segundo deles:

Nascemos aqui. Desde pequeno, os primeiros, aqui da praia, foram nós.

Com o passar do tempo, eles viram mais gente chegando, conforme o acesso ao povoado foi sendo constituído. Miro relembra que:

Eu sou natural daqui. Isso aqui era mato. A praia do Paquetá, mesmo, não era aqui. Era lá do outro lado. Então, lá foram fechando, porque foram criando plantação de arroz e aí começaram a cortar o acesso, as pessoas aí começaram a vir para cá. Nós já morávamos

²⁰A cidade de Canoas é jovem – completou 75 anos de emancipação política em 2014. Foi formada por migrações do interior do estado e da própria região metropolitana. Essa formação recente fez com que estas pessoas tivessem uma participação ativa na constituição daquele espaço como seu.

²¹Sobre isso ver VIEGAS, Danielle Heberle. **Entre o(s) passado(s) e o(s) futuro(s) da cidade**: um estudo sobre a urbanização de Canoas/RS (1929-1959). Diss. (Mestrado em História). Fac. de História, PUCRS. Porto Alegre, 2011.

aqui. Aí o pessoal começou a entrar e a abrir para passar carroça, bicicleta. Aí o pessoal foram abrindo e começaram a vir carro, trator.

Embora o caminho por terra tenha facilitado a chegada de diversas formas de transporte para levar a mudança de novos habitantes, foi por meio de passeios de barco, ou de pescarias que Paulo Denilto, Nego e Janaína, por exemplo, conheceram a Praia do Paquetá e ali decidiram morar. Os três já residiam em Canoas, mas em bairros urbanizados. Paulo Denilto recorda que:

A gente conhecia Paquetá só pelo rio. Depois de dois anos negociando a compra da casa, viemos pela estrada. Minha mulher se assustou. Me perguntou onde a gente estava se metendo.

Nos relatos de Nego e Janaína, que deixaram para trás a casa alugada no bairro Harmonia, surge a lembrança de que a Praia do Paquetá, assim como outras áreas de Canoas, possui registro de ocupação por invasão. Nego conta que:

Vimos para cá em [19]98. Faz uns dez, onze anos que eu moro aqui. Olha, nessa casa aqui não tem que pagar aluguel. Nós morávamos de aluguel [no bairro Harmonia] e eu tinha essa casa aqui. Na realidade, eu montei ela [casa] em 98. Era para eu vir pescar, final de semana. Já estava dando, importante, esse lance de invasão. Aí já tinha essa casa do lado aqui, daí eu montei essa aqui. Aí foi indo, foi indo, acabei ficando e já tinha como viver aqui. Foi só fazer um aumentinho na casa.

Apesar de, inicialmente, ter resistido à mudança para a Praia do Paquetá, hoje Janaína já não se imagina morando em outro lugar. Ela afirma que:

É, eu já não vou mais embora. Até por causa deles. Eu não gostava de ficar aqui, né. Mas, eu mesma sou apaixonada. Daí a gente vai acostumando. Agora eu vou lá para a mãe [no bairro Harmonia], às vezes, e fico louca para vir embora, não consigo nem posar.

Outros personagens que atracaram na Praia do Paquetá, vindos de locais banhados pela água doce, também compartilham o sentimento de quem não consegue viver longe do rio. Paulo Devanir, a mulher Sueli e a filha Gisele já moraram às margens do Rio dos Sinos em Nova Santa Rita e na Ilha da Pintada. Dona Mosa, que nasceu em dia de enchente na Ilha dos Marinheiros, relembra os breves períodos que morou distante das águas:

Literalmente, eu nasci em agosto, em uma enchente, naquela ilha ali, na Ilha dos Marinheiros. Lá em cima, a minha mãe morava lá. Então, eu literalmente nasci. Eu devo ter saído da beirada do rio uns três anos durante a minha vida. Quando meu pai era solteiro, saiu por um ano e alguma coisa. E quando eu casei, também fiquei um ano e pouco, um ano e três meses fora só.

O motivo de Dona Mosa buscar a Praia do Paquetá para morar com sua família se deu pela necessidade de um local que permitisse continuar com a pesca, a fim de manter suas origens, porém tendo acesso à infraestrutura de uma cidade.

Eu me mudei pra cá faz 21 anos. Eu me mudei exatamente por problema de colégio, porque na ilha, naquela época, não tinha mais colégio. E já estava na idade, do meu [filho] mais velho, na idade de colégio, com 7 anos. E eu precisava colocar ele num colégio. Aí eu vim pra cá, porque aqui é mais fácil. E até hoje eu não retornei pra ilha porque aquilo lá é a minha paixão. Eu não retornei pra ilha por causa dos colégios dos filhos. E agora como eu estou no caso, assim, com o meu mais novo já vai fazer 17 anos, mas eu tenho um neto que crio continuei aqui, pelo menos por mais um tempo.

Outra parte dos moradores da Praia do Paquetá veio de municípios da região metropolitana e do interior do Estado. Alguns já tinham familiares no local, a exemplo de Jaque, que nasceu em Viamão. Depois, ela casou com Alemão, com quem reside há 16 anos no Paquetá. Porém, Jaque tem memórias mais antigas sobre o povoado, como ela relembra:

Eu conheço isso aqui desde que eu me conheço por gente, porque meu avô sempre foi pescador. A vida toda ele foi pescador e sempre morou nas beiras de rio, aqui. Daí, eu, desde que eu era pequeninha, eu conheço isso aqui. Eu me lembro, quando eu era pequena, meu avô e minha avó moravam aqui e eram pescadores. Então, a gente não via a hora de chegar as férias pra passar as férias na casa da avó e do avô. Dava enchente, às vezes. Muita recordação, muita coisa boa. Bastante coisa boa, nossas pescarias mesmo.

Assim como Jaque, outras pessoas também descobriram na Praia do Paquetá motivos para ficar e constituir família. Algumas vieram de muito longe. Natural de Ijuí, na região Noroeste do Estado, Dona Maria já vive há 36 anos junto ao Rio dos Sinos.

Eu conheci o meu esposo aqui. Daí, aprendi a pescar. Eu era lá da colônia. Trabalhava na roça. Vim com 17 anos.

Já Guilherme deixou a casa dos pais em São Borja, na Fronteira-Oeste do Estado, em busca de emprego em São Leopoldo, mas quis o destino que ele conhecesse Gisele e atracasse de vez no Paquetá, como ele recorda:

Eu tenho dois irmãos, não tinha serviço pra lá [São Borja], daí nós viemos embora tudo pra cá. Daí, eles moram em São Leopoldo. Eu conheci a Gise e vim embora pra cá. É, os guris, às vezes, se arriam: “ah, arrumou uma menina do rio, agora está ele lá”.

Nestes fragmentos pode se identificar que são os indivíduos que recordam, conforme já sinalizaram Halbwachs (1950, 1990), mas é a partir do presente e apoiados nas vivências no grupo ao qual pertencem que constroem suas memórias. O sentido da sua existência e do estar

na Praia do Paquetá vai se construindo a partir das narrativas. Percebe-se a atualização de vivências do passado, por meio da reorganização das memórias no espaço e no cotidiano, selecionando para testemunhar, o que julgam significativo (elementos positivos ou negativos). Mesmo os problemas, e aquilo que não foi satisfatório, aparecem nos testemunhos, mas são delineados com matizes que positivam essas experiências.

Acrescenta-se ainda que o processo da memória de um indivíduo, de acordo com Pollak (1989), ao relatar um evento, é sempre uma releitura do passado a partir do presente. Portanto, as memórias das origens dos pescadores estão relacionadas ao lugar do presente de onde passam a recordar. Os “não nascidos” no local justificam a migração acudindo a dificuldades financeiras, falta de escola para os filhos, possibilidade de ter casa própria, etc. Nas narrativas aparece uma certa romantização da saída do lugar de origem e nostalgia dos que ficaram, na busca de referência a uma história comum. Em outras, a identificação com a Praia do Paquetá e a construção de nova territorialidade.

5.3 Categoria 2 – Memórias de vivências

Muitos moradores da Praia do Paquetá escolheram ali morar porque têm a pesca como trabalho e fonte de renda. Porém, também mantêm em paralelo, ou exercem ocasionalmente, atividades extras. Mesmo que seja um privilégio ter a vista do Rio dos Sinos pela janela de casa, os pescadores têm conhecimento das adversidades que acompanham o avançar e o recuar das águas nas épocas de cheia ou estiagem. Fora esses problemas enfrentados, coloca-se o perigo de ter sua fonte de sustento ameaçada, como foi o exemplo da mortandade dos peixes do Rio dos Sinos em 2006, crime ambiental que ganhou repercussão na imprensa e que mobilizou a sociedade para a estruturação de organizações que debatem os cuidados necessários para preservação dos recursos hídricos. As muitas águas, no entanto, oferecem consolo que vem das diferentes manifestações de religiosidade a elas relacionadas, não só para os habitantes da Praia do Paquetá, como também para o restante da cidade de Canoas.

5.3.1 Subcategoria – De geração para geração

Na maioria das vezes, o ofício da pesca foi transmitido pelos pais e avós. Outros adotaram a atividade depois que fixaram endereço no povoado, abandonando, ou deixando em segundo plano as profissões anteriores. Em ambos os casos, os filhos da atual geração, que

crecem na localidade, acabam “presos às malhas das redes”, observando e aprendendo a pescar.

Assim como seus pais fizeram, Guilherme leva os filhos pequenos junto para o rio, mantendo a tradição. *O que mais adoram é estar no rio. Sempre que podem, estão em cima de um caiaque*, declara. Na família de Jaque e Alemão, isso também acontece, mas nem todas as crianças deles gostam de pescar, como ela conta:

Meu avô sempre foi pescador. Quando eu vim morar para cá, eu comecei a pescar também. Meu filho gosta de estar na beira do rio também. A pequena [filha] também gosta. Meu filho mais velho também não sai da beira do rio. A [filha] do meio não gosta, não se agrada nem um pouquinho [da pesca].

Mas não são apenas as crianças que escolhem participar ou não da atividade pesqueira. Já crescidos, os seis filhos de Miro e Dona Maria também se dividiram entre a pesca e outras oportunidades de trabalho, como ela comenta:

Tenho um só [filho] que pesca e uma guria que tem carteira [profissional de pescadora artesanal], mas não pesca. Ela trabalha numa cooperativa, porque não é fácil fazer uma família na pesca, né. O guri pesca, mas não tem carteira ainda, ele vai fazer carteira. Trabalhava em firma, mas agora está ruim o serviço e ele está pescando. Nós temos [carteira]. Daí a gente pesca e vive. Criamos seis filhos pescando.

Os filhos que decidem seguir o caminho dos pais na pesca são orientados a se profissionalizar na atividade logo cedo, com a formalização do Registro Geral da Pesca (RPG²²). Dona Mosa relembra que um dos filhos providenciou a documentação aos 16 anos, ainda como aprendiz. Ela diz que:

Eu sou filha e neta de pescador. Aí, eu tenho um filho [que pesca] os outros [dois] não. Ele tirou a carteira [profissional de pescador artesanal] dele com 16 anos. A carteira de aprendiz, antes, se dava aos 16 anos. Hoje ele está com 28 e ele continua. A paixão dele é a beirada do rio.

No entanto, há pescadores que consideram o encaminhamento do RPG complicado, ou caro em relação à renda familiar de forma a providenciar a documentação para os filhos exercerem a atividade. *Estão pedindo muita coisa e a gente não tem condições. Até consegue [a carteira], só tem que gastar*, comenta uma colaboradora.

²² O Registro Geral da Pesca (RPG) foi criado pelo Ministério da Pesca e Aquicultura para saber quem é pescador ou pescadora artesanal. Para exercer a atividade, a pessoa precisa exercer a pesca com fins comerciais e cumprir as exigências contidas na Instrução Normativa 6/2012. Informação consultada no site do Ministério da Pesca e Aquicultura, disponível em: <<http://www.mpa.gov.br/index.php/monitoramento-e-controle/registro-geral-da-atividade-pesqueira-rgp/registro-geral-da-pesca-rgp>>. Acesso em: 8 abr. 2015.

De qualquer maneira, o costume de morar próximo ao rio e a prática da pesca – registrada, ou informal – vêm sendo herdados pelas novas gerações, mantendo a ideia de um negócio de família. Os relacionamentos que se formam dentro do povoado perpetuam esta tradição, mesmo entre as mulheres que não se tornam pescadoras. Janaína comenta que:

Os filhos vão casando e vão ficando. Minha filha é casada com um rapaz, que é pescador desde que ele nasceu e que lida com pesca e com barco. Então, ela nunca vai embora daqui. Eu já não vou por causa da neta também. Ela conheceu [ele] aqui, a outra também casou e ficou por aqui, com um morador, filho de pescador, tudo daqui. Não tem nenhuma vontade de ir embora da prainha.

Por outro lado, há pais que desejam para os filhos um futuro diferente da realidade atual, incentivando os jovens a buscar cursos profissionalizantes e oportunidades de trabalho fora do contexto do povoado. Talvez, porque escolheu viver da pesca só depois que se mudou para a Praia do Paquetá, Nego é um dos que procura oferecer alternativas para os jovens da família. “*Meus filhos estudaram. Quero ver se o guri faz um curso no SENAI²³ e ver se ele segue outra coisa*”, comenta ele.

Para alguns jovens, outros fatores que provocam o distanciamento deles das lides da pesca são a vida social e os namoros. Janaína fala que:

O Maicon não é muito chegado em pesca também. Quando eles são menores, eles gostam. Brigavam porque queriam ir junto com esse aqui [referindo-se a Nego] pro mato e eu não deixava por causa do colégio. Mas, depois, começam a arrumar namorada e aí não querem mais ficar a semana que nem ele no mato [acampado durante as saídas para pescaria].

Segundo Pollak (1989, 1992) há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido, o que também reforça os laços de identidade com o local. Aqui se podem verificar os pescadores refletindo sobre si mesmos, sobre suas escolhas em relação à profissão, sobre o espaço que habitam e sobre o contexto sociocultural. Na medida em que narram sobre suas práticas, recuperam histórias de vida, denunciam resistências, nesse caso dos filhos em relação à atividade comum aos elementos do grupo. Há aqui uma memória do trabalho que se constitui como patrimônio do grupo.

²³O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial do Rio Grande do Sul (SENAI-RS) oferece cursos profissionalizantes na cidade.

Figura 15 – Imagem de pai e filho retirando o peixe da rede em outubro de 2014



Fonte: imagem cedida por Claiton Dornelles

5.3.2 Subcategoria – A Religiosidade e as águas

Os pescadores que colaboraram nesta pesquisa se declararam católicos, umbandistas, ou evangélicos e que as festas religiosas, no local, também fazem parte de uma celebração pela atividade da pesca.

Uma das principais datas do calendário religioso de Canoas é o feriado municipal de 2 de fevereiro, quando católicos celebram sua devoção à Nossa Senhora dos Navegantes e as religiões de matriz africana reverenciam Iemanjá. A Praia do Paquetá é o local onde as duas festas se encontram, encerrando a programação.

A convite dos pescadores, a pesquisadora participou, em 2 de fevereiro de 2015, das celebrações da 26ª Festa de Nossa Senhora dos Navegantes e da Festa de Iemanjá, na Praia do Paquetá. A atividade movimentou todo o povoado, que recebeu muitos visitantes. Além dos religiosos, muitas pessoas aproveitaram o dia de sol para desfrutar a praia. O evento foi organizado pela Paróquia Sagrado Coração de Jesus, Paróquia Imaculada Conceição, Clube Náutico Albatroz e Associação de Moradores da Praia do Paquetá, com a parceria da Coordenadoria Municipal de Integração Institucional.

A celebração católica teve início pela manhã, na Igreja Imaculada da Conceição, no bairro Rio Branco. Após a missa, os fiéis seguiram com a imagem da santa em procissão até o Areal, localizado às margens do Rio dos Sinos. Deste ponto, a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes e os devotos partiram rumo à Praia do Paquetá, em embarcações.

Ainda durante a procissão terrestre, no bairro Rio Branco, os praticantes das religiões de matriz africana se uniram ao grupo católico e, juntos, seguiram até a Praia do Paquetá, nos barcos. Durante o trajeto pluvial, foi grande a quantidade de embarcações que acompanharam a imagem da santa.

A chegada da procissão fluvial, no local, era aguardada por um grande número de pessoas. Após o desembarque da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, católicos e umbandistas se dividiram para as respectivas manifestações. Na Praia, existem esculturas próprias, homenageando as duas representações religiosas, que servem como ponto de encontro para as festividades.

Somente após o meio-dia, é que as religiões de matriz africana realizaram sua celebração à Iemanjá – orixá feminino mais popular do Brasil que, na língua Yorubá²⁴, significa: mãe cujos filhos são peixes. Em programação organizada pela Coordenadoria Municipal de Políticas das Diversidades e Comunidades Tradicionais, grupos de capoeira lideraram a Puxada de Rede – homenagem feita pelos pescadores, em que declaram a sua fé na proteção de Iemanjá ao seu ofício, para que todos retornem com vida e com uma boa pesca.

Porém, Janaína afirma que este momento de separação da festa é relativamente recente. Ela relembra que:

O padre não quis mais fazer a missa junto. Então, os umbandistas vieram botar duas santas agora. Aí separaram. Era tão bom quando era tudo junto. Cada um respeitava sua religião. Agora fazem separado, a missinha deles lá. Mas a festa da santa foi linda igual, a minha mãe tem gravada. A gente ia assistir igual, porque até era bom. Quem não acompanha uma missa de igreja, assim que nem nós, porque não consigo ir numa igreja, nem tenho como ir, mas era bom porque naquele dia a gente ia lá todo mundo, fazia missa, eles dão aquela hóstia. Já aproveitava e fazia tudo junto.

Valendo-se do grande apelo popular do evento, que atrai muitas pessoas ao povoado, os moradores da Praia do Paquetá aproveitaram as festividades para vender lanches e artesanato, na tentativa de lucrar com a movimentação no local. No entanto, ambulantes de outros bairros também levaram seus produtos, inclusive imagens da santa e do orixá, aumentando a concorrência.

Devido à grande circulação de pessoas no dia 2 de fevereiro, Miro, que é evangélico, explica que é impossível ficar alheio à festividade. Ele afirmou que:

²⁴ Mais informações sobre a língua Yorubá em: <<https://ocandomble.wordpress.com/2012/09/26/o-idioma-yoruba/>>. Acesso em: 30 de março de 2015.

Nós somos evangélicos. [Para nós, a festa] não tem nada a ver com religião. Eu só acredito em Deus. Eu posso até morrer, mas eu sei que a minha alma está limpa, o meu coração é limpo, é verdade. [A santa] da água é a Nossa Senhora dos Navegantes, né? Não tem como a gente sair daqui [de casa], porque ela [imagem da santa] passa aqui na frente.

Apesar de ter sido batizado na Igreja Deus é Amor, Miro revelou que participa há 15 anos da Assembleia de Deus. A troca se deu para evitar os riscos de sair à noite do povoado, como ele relembra:

A gente seguia essa Igreja Deus é Amor. Aí, depois, [a igreja] ficou lá para fora. Ficou muito ruim de sair daqui, de carroça, de noite, né, com criança. Na época, estava meio perigoso nessas bandas aí para fora. Aí, [a gente] parou, não foi mais. A gente ficou parado por um bom tempo. Agora que surgiu essa igrejinha aqui, a gente começou a ir ali.

Outro momento religioso bastante aguardado pelos pescadores é a Semana Santa da Páscoa, quando o tradicional consumo do peixe, na Sexta-feira Santa, permite que eles vendam seu pescado em maior quantidade. Dependendo da época do ano em que a festividade acontece, a data é muito próxima ao encerramento da Piracema. *Aí, quando abre em fevereiro, é aquela correria, porque em seguida já tem a Sexta-feira Santa e daí todos querem peixe,* destacou Jaque.

Uma terceira data religiosa que registra programação especial na Praia do Paquetá é o Dia de São Pedro Pescador, em 29 de junho. Janaína disse ter gravado a encenação feita em um dos anos no local. *A apresentação foi a coisa mais linda, da história do Pedro, que foi pescar e ele morreu na rede no mar. Então, eles encenaram todinha aquela história ali. É muito lindo mesmo,* lembrou ela.

Embora acompanhe bastante as festividades católicas na Praia do Paquetá, Janaína disse ser umbandista. Ela afirma que, no geral, o convívio das pessoas de diferentes crenças é harmonioso. Porém, ela já presenciou um vizinho incomodado com as oferendas deixadas pelas religiões de matriz africana que passaram a frequentar com mais regularidade o entorno da estátua de Iemanjá no povoado. Janaína contou que:

Aqui tem um vizinho nosso que não mora aqui [próximo à casa dela], mas, às vezes, ele vê os umbandistas largando alguma coisa e reclama. Aí, eles meio que reclamam dele. Eu e o Nego não reclamamos. Deixa eles fazer as coisas [oferendas na água] deles. Antes [os umbandistas] não vinham assim. Eles só largavam escondido, sabe, as oferendas e iam embora. Mas agora não. Depois que botaram a santa ali, aquela ali é a Iemanjá [indicando o local da estátua próxima de sua casa], então o pessoal larga oferenda ali na beira dela, traz presente para ela, faz sessão de umbanda ali na frente.

As religiosidades presentes no povoado são parte das tradições e costumes da localidade, integradas pelo grupo. São pontos de referências no quadro social que constitui a memória coletiva. Conforme Pollak (1989, 1992) e Santos (1998), estas demonstrações religiosas fundamentam e reforçam o sentimento de pertencimento com o local. O que pode ser inferido a partir dos relatos, é que, independente de sua prática religiosa, os pescadores se veem como parte delas. Percebe-se uma disputa entre versões da memória ritualizada entre os grupos que representam três confissões religiosas. Memórias subterrâneas emergem e reivindicam serem ouvidas num desejo de apropriação social do sagrado reatualizando as lembranças a partir dos símbolos religiosos.

Aparecem também as estratégias da memória, encerrando uma lição final, com os fatos se tornando modelo para a construção do futuro, produzindo uma versão sobre a estabilidade das relações entre as diferentes confissões religiosas, a aceitação senão totalmente harmoniosa, mas conveniente, das diferenças. Conforme Tedesco, “o testemunho não tem nada de neutro, é também um jogo” (2004, p. 31).

Figura 16 – Embarcações seguem o barco com a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes em procissão fluvial em 2 de fevereiro de 2015



Fonte: Imagem cedida por Claiton Dornelles.

5.3.3 Subcategoria – Entre cheias e secas

Embora os relatos de episódios de seca do rio sejam raros – devido à localização do povoado em um encontro de águas no Delta do Jacuí – eles já viram o nível do rio diminuir em períodos de estiagem. Alemão recorda que:

Uma vez deu uma seca muito grande, tão grande que a gente ia para fora e atravessava a pé, passava a pé no rio. Aqui no saco a água é funda. Cansamos de atravessar a pé ali no saco com a seca que deu uma vez, há muitos anos, 20 anos, acho que mais.

Porém, o fenômeno que os moradores da Praia do Paquetá presenciam com maior frequência é o de cheia do rio – causada tanto pela direção do vento que causa o represamento das águas, quanto pelo volume de chuva acumulado. Nestas ocasiões, a localidade fica alagada, registrando até o isolamento por via terrestre. Só que a percepção do pescador em relação à enchente é diferente do olhar da maior parte da população, como evidencia Jaque:

A pessoa que mora na beira do rio, ela já está acostumada com esse tipo de coisa, como uma enchente. Enche a água um pouquinho, [a gente] já puxa o barco para a porta. Quem não está acostumado, que mora fora daqui, fica apavorado e diz: “Ai, meu Deus, como vocês conseguem!”. Mas pra nós não é assim. É normal.

Embora concorde com a esposa, Alemão relembra que o casal teve de se adaptar às condições da Praia do Paquetá, inclusive construindo uma casa de palafitas para evitar os inconvenientes causados pelo alagamento. Ele comentou que:

Essa casa aqui é nova. Nós fizemos. Nós morávamos ali atrás. Todo inverno era água dentro. Toda a enchente que tinha, água funda ali dentro. Daí, fizemos essa aqui, passamos para cá, mas deixamos a outra ali. Nós tínhamos um carro. Tivemos que vender o carro, [porque] chegava enchente e o cara não tinha onde botar, daí tivemos que vender.

Dona Maria também trata a situação dos alagamentos como costumeira, mas relata certo receio neste período, devido à falta de acesso à localidade. Ela disse que:

A gente já está acostumado [com o período de cheias do rio], mas é brabo porque não tem acesso de carro, nem de ônibus para o colégio. Esse ano [2014] a gente não teve [cheia]. Teve um pouquinho só: dois, três dias. Por causa da enchente é brabo. Estou com medo, agora, se vai dar uma enchente, porque teve um ano que deu – meu guri mais velho era pequeno, tinha 6 anos, parece, ele vai fazer 30, agora – começou em outubro e parou só em dezembro. Foi nessa época assim [outubro, mês da entrevista].

Apesar da condição de isolamento do povoado, Dona Mosa lembra que para o morador da localidade, o meio de transporte é o barco. No caso dela, que mantém um armazém, a cheia só atrapalha o abastecimento do seu comércio. Ela destacou que:

Fica sem acesso, mas para nós, que estamos aqui há tantos anos, [o transporte] é o barco. Não falta nada igual. A gente telefona para eles [fornecedores], que vêm até a altura onde a água para e a gente busca de barco a mercadoria toda. Não se para por causa da água. Atrapalha um pouco, não que impeça o trabalho, porque eles vêm até ali e dali eles me ligam. Daí ele [referindo-se ao filho] pega um caíque, vai lá, pega tudo que precisa e volta. Não chega a faltar nada assim. Continua a mesma coisa. Só, claro, não vai ter esse mesmo pessoal que vem, vamos dizer assim, esse pessoal extra que vem.

Nego, que mora no primeiro ponto do povoado que enche, também relata a situação com naturalidade:

Essa parte, que era mais alta, quando eu vi, de uma hora pra outra encheu e eu não consegui tirar o carro. Aí, tive que colocar para cima da balsa para conseguir tirar. Isso, a gente já está ciente. Dois, três meses por ano é isso aí. Já estamos acostumados com isso. Já estamos [nos] preparando [para] a do ano que vem. Só uma vez que ficou cheio [por] seis meses. Isso faz uns seis anos atrás. Nós entramos janeiro, fevereiro com água geral. Há seis anos foi uma baita de uma enchente. Essa aí pegou, entrou verão e tudo cheio de água. Foi geral, até a saída lá. Há uns seis, sete anos.

Mesmo tratada como corriqueira, a situação das cheias gera alguns transtornos, como o corte de energia para evitar acidentes elétricos; a interrupção do transporte público; e coloca em alerta para casos de saúde pública, como a leptospirose. O que difere os pescadores, em relação a outros moradores em área de risco, é que eles residem junto ao rio em função do seu sustento. É necessário estar perto do rio, para poder realizar a sua atividade.

O estilo de vida dos pescadores é diferente daquele dos moradores das áreas urbanizadas. Suas vidas estão relacionadas ao tempo do rio que dá o ritmo do trabalho, do descanso e do lazer. Dessa maneira, planejam suas existências. Na memória se encontra a relação espaço e tempo e para os pescadores, o rio é seu horizonte de referência, sua identidade funde-se com ele. Para Halbwachs, “quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele a transforma à sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta às coisas materiais que a ele resistem” (1990, p. 133). Assim, as enchentes não abalam de todo os pescadores, pois elas não implicam em mudanças radicais, já que a sua posição no mundo do rio, a relação com os outros e com o trabalho permanece. As palafitas são as marcas que os pescadores imprimiram na margem do rio e, por sua vez, são também marcas que o rio lhes

imprimiu. Pode-se dizer, concordando com Halbwachs, que as cheias e as possíveis secas são detalhes desse lugar [...] têm um sentido que é inteligível apenas para os membros do grupo [...] (1990, p. 133). O rio, suas cheias e secas são elementos constituintes da memória coletiva.

Figura 17 – Imagem do pescador exibindo o seu pescado em outubro de 2014



Fonte: imagem cedida por Claiton Dornelles.

5.3.4 Subcategoria – Muito além da pesca

Os pescadores exercem outras atividades para complementar a renda familiar ao longo do ano inteiro, ou em períodos específicos, como a Piracema – em que a pesca fica suspensa. Nem sempre eles encaram estas tarefas como trabalho, embora reconheçam a necessidade delas para sua subsistência.

Durante a Piracema, a pesca é proibida – o infrator fica sujeito à multa e apreensão do material. Neste período, os pescadores registrados recebem benefício pago pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e vendem apenas os peixes congelados que restaram armazenados. Dona Mosa comenta que aqueles que estão “encostados por problema de saúde não têm direito a esses benefícios”.

Neste contexto, algumas famílias buscam atividades auxiliares para reforçar a renda. Muitas destas práticas continuam ligadas ao rio. Uma delas é o corte de capim – vendido para servir de alimento a cavalos nas cabanhas. De barco, Alemão vai até os locais onde a vegetação é abundante e, com o facão, remove as plantas da beirada da água. Ele informou que:

A gente pesca, mas eu trabalho com capim, né. Aí, eu só tiro pra fora as redes e daí é só capim. Eu trabalho segunda-feira com capim, daí terça-feira eu vou pescar e volto quinta. Aí, quinta eu corto capim de novo e vou até sábado cortando capim. O cara só chega ali e pega.

Outra prática que também pode ser realizada de forma paralela à rotina da pesca, é a reciclagem. O hábito de contribuir com a limpeza do rio ²⁵ é comum entre os pescadores. Porém, alguns deles utilizam a coleta de materiais recicláveis como fonte de renda. “É um meio de ganhar o pão, pagar a conta. Tem que pegar o peixe e tem que pegar uma coisinha aqui, uma coisinha ali”, disse Paulo Devanir. A mulher dele, Sueli indicou os períodos em que a atividade é mais favorável:

A gente ajuda com os reciclados aí do rio. Agora tem uns lugares que são horríveis. É muita imundice. Tem vezes que a gente pega bastante [resíduo]. Tem vezes que não, porque a água começou a encher e daí ficou ruim [de pegar], porque é mais no meio do mato e no meio do espinharedo, daí é ruim pra juntar. Quando a água baixa, fica melhor. A gente vai catando com saco e vai botando nos baldes.

Ainda junto às águas, alguns colaboradores disseram que familiares recebem dinheiro para cuidar de barcos de passeio, ou de pesca, que ficam atracados nas margens próximas de suas residências. Em alguns casos, os moradores da Praia do Paquetá também realizam a manutenção das embarcações de terceiros, como forma de ampliar a renda.

Já em terra, bares e armazéns são as principais oportunidades que a localidade dispõe aos moradores como alternativa à pesca. Estes estabelecimentos servem para o lazer e também abastecem a comunidade local e visitantes. Como Dona Mosa, explicou, torna-se um negócio de família:

O comércio, aqui, faz pouco tempo que eu abri. Foi depois que parei de pescar, com a ajuda do [filho] que não trabalha mais aqui. Então, a gente resolveu, por causa de renda mesmo, abrir alguma coisa aqui. Ele que me ajudava bastante. Aí, ele começou a trabalhar. Mas como esse [filho mais novo] disse: “não, mãe, não vai fechar”, continuo, porque tem épocas que eu não posso cuidar. E isso só se mantém enquanto ele estiver comigo.

Aproveitando a grande circulação de pessoas aos finais de semana, principalmente no veraneio, outros moradores da Praia do Paquetá têm optado por erguer tendas, ou montar

²⁵ Paulo Denilto relatou que, em dezembro de 2014, o projeto Pescando Lixo – promovido pela Colônia de Pescadores Z-5 – retirou cerca de 30 toneladas de resíduos das águas do Rio dos Sinos, no período de uma semana. Segundo ele, nas edições anteriores, os pescadores levaram apenas duas horas pra somar essa mesma quantidade. Prática que não é feita somente no Rio dos Sinos, é feita no Delta do Jacuí e seus afluentes, como o Jacuí.

bancas improvisadas para vender milho verde e artesanato. “*A gente está contando que esse domingo tenha sol. Domingo passado, eu não vendi milho, porque achei que iria ter pouco movimento*”, comentou Janaína. Ela disse ainda que o grande número de frequentadores no local tem atraído, também, gente de fora do povoado interessada em concorrer na venda do mesmo tipo de produtos.

Outros pescadores da Praia do Paquetá, entre eles Paulo Denilto, Nego e Guilherme, desempenham atividades profissionais fora do povoado – em paralelo, ou em períodos alternados à pesca – de acordo com os conhecimentos e habilidades de cada um. Estas práticas vão desde reparos e consertos de equipamentos até oportunidades na construção civil. No dia de seu depoimento, por exemplo, Guilherme comemorava a chance de trabalho que surgiu às vésperas do início da Piracema:

Agora peguei uma firma nova, que está trabalhando pra fazer um presídio novo, ali atrás da [Avenida] Boqueirão, no [bairro] Guajuviras. Eu estou lá. Comecei essa semana. Faço reboco. Bah, é muito bom de trabalhar lá. Tem mais de mil cabeças lá. Estamos fazendo testes. Se nós ficarmos lá, eles vão aumentar o salário no outro mês já. Bah, chegou bem na hora o serviço. Eles pagam mil reais por mês é 500 reais por quinzena. É de segunda a sexta e sábado, se quiser trabalhar. Mas carregando carrinho de tijolo, chega sábado tu está moído.

Aqui se pode verificar que a baixa lucratividade da pesca apontada por Garcez & Botero (2005) reflete na busca de complementação de suas rendas. Estas atividades complementares acabam por ser mais necessárias no período da Piracema, quando não podem pescar. O mundo do trabalho é representado por memórias de atividades, ofícios, de sacrifícios, entre outros. Estas se organizam, na sua maioria, em torno das águas e de tarefas que possam conciliar com a pesca. Percebe-se o cadenciar das rotinas de trabalho a partir de relação dialógica com o rio, evidenciando as permanências e modos de viver dos pescadores, mas também, criando novas formas de apropriação de recursos financeiros, a partir de arcabouço cultural construído por meio de contatos com saberes próprios do mundo urbano, neste caso, o da coleta de resíduos sólidos, mas utilizando as águas como espaço provedor. As experiências na construção, civil, o universo da prestação de serviços e o do comércio trazem cruzamentos de temporalidades, entre o ritmo mais acelerado do urbano e um mais lento, relacionado aos tempos do rio e dos peixes. São as temporalidades da memória que não convergem, na maioria das vezes com os tempos históricos. Aqui, o que dá sentido à vida, não são os grandes acontecimentos, mas sim, aquilo que a conforma e como cada pescador dá

sentido ao seu presente (Thomson, 1997). As dificuldades em viver uma vida difícil são compensadas pela solidariedade da família, o que reforça as afinidades e pertencimentos.

5.3.5 Subcategoria – A retirada do seu sustento

Para os pescadores da Praia do Paquetá, o caso da mortandade dos peixes do Rio dos Sinos representa um marco na história de vida deles. Em todos os depoimentos dos colaboradores, o episódio foi lembrado como um período difícil em que eles foram obrigados a ficar sem o seu sustento. Sueli recorda que:

Isso aí [mortandade de peixes] deu na época que estava dando peixinho bom aqui. Aí, começou a dar esse problema. Não sei se era veneno na água e, aí, começou a estragar muitos peixes. E apareciam os peixes podres aqui, estragados. Daí a gente já não pescava mais. O peixe caía na rede, no espinhel e morria.

Conforme o relato de Miro, o sentimento dos pescadores foi de luto ao se deparar com o cenário de peixes mortos, mas também de revolta diante da irresponsabilidade dos envolvidos neste crime ambiental. Ele comentou que:

Eu me criei no Rio dos Sinos. Foi o rio que eu mais pesquei e a gente sentiu muito quando deu aquela morte de peixe. Ficamos uns dias sem pescar porque não tinha como pescar já que estava envenenada a água. A gente sentiu muito sabe. O lugar que a gente pescava morreu e aquela peixarada. E a gente demorou um pouco pra poder pescar novamente. Mas aí era relaxamento desses caras da firma. Para eles, se morrer tudo é lucro, porque eles não estão perdendo nada. Eles querem é ganhar o deles. O que vai acontecer, ou não, eles não querem saber, porque eles têm e os pobres é que vão minguando se quiser, né.

Após o episódio, os pescadores lidaram com a dificuldade da pesca e a esperança de ver o rio recuperado. “Aquele mortandade de peixe quando deu, estava muito ruim de pescar. Depois passou uns quatro anos para juntar peixe de novo”, contou Dona Maria. No entanto, todos dizem que ainda é preciso navegar para longe a fim de conseguir pescado de qualidade.

Também em função da mortandade de peixes, organizações e instituições de ensino passaram a direcionar sua atenção ao Rio dos Sinos e, conseqüentemente, aos povoados de pescadores e ribeirinhos, como a Praia do Paquetá. Dona Mosa destacou suas impressões quanto a este interesse:

O Paquetá, na verdade, faz pouco tempo que o pessoal se interessou pelo Rio dos Sinos, digamos assim. Em poucos anos que se interessaram, porque antes ninguém dava importância para o rio e muito menos para o Rio dos Sinos. O espaço aqui terminou sendo

um dos rios bastante afetados. Custaram a se dar por conta, porque a mortandade de peixe, como problema grave, não se dá apenas de dois, três anos para cá, se dá muitos e muitos anos para cá. Só que, claro, quanto mais para trás, menos quantidade. Então, de vez em quando, eles botam lá “estamos monitorando o Rio dos Sinos”, “estamos isso no Rio dos Sinos”, “estamos aquilo no Rio dos Sinos”. Não, não é bem assim.

Na opinião de muitos colaboradores, prefeitura, organizações e instituições de ensino deveriam envolver os pescadores nos estudos que desenvolvem sobre a região da Praia do Paquetá e do Rio dos Sinos. Esta falta de interesse em ouvir os ribeirinhos é entendida como descaso por eles. *“Pescador tem aqui há 50 anos. Eles nunca procuraram, sabe. Já estiveram vários aqui fazendo levantamento: a Ulbra, a Unisinos”,* observou Miro.

Para quem vive próximo às águas e retira seu sustento do Rio dos Sinos, a preservação dos recursos hídricos é mais do que um discurso. Eles entendem que têm responsabilidade em contribuir para um rio menos poluído. Porém, esperam uma responsabilização daqueles que causaram a mortandade dos peixes. Esta preocupação se revelou, de forma mais intensa, na fala de Miro:

Nós não podemos deixar morrer essa água aí. Quando terminar a nossa água, terminamos nós tudo. Nós não vivemos sem água. Então, nós ainda temos que cuidar dela. E a coisa que eu mais cuido é para não deixar nenhum lixo na beira do rio. Às vezes, fico até apavorado que as pessoas vão levando garrafas para a beira do rio e deixam tudo em pé ali, em vez de pegar uma sacola, levar e guardar para botar no lixo. Eu estou velho já, mas tem muita criança e meus netos que também vão precisar tomar essa água para viver. Então, isso aí é uma vida que a gente tem que cuidar, quando eles botaram veneno na água lá, condenaram o cara e o cara está solto lá, mataram aquele mundaréu de peixe. Podia ter matado pessoa aquilo, entendeu? Se as pessoas fossem tomar água direto teriam até morrido naquele rio, que morreu aquela quantidade de peixe. E eles não fizeram nada. Sinto muito que eles abafaram, porque saiu muita grana em cima disso aí, saiu muito dinheiro. Nós até ajudamos a pagar um advogado de São Paulo, dois caras que vieram de São Paulo, mas isso ficou em conversa e terminou.

Os pescadores vivenciaram, experienciaram e significam, a partir das memórias, a quase perda de seu mundo de referência, relacionado com o rio e os peixes. O crime ambiental instaurou a desordem e lhes tirou o meio de sustento. O que estava no seu lugar se rompeu, fazendo com que a comunidade de trabalho se reorganizasse produzindo estratégias e formas de resistência.

O que ocorreu no passado é relido aqui e é visível entre os pescadores cujas lembranças estão em fluxo contínuo. Incluem sentimentos, experiências pessoais, ressentimentos e decepções. A paisagem deteriorada, dimensão material da comunidade afetiva, pulsa ainda, emergindo memórias subterrâneas, subvertendo o silêncio que se faz em relação ao acontecimento, buscando desvelar-se no presente. Assim como constataram Alves e Justo (2011) em relação às comunidades ribeirinhas do Rio Paraná, também para os pescadores da Praia do Paquetá, se o rio não está saudável, a sua vida perde potência, desidrata-se e seca.

5.4 Categoria 3 – Memórias das relações com as águas

Nesta categoria agrupam-se as práticas dos pescadores nas águas. A pesquisa tem o Rio dos Sinos como referência para a busca dos relatos, mas em algumas situações os colaboradores ao referirem-se ao rio não fizeram distinção do local, já que as práticas de pesca ocorrem não somente no Rio dos Sinos, mas também, no Parque do Delta e em outros de seus afluentes como o Rio Jacuí.

5.4.1 Subcategoria – As mulheres e a pesca

As mulheres da Praia do Paquetá também manuseiam os espinhéis, as redes e demais instrumentos de pesca. Das 12 pessoas ouvidas para este trabalho, seis indicações – escolhas livres feitas pelos participantes – foram de mulheres que realizam ou já praticaram intensamente a atividade da pesca.

Relembrando os tempos quando dividia as tarefas de pescaria com o marido, Jaque assegurou que há igualdade entre os sexos. *“Não tem preconceito. A mulher, pescando, se iguala ao homem, né. É a mesma coisa que o homem: rema, larga rede, bota rede, limpa todos os peixes”*, contou ela, descrevendo a rotina que diz ser a mesma para pescadores e pescadoras.

Todas relataram que a participação feminina é ativa e em parceria com os homens da família, não se limitando a limpar e a vender o pescado. Sueli afirmou que:

Aqui, eu e ele estamos sempre juntos. É difícil um ficar em casa. Deixo a minha guria em casa para cuidar da casa e eu vou trabalhar com ele. Eu não consigo ficar parada. E ela [referindo-se à filha Gisele] também. Ela e o marido dela e mais o pequeno [saem juntos para pescar].

Gisele, a mais jovem das pescadoras ouvidas, garantiu que não há dificuldade que a impeça de exercer a profissão por ser mulher. Porém, dividia a dedicação ao trabalho com a criação dos filhos. Ela lamentou que os dois maiores ainda não estavam em creche do município. “*Eles ficaram de me chamar até hoje*”, disse Gisele, no dia do depoimento, sobre a possibilidade de conseguir vaga para os meninos.

Por exigir força e repetição de movimentos, o puxar das redes é um dos fatores que provoca desgaste físico, o que foi apontado como causa do afastamento por saúde de algumas das colaboradoras ouvidas. Mas nem isso pode ser compreendido como algo que afeta apenas as mulheres. “*Não faz diferença. [Puxar a rede] estraga toda a coluna. Eu, até pra dormir, tem dias que eu ia dormir e não podia [devido à dor]*”, disse Dona Maria. O marido dela, Miro, também reclamou deste esforço, comprovando ser algo que afeta a todos: “*A coluna, estraga tudo. Meu irmão trabalhava comigo. Ele me ajuda. Eu dou uns trocos para ele e ele que puxa pra mim. Eu não consigo mais*”.

Ao recordar, as pescadoras organizam suas memórias, no que se refere à sua rotina de trabalho na pesca e no cotidiano doméstico. Mesmo que afirmem não haver diferença entre homens e mulheres na pesca, esta fica evidente na atribuição de atividades: a mulher pesca e cuida da casa e dos filhos. A comunidade tem padrões, regras que estabelece entre seus membros e estas são transmitidas para as mulheres de geração em geração — “*Deixo a minha guria em casa para cuidar da casa*”. Aquilo que se entende adequado para uma mulher ou para um homem, na comunidade, é apreendido e internalizado. Em certos momentos, quando casadas, o seu trabalho adquire a função de ajuda na renda doméstica, mas quando viúvas (caso de uma colaboradora relatado anteriormente), as mulheres tornam-se provedoras da casa. Percebe-se o reforço do papel de gênero a partir da divisão do trabalho e a naturalização do serviço doméstico. A identidade aqui identificada nas pescadoras, segundo Pollak (1992) trata-se da imagem de si, para si e para os outros. Esta imagem de igualdade no desempenho das atividades da pesca é a imagem que elas formam pra si ao longo da vida, referente a si própria. É a imagem que constroem e apresentam aos outros e a si mesmas, para acreditar na sua própria representação e de como querem ser vistas pelos outros.

5.4.2 Subcategoria – As águas e a pesca

Quem mora há mais tempo na Praia do Paquetá sabe que o Rio dos Sinos já foi uma fonte mais farta para o sustento dos pescadores. Ainda assim, as águas que banham o local continuam a abrigar várias espécies de peixes. As mais citadas, nos depoimentos, foram:

pintado, piava, traíra, grumatã, jundiá, carpa e cascudo. “No meu conhecimento, o Rio dos Sinos é o rio mais rico de peixe que tem. Pena é a poluição, que estraga muito o rio, que nem na mortandade de peixe”, comentou Jaque.

A poluição do Rio dos Sinos e os episódios de grande mortandade de peixes, mencionados por Jaque, são fatos de conhecimento público que embasam o preconceito das pessoas, de modo geral, quanto à origem do pescado vendido pelos moradores do povoado. Mesmo lançando suas redes em locais mais distantes, os pescadores dizem que a desconfiança é grande. Dona Mosa relata que:

Hoje, no Rio dos Sinos, não é em todo o lugar que tu pesca. O peixe do Rio dos Sinos é um peixe que não tem jeito pra vender aqui. Não é toda a época do ano que tu consegue vender o peixe, porque é um peixe totalmente contaminado e tem o gosto no próprio peixe. Tu pode dizer para o pessoal, assim: “não esse peixe não é daqui”, mas se vê que o peixe é daqui por causa do gosto forte. Sabe, é muito óleo na água e chega na época, que nem o verão, que sobe muita sujeira na água por causa da poluição muito grande. Aí, não adianta tu querer pescar dentro do Rio dos Sinos que tu não vende peixe. Os pescadores enfrentam muito problema na hora de vender o peixe. Basta morar aqui para eles acharem que [o peixe] é daqui. E se for daqui ninguém compra. É isso. Então, é claro que foi afetado o Rio dos Sinos.

Embora o receio quanto à poluição e à origem dos peixes exista, não chega a ser impeditivo para que os moradores da Praia do Paquetá vendam os pescados bem perto do rio. “Eles vêm buscar aqui. A gente vende mesmo para quem vai comer”, contou Dona Maria, informando que a maioria dos seus clientes compra para consumo próprio. Também há quem se desloque ao povoado atrás de volumes de pescado muito mais expressivos, além do período de maior procura, a Semana Santa, como informou Jaque:

Apareceu comprador e nós estávamos com esse freezer cheio e mais o outro freezer, na outra casa. E eles levaram duas remessas de 100 quilos [300 quilos, segundo complementação de Alemão]. Aí tu tem que ter peixe, tem que correr atrás do peixe, porque no dia a dia é assim: ele pesca e aparece comprador, vamos supor uns 3 ou 4 quilos. Então, na Sexta-feira Santa é onde tu aproveita mais. Tu vende mais, porque daí vem gente que quer 50, 60, 100 quilos. Daí tu tem que aproveitar.

Para ter grande quantidade de pescado estocada em casa, é preciso navegar até os pontos do rio²⁶ já conhecidos. Lá, eles jogam as redes, colocam os espinhéis e montam

²⁶ Não se sabe precisar qual rio em questão tratam em seus relatos.

acampamento por longos períodos. No dia em que colaborou com seu depoimento, Gisele acabara de atracar a embarcação na Praia do Paquetá. Ela relatou como é a rotina de quem pesca:

Estamos há duas semanas [fora], cheguei agora. Nós saímos às 8 horas pra recolher as redes. Nós ficamos de uma a duas semanas. Se estiver tendo peixe, a gente fica mais. Depende do peixe [para mantê-lo vivo]. Tem que levar gelo, ou trazer vivo pra cá. Normalmente, o que fica na rede quase sempre morre. Então, tu tem que botar gelo e por dentro. O que está vivo, que tu pega no espinhel, bota na caixa e eles aguentam.

O preço de venda do peixe costuma variar conforme a negociação, a quantidade e se o comprador vai escolher, ou não, o pescado que será adquirido. Do dinheiro que entra na comercialização, Paulo Denilto ressaltou que é preciso descontar despesas, como o investimento em material de pesca, embarcação e combustível, que tornam a atividade dispendiosa. Ele contou que:

A pouca quantidade [de peixe] está 8 pila. A grande quantidade, a varrer é 5 pila. Escolhido, daí tem uns que vão a 6, 7 [reais]. [Pescar] peixe é caro. A gente gasta material, combustível e gelo. Isso dá um custo. Olha só: um pano de rede está 110 reais. Pra fazer um pano de rede, tu vai precisar 10 reais de linha, 30 reais de corda, 30 reais de chumbo e mais uns 60 reais de boia pra fazer uma rede que sai, no mínimo, 300 reais. Isso, a normal. Se tu fizer uma feiticeira²⁷, quase dobra.

Como também descreveu Paulo Denilto, muitos pescadores confeccionam os equipamentos de trabalho em casa, buscando reduzir as despesas que teriam, caso comprassem redes e espinhéis prontos em lojas. Embora já não pesque mais, Dona Mosa não deixa de fazer o material de pesca usado pelo filho e sabe calcular a economia que isso representa. Ela disse que:

Uma rede, hoje, é cara. Às vezes, compra o pano e o restante termina em casa. Trinta metros estão na base de cento e poucos reais. Agora o que é que tu faz pras redes sair por menos? Tu compra tralhas, que são a parte do fundo, compra corda normal, boinha, o pano pronto, por volta de 100, 120 reais, um pano de 100 metros. Aí tu compra um pano e tu mesmo e tu faz o restante todo na mão. Mas, se tu pagar, pra fazer uma rede sai na base de 500 reais. O espinhel é mais barato, mas também tu não pode comprar pronto. Um espinhel pronto está na base de 50 a 60 reais. Cada espinhel, com 50 anzóis, na teoria, até vende com

²⁷ Rede de três panos que consiste em duas redes de malha maior, com uma de malha menor entre estas. O uso desta rede é proibido pelo IBAMA.

20 a 30 [anzóis] nas casas. Não obedecem muito o padrão, dos pescadores, que é com 50 anzóis. Mas eles fazem, compram a corda e os anzóis e fazem os espinhéis.

A poluição evidenciada aqui nos relatos, também foi apontada por Paula e Suertegaray (2013). Esta situação faz com que os pescadores da Praia do Paquetá busquem locais de pesca mais distante da área em que habitam. Ainda, Paula e Suertegaray (2013) reforçam que mesmo com as limitações impostas, a comunidade ainda se identifica com as áreas tradicionais de uso. Essa identificação por parte dos pescadores corrobora com as memórias do lugar, ou seja, o Rio dos Sinos e a Praia do Paquetá. O quadro de referência abriga o tempo e o espaço onde se dão as vivências. Por isso, para Halbwachs, o espaço é permeado de relações humanas. “Diremos que realmente não há grupo nem gênero de atividade coletiva que não tenha alguma relação com o lugar [...]” (HALBWACHS, 2004, p. 85).

A Praia recebe as marcas dos pescadores, assim como estes são marcados por ela. Evoca sentidos que somente serão entendidos por aqueles que mantêm relação íntima com a mesma.

5.4.3 Subcategoria – Os entraves das águas

Nem sempre o vento sopra a favor do pescador. Em algumas situações, ele enfrenta o sentido contrário das águas e se depara com entraves e perigos que o impedem de seguir a navegação em segurança. Neste item, serão abordados diversos problemas relatados pelos colaboradores, que aqui terão seus nomes omitidos para preservar as identidades.

Embora a prática da pesca artesanal exija a formalização do Registro Geral da Pesca (RPG), alguns pescadores admitem não ter esta licença. Além do risco da fiscalização, sem esta documentação eles não têm direito ao benefício pago pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) na época de Piracema. A justificativa principal é o custo da carteira. Em contrapartida, também houve relatos de moradores que teriam o documento, apesar de não exercerem a pesca, como foi dito:

Tudo é custo. Então, tem pessoas que deixam de receber esse seguro para que passem mais trabalho no verão, porque não têm condições financeiras de tirar uma carteira. Gente que pesca e vive do peixe. E tem muitos, no Paquetá, que não vivem [da pesca], não botam nem o pé na água e [tem a documentação] porque eles têm meio de pagar tudo isso, de manter uma carreira.

Além da despesa com o RPG, os pescadores listam outros custos que precisam manter em dia para exercer a atividade, como a documentação dos barcos junto à Capitania dos

Portos. *É 120 reais por ano, mas, dependendo a embarcação, chega de 500 até 600 reais ou mais por ano*, afirmou uma das fontes.

Porém os entraves não são apenas financeiros. Os depoimentos também revelaram que os pescadores lidam com a disputa por espaço nas águas, para lançar suas redes, conforme foi relatado:

Já cansei de eu ter que recolher meu material porque chegam pessoas que colocam o material delas [junto]. Eu também tenho carteira. Se tu tem, eu também tenho. Eu já cansei de ter que sair, recolher o material, sair pra outro lugar e deixar o lugar para eles que vêm só quando eles têm folga, quando eles querem descansar. Já tive que sair do acampamento, ter que me levantar por causa desse tipo de situação, pois se tu continua tu não vai pegar nada, porque é uma rede em cima da outra. Quem é que pega?

Alguns colaboradores comentaram que, neste tipo de disputa por espaço, também se corre o risco de ficar sem o material de pesca, já que algumas pessoas fazem de conta que estão pescando para levar as redes e os espinhéis. No entanto, o perigo maior está na ação dos piratas, como foi contado:

Não é só nos livrinhos que têm piratas. Já teve gente que deixou de pescar [depois de presenciar assaltos deste tipo]. [O pescador] estava esperando o cunhado dele e mais uns amigos que iam acampar. Os caras, quando chegaram no acampamento, [viram que] tinha um velho amarrado na árvore. [Os piratas] foram roubar o barco dele e mataram [o velho]. Tudo são coisas que aconteceram alguns anos atrás. Agora está mais tranquilo.

Na opinião dos pescadores, as situações de furto e de pirataria acontecem porque a fiscalização é muito limitada. “*Acho que, para todo o parque, tem uns quatro guardas florestais*”, estima uma das fontes.

Outra questão levantada nos depoimentos foi em relação a casos em que a fiscalização teria recolhido redes que estavam em situação regular, sem justificativa. As reclamações dão conta, ainda, de que há fiscais que tratam os pescadores com descaso. Estas situações geram desconfiança nas relações entre os pescadores e os órgãos de fiscalização.

Eu fui uma que já me revoltei, na época em que o IBAMA era para cá da ponte e o Guaíba. Eu tinha colocado uma rede e as minhas redes não davam 300 metros. Como a água estava baixa, um barco passou e cortou a rede. Quando um barco corta a rede, [ela] vem para cima e fica boiando. No caso, antes, o IBAMA passou e recolheu as redes tudo. Aí meu vizinho viu e me disse: “eles [fiscais] recolheram tuas redes, eles não roubaram”. Eu já tinha ido na delegacia e tinha registrado o roubo. Então, eu fui lá [no IBAMA], eles me disseram

tudo e mais um pouco. Aí eu falei: “eu tenho prova que foram vocês que recolheram minha rede lá, com a minha documentação tudo”. Aí acharam as minhas redes, mas bravos.

Os fatos aqui relatados pelos pescadores também estão presentes no estudo de Garcez & Botero (2005). Os autores reforçam que dentre os principais problemas enfrentados pelos pescadores estão a ausência de documentação e conflitos com a fiscalização. A CAMP (2010) também salienta que o relacionamento conflituoso com os órgãos fiscalizadores é uma das barreiras enfrentadas pela atividade da pesca.

5.4.4 Subcategoria – Os demais usos da água

Além da pesca e da navegação, os moradores da Praia do Paquetá sabem que as águas do Rio dos Sinos têm muitos outros usos e que, por vezes, estes são conflitantes com a atividade pesqueira. Os usos mais citados pelos colaboradores foram: turismo, indústria, mineração, agricultura e esgotamento sanitário.

Quem mora há mais tempo na localidade se lembra da época em que o consumo de água, direto do rio, fazia parte da vida dos ribeirinhos, como recordou Dona Maria: *“Quando eu vim morar aqui a gente tomava a água do rio, lavava a roupa, fazia comida, era só a água que tinha”*. O marido dela, Miro, complementou com suas memórias:

Nasci me criando e bebendo essa água do rio. Mas hoje eu não posso. Se eu tomar uma caneca daquela água do Rio dos Sinos eu vou parar no hospital, por incrível que pareça. Acredita que a Petrobras, quando eu era guri, eles jogavam todos os resíduos para a água, né. Então o rio amanhecia preto de piche e para beber a água, porque não tinha outra, nós pegávamos o balde e abanava aquele piche e bebia, né.

Assim como Miro, outros moradores também relataram a utilização das águas do Rio dos Sinos por parte das indústrias, apontadas como um dos principais agravantes da poluição, juntamente com os pontos de despejo de esgoto das cidades. Sobre isso, Alemão comentou que:

O que estraga o rio são as firmas. O cara vai pescar para cima e tem lugar que tu entra na boca do Rio dos Sinos e tu não ficas ali [porque] não aguenta o cheiro. É ali que saem as coisas tudo [esgoto]. Para a pescaria, estraga tudo. Quem pesca ainda vai para o banhado. No banhado [a água] é mais limpa, no valão não dá para pescar.

De modo semelhante, o uso dos recursos hídricos pelas lavouras também foi lembrado, principalmente em função dos agrotóxicos lançados no rio. *“Em todos os rios existe o veneno.*

É uma coisa grave, de um tempo para cá, essas granjas de arroz. Claro que tudo é necessário, mas antes era colocado tudo na beirada do rio”, comentou Dona Mosa.

Outra atividade, elencada como prejudicial à pesca, é mineração, embora hoje a extração de areia seja proibida no Rio dos Sinos. Relembrando os danos do passado, Dona Mosa relatou que:

Um problema grave que eu enxerguei foi que depois que colocaram esses barcos de chupão – um barco que ele mesmo se carrega e se descarrega, vamos dizer assim – essa foi a parte que mais estragou, em termos de pesca. Porque esses barcos tem uma área em que eles podem retirar areia, mas isso não acontecia. Eles tiravam de onde eles achavam melhor, onde era mais fácil carregar, onde era mais rápido carregar. Não tinham problema de horário, tanto podia ser de noite, ou de dia. Isso, para nós, causou vários transtornos por causa de rede. Eu fui uma que tive de ir atrás mais de uma vez porque simplesmente a gente estava acampado, colocava aqui as redes e, no entanto, eles vinham carregavam o que tinha. Eles iam levando junto. Uma coisa dessas ninguém dava bola e o que aconteceu com isso [é que] eles foram cavando as margens, onde foi caindo tudo para dentro, foi virando. O Rio dos Sinos não era essa largura toda que é hoje.

Quanto à navegação, o rio foi descrito por vários colaboradores como uma alternativa de transporte que oferece agilidade para ir a determinados locais, como o centro de Porto Alegre. Nego foi um dos que apontou esta vantagem da via fluvial:

Para ir a Porto Alegre é dez minutos por aqui [rio]. Ali no IBAMA, [a gente] larga [o barco] lá e desce. Para ir para a cidade tu pode ir por água ou tu vai por terra, às vezes é mais perto por água. A gente é acostumado pelo rio direto. Porque se eu fosse pegar um ônibus e sair daqui até o centro [de Canoas], pegar o trem, enquanto eu estou esperando o ônibus aqui, eu já estou em Porto Alegre ali.

No entanto, o uso do rio para prática desportiva, com jet-ski, traz alguma preocupação aos pescadores, como observou Paulo Denilto:

Tu sabe o que é hertz? Hertz é frequência. A nossa energia é pulsante a 60 hertz por segundo. A ressonância que dá um jet-ski é 12 mil hertz de frequência. Aí, o que acontece: um peixe ovado passa ali, dá hemorragia naquelas micro veias que alimentam os ovos antes, em formação. Daí todo o sacrifício de desova é em vão.

Já em relação ao uso da água para o turismo, há um entendimento que esta prática é benéfica para o povoado da Praia do Paquetá em função da renda extra que é gerada pela circulação de visitantes nos estabelecimentos comerciais, quiosques e ambulantes de lanches e

bebidas do balneário. Alguns deles destacaram a boa relação que se forma entre os moradores e os frequentadores. Janaína disse que:

As crianças daqui já conhecem isso aí [rio] na palma da mão. Esse meu pequeno aqui, ele toma banho direto aqui no verão. Ele sabe direitinho onde ele pode ir. O outro grande, às vezes, está aqui na área e vê alguma criança indo mais ao longe, ele vai lá e avisa. Tem muita gente que vem pra cá no verão, conhece a gente e se dá com a gente há tanto tempo que eles vêm só de ônibus. Aí, vêm aqui e já pedem para fazer uma comida, ou uns pedem uma panela emprestada que querem cozinhar. Às vezes não tem mais onde botar o carro. No verão passado, teve um domingo que tiveram que vir a polícia e os azulzinhos [fiscalização de trânsito] para ficar atacando [restringindo o acesso] lá em cima [via de acesso ao povoado].

Porém, muitos colaboradores desta pesquisa relataram transtornos que esta grande circulação de pessoas acaba gerando para quem vive na localidade. A principal queixa foi quanto à segurança. Alguns deles já testemunharam brigas entre os visitantes, inclusive portando armas de fogo. Também mencionaram o consumo de álcool e de drogas, além de casos de prostituição. De acordo com Dona Mosa, os finais de semana, feriados e veraneio são períodos em que é preciso redobrar o cuidado. Ela comentou que:

É que quando chega nessa época [verão] é muita gente. O Paquetá tem recebido muita gente e junto desse pessoal vem muitas pessoas boas e muitas não tão boas assim, né. Então, é tudo misturado. Então, é claro que a gente tem o dobro de cuidado com tudo. Até porque hoje em dia é tudo assim. Então, é claro eu não vou dizer que atrapalha. Não é questão de atrapalhar. É muito mais intenso, tu tem que prestar atenção em tudo. Tu termina te preocupando mais. Que nem ele [referindo-se ao neto], no domingo, ele fica mais preso. Eu não posso deixar sair. Aqui é um lugar de praia, mas infelizmente o pessoal bebe demais. Tem todos os riscos que tem em outro lugar.

Outro apontamento relacionado ao apelo turístico da Praia do Paquetá tem ligação à carência de rede sanitária na localidade e à falta de estrutura aos visitantes, como banheiros públicos. Janaína disse que:

Eles [Prefeitura] traziam banheiro químico. Bah, era tão bom. Ficava ali na pracinha, daí ninguém se estressava. Tem muito bar ali que só deixam usar o banheiro se comprar, se usar o bar. Daí a pessoa acabava até tendo que ir embora, né. Porque daí tu vai pagar banheiro todo o dia para usar [se ficar] acampado ali.

A partir dos depoimentos dos colaboradores pode-se verificar uma série de usos da água existentes no local. Como Sinisgalli, Medeiros e Romeiro (2009) salientam os conflitos,

referentes a água, estão situados em áreas de grande população e concentração industrial, como no caso do Rio dos Sinos. Há uma série de usos conflitantes como Paula e Suertegaray (2013) e Garcez e Botero (2005) também identificaram em seus levantamentos. Mas os relatos aqui expostos, também informam alguns aspectos positivos ligados a outros usos, como por exemplo, os que permitem um ganho extra para a renda dos pescadores.

Figura 18 – Imagem de prática de esportes aquáticos em março de 2015



Fonte: Imagem cedida por Claiton Dornelles.

5.5 Categoria 4 – Memórias públicas

Quando se diz que as pessoas estão todas no mesmo barco, o sentido da expressão é de que elas compartilham uma situação parecida, ou que elas têm interesses em comum. Em busca de amparo para questões legais e administrativas, de garantia dos seus direitos, e de representação local em debates de temas pertinentes à profissão, ou ao povoado, os colaboradores desta pesquisa – ativos na atividade pesqueira – informaram participar da Associação de Moradores e Pescadores da Praia de Paquetá (AMPPP), constituída em 11 de maio de 2001²⁸.

²⁸ Data de registro da Associação de Moradores e Pescadores da Praia de Paquetá (AMPPP) junto ao Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ), conforme consulta no site: <<http://empresasdobrasil.com/empresa/amppa-06030174000183>>. Acesso em: 8 abr. 2015.

5.5.1 Subcategoria – Participação e organizações

Esta forma de organização e a liderança local são reconhecidas pelos associados, que destacam, principalmente, a disponibilidade e a boa articulação para tratar dos assuntos do seu interesse. *“Tem o Paulo [Denilto], que é o presidente e tem mais uns. É muito bom ter a associação de moradores. Qualquer coisa que a gente precise, seja para fazer um papel, ou documento, a gente fala com ele e está pronto”*, comentou Dona Maria. O marido dela, Miro, complementou, dizendo que:

Depois que o Paulo [assumiu a liderança], a associação melhorou bastante, pelo menos, pelos direitos da gente, que é pescador. Ele procura na colônia de pesca. Se precisa, ele vai lá e encaminha e a gente está sempre procurando. Antes a associação era fria. A gente não tinha um negócio quente, foi passando para um para outro. Mas agora essa associação está registrada e está quente.

No entanto, o envolvimento dos associados nas pautas de discussão de temas relevantes, em instâncias fora do povoado, é variável. Parte deles prefere delegar esta responsabilidade apenas à liderança, como revelou Miro: *“Eu não vou muito nesses negócios. Quando tiver que ir, o Paulo [Denilto] que vai. Se tiver uma praia, que tem uma reunião com os presidentes pescadores, ele vai. Eu quase não tenho tempo, vivo trabalhando”*.

Mas, dependendo do assunto, a mobilização dos pescadores é grande para acompanhar de perto o desenrolar de decisões, como as relativas ao processo judicial referente à mortandade de peixes de 2006, no Rio dos Sinos. Jaque contou que:

Nós participamos [da associação]. Eu, agora, não acompanho mais, porque não tenho condições mesmo, né [referindo-se ao afastamento da atividade por problemas de saúde]. Mas já participamos bastante de reuniões. Às vezes, as pessoas, que nem agora há pouco tempo, tiveram que se deslocar até Porto Alegre para falar sobre a mortandade dos peixes. Ainda estão nisso. E um monte de pescadores foi lá na audiência.

Outros moradores da Praia do Paquetá, lembram de ter participado de discussões com o Comitê Sinos. Afastada da associação desde que deixou de exercer a profissão, Dona Mosa avaliou que muitos projetos para o Rio dos Sinos não saíram do papel. Ela observou que:

A gente vê mais no jornal do que propriamente aqui. Nenhum órgão se interessou assim, realmente, pelo rio [dos Sinos], no Paquetá. Não existe ainda aquela preocupação de resgatar, de salvar o Rio dos Sinos, de resolver o problema. Isso é só no papel mesmo, porque eles só vêm para o Rio dos Sinos quando dá uma mortandade de peixe. Ele [o rio] só teria uma melhora se tudo trabalhasse junto. Eu acho os projetos que eles lançam muito

pobres, digamos assim, porque eles fizeram um padrão. Eles sentaram numa mesa e definiram. E, pra mim, faltou um pouco de estudo da parte deles pra fazer um projeto mais concreto.

Sobre a ida aos locais de reuniões que discutem os recursos hídricos, no caso as plenárias de comitê de bacia hidrográfica, os pescadores da Praia do Paquetá salientaram que a participação seria facilitada caso as atividades ocorressem ali mesmo. Os colaboradores informaram que, em algumas oportunidades, há muitos anos, foram disponibilizados ônibus para transportá-los a estes debates.

De modo geral, todos os colaboradores responderam que participam da associação de alguma forma. Buscam, principalmente, as lideranças para esclarecer dúvidas sobre temas do povoado, como o futuro das residências da Praia do Paquetá, um dos questionamentos mais recorrentes. Segundo os moradores, existem estudos e projetos, mas a discussão, com eles, foi superficial até momento (2015). Também há falta de conhecimento sobre o projeto de revitalização do Paquetá, como assinala Dona Mosa:

Raramente, houve reunião desse tipo. Muito pouca. Eu tenho para mim que já faz uns três anos ou mais que teve uma [reunião] que falou sobre esse projeto de criação [revitalização do Paquetá]. Mas só falou. Nada de concreto. Então, acho até que um projeto não é nada. Eles sentam numa mesa e falam: “vamos fazer assim, assim e está tudo certo”. Eles não vêm para a beira do rio, não fazem um projeto, não olham o que está acontecendo e o que tem de fazer alguma coisa de melhor. Acho que é, por isso, que não vai para frente e não desenvolve.

Integrante da AMPPP, na função de fiscal da associação, Nego e outros pescadores têm uma participação mais ativa e colaborativa, agindo em parceria inclusive com a Prefeitura para evitar que sejam ocupadas áreas vazias do povoado. Nego declarou que:

Eu sou fiscal da associação. Cuido para não invadirem mais [a Praia do Paquetá]. Um se comunica com outro e assim vai indo. No verão, tem domingo, se vocês vierem aí, que está lotado. Isso aqui parece uma praia de mar. É mais para dezembro, sabe, quando o rio fica mais baixo, vocês olham daqui de casa parece uma praia de mar. Eu vou nas reuniões lá fora mais para discutir esse negócio de lugar, carteira de pesca. Muitas carteiras foram anuladas, né, do pessoal que parece que não era pescador. Moravam aqui, como pescador, mas não eram. Daí, anularam tudo já.

Na avaliação de Paulo Denilto, presidente da AMPPP, a participação dos pescadores sempre foi grande quando o assunto é diretamente ligado ao local em que vivem.

Tem coisas relacionadas a nós, aqui, que eu chego e falo: “vai ter uma reunião sobre isso, tal dia e eu quero que vocês vão”. Todo mundo vai quando é importante mesmo. Todo mundo se abraça e vai. A gente já fez três mutirões na Prefeitura que não deram em nada, mas a gente foi. A gente já foi lá no Fórum, a respeito da mortantidade de peixe. A gente foi em dois ônibus pra lá.

Paulo Denilto também citou conquistas recentes que a associação local obteve ao se fazer representada em instâncias regionais. Ele destacou que:

O que a gente conseguiu com o Fórum? A gente conseguiu uma parceria que vai ser o primeiro parque ecológico em APP [Área de Preservação Permanente], onde vai ser permissível a pesca profissional e isso é um grande feito, porque dentro de uma área de preservação ambiental é proibido, né. É área intocada e a gente conseguiu isso. Até estou com as fichas que eu tenho que preencher. A gente vai mandar par a Secretaria de Meio Ambiente e a secretaria que vai dar a permissão para nós.

Para Enne (2004) a memória construída no presente, apoia-se em pertencimentos sociais. De certa forma, a busca do controle sobre a memória institui uma identidade para o agente social, como no caso dos pescadores da Praia do Paquetá. Portanto, participar como agente neste processo de construção de memórias é um processo comunicacional, pois coloca o emissor das mensagens dentro de uma rede de fluxos de informação que lhe confere identidade como participante desta rede. De acordo com Braga, Silva, Mafra, (2007) este processo pode ser construído e identificado e a mobilização social é gradual e envolve a criação e o compartilhar de valores entre os indivíduos, o que remete para Halbwachs (1990) e o que ele chamou de comunidade afetiva.

5.6 Categoria 5 – Memórias de outros tempos e expectativas

A cada lembrança dos colaboradores desta pesquisa, mais se revela a transformação da Praia do Paquetá e o inevitável processo de mudança que ainda virá. Da paisagem natural à infraestrutura básica, das trilhas em meio ao mato à estrada que facilita o acesso a toda a Região Metropolitana de Porto Alegre. Tudo torna o ontem e o hoje do povoado ainda mais distintos.

Desde que as primeiras famílias se instalaram na localidade, o cenário natural tem se alterado. “Era tudo um matagal, não tinha água, não tinha luz. As estradas eram só um trilhozinho que eles abriram com facão para passar com as carroças”, contou Dona Maria, relembando a chegada dos sogros à Praia do Paquetá. Os recortes na natureza acompanharam

a prática da pesca e o crescimento do povoado, mas hoje causam preocupação, como afirmou Miro:

Tinha uns figueirões [árvores] que tapavam a rua. Era figueirão, tapado de taquara. Aí, o pessoal começou a cortar e abrir buraquinho ali pra pescar. O outro já começou a fazer porto de casa e a gente não vai estar se incomodando por causa desses eucaliptos aí. Eu quase morri uma vez [quando] chegou uma família com as crianças, tudo deitadas de baixo da árvore, e o cara assando churrasco de baixo do buraco da árvore. Aí eu cheguei nele e falei: “bah, que coisa boa fazendo churrasco deitado de baixo de uma árvore, né. Mas olha o que o senhor está fazendo, você está matando essa árvore. O senhor não está vendo? Essas crianças vão precisar dessa árvore”.

Vivendo há 17 anos na Praia do Paquetá, Janaína também viu a paisagem e o rio ganharem novas formas neste período. “*Antes de vir morar para cá, ali onde está o maricá [árvore], ali na frente era tudo areia. Aí, tu ia lá adiante da areia para depois as crianças entrarem no rio. Agora o maricá está bem aqui dentro da água*”, afirmou ela.

Chegar à localidade também ficou mais fácil com o tempo e, assim, a infraestrutura básica do povoado foi se concretizando. “*Essa estrada era lá dentro. Fomos nós que ajudamos os caras a aterrar aqui, a botar os canos*”, recordou Alemão, sobre a sua participação na instalação da rede de água tratada. Energia elétrica, linha de ônibus e sinal de telefonia móvel passaram a fazer parte do dia a dia dos ribeirinhos. Dona Mosa comentou sobre as conveniências da telefonia:

Se tivesse telefone fixo, seria muito melhor, porque seria mais barato. Porque o celular, a gente sabe como é. Mas eles não colocam aqui porque dizem eles que não tem rede para telefone. Hoje em dia já tem outros aparelhos, mas o telefone celular é o meio mais básico. O celular hoje, não tanto para mim, como para todo mundo, virou uma questão de necessidade, porque facilita bastante. A verdade é essa: o telefone se [você] precisa de uma mercadoria aqui e eu não posso ir lá buscar [ligo para eles e eles] vêm aqui.

O que também mudou foi a tranquilidade do lugar. “*Era mais calmo, era, só assim, nós, os pescadores e os moradores. Não tinha tanta gente*”, afirmou Janaína sobre os primeiros anos na Praia do Paquetá. E mesmo vivendo junto ao rio, cada vez mais os pescadores acompanham o ritmo da vida urbana. Dona Mosa recorda que os tempos idos tinham outra realidade:

Antes, a gente vivia com o que a gente precisava. Comprava roupa uma vez no ano, calçado uma vez no ano. Não tinha gasto, tipo assim. Colégio, geralmente o colégio era perto de casa, não gastava dinheiro com a passagem sabe. Não tinha nada disso. Então, antes se

vivia, com dificuldade, mas se vivia. Hoje não se vive porque a vida hoje exige mais, os filhos exigem mais da gente. Então, viver hoje do peixe, não vive somente do peixe. Então o pessoal o que é que faz? Aproveita o verão – até porque a temporada é fechada, não pode pescar – então eles aproveitam o verão para trabalhar e aí, no inverno, eles pescam.

Inaugurado em dezembro de 2013, o novo acesso à Praia do Paquetá, pela BR-448, é apontado com um fator positivo, que contribuiu para o aumento da circulação de pessoas no local, em especial, de clientes dos pescadores, como destaca Miro:

Melhorou para o comércio e para a gente também. Deu uma melhora boa. Antes entrava pouca gente, era muito ruim a rua. Depois que fizeram essa faixa [BR-448] melhorou bastante. O pessoal vem pelo acesso. Antes, quando não tinha acesso para vir para cá, de Sapucaia tinha que fazer a volta por toda Canoas. Os fregueses [de Sapucaia] que vêm buscar peixe falam: “ficou uma beleza”. Quem vem de Berto Círio, quem vem lá do Caju [bairros de Nova Santa Rita] buscar peixe aqui – eu tenho vários fregueses que vem de lá – dizem assim: “agora é uma beleza, eu venho e atalho aqui e ali e estou na tua casa, é ligeirinho”.

A Praia do Paquetá ainda tem um longo percurso pela frente e expectativas para o futuro próximo. Vislumbrando os projetos que se desenham para a localidade, entre eles o de Ecoturismo da região, os moradores aguardam por mais melhorias para o povoado, como adequação das moradias, aumento de horários de ônibus e infraestrutura turística. Embora tenham ouvido falar das propostas, muitos não sabem detalhes das ações previstas. Janaína disse que:

Porque eles falavam tanto do projeto que iria ser feito para o pessoal, que iria tirar os moradores do meio [do povoado] e iria botar [reassentar] nos terrenos vazios. Foi o que eles falaram. Que tinha já pronta a tal de maquete do que iria ser feito, mas nunca mais falaram nada. [Depois] saía no jornal assim: “foi doado para benfeitoria da prainha, para arrumação da prainha tanto [valor]”. Daí está ali dizendo que ganharam, mas acabou virando três ou quatro quiosques.

Alguns dos testemunhos aqui expostos, apresentam elementos que constituem, como afirma Pollak (1992), acontecimentos vividos pessoalmente e ou vividos por tabela, ou seja, por outras pessoas do grupo ao qual a pessoa se sente pertencer. De acordo com Enne (2004) existe uma intensa relação entre a memória como processo coletivo de construção do passado a partir de demandas do presente e a conferência de identidades sociais para aqueles que estão envolvidos em tal processo. Como no caso da identidade dos pescadores da Praia do Paquetá,

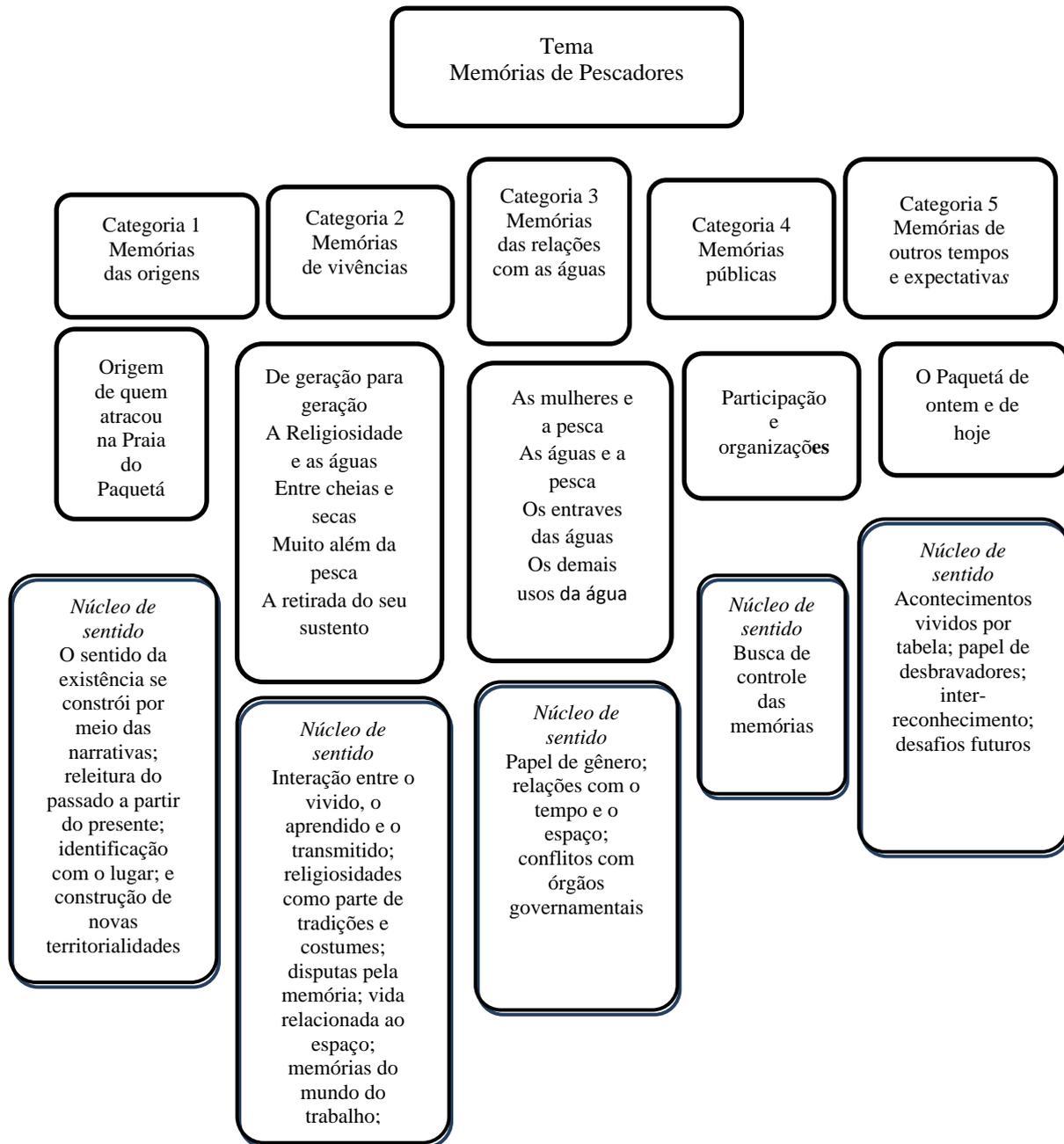
que evidenciam seus anseios do presente comparando-os ao seu passado, seja ele o vivido ou herdado.

Ao rememorarem “o antes”, apresentam um passado longínquo, sem datas que vão trabalhando a partir da rememoração. Reforçam que “só havia mato” e o seu papel de desbravadores, sem as melhorias, os sinais de progresso que a Praia apresenta na atualidade. A BR-448 parece que já desponta como um marco histórico para os pescadores. Nos relatos são desvelados sentimentos a respeito dos antigos traços característicos do local e da sociabilidade fundamentada no inter-reconhecimento, bem como os desafios do rompimento desses elos com a chegada de novos moradores ou visitantes.

Quanto a Praia do Paquetá “do futuro” aparecem frustrações, angústias e descrenças, além de outros sentimentos que não foram externalizados, mas que puderam ser percebidos durante a pesquisa. O grande desafio que parece ser de consenso para o grupo será conciliar as mudanças (urbanização que avança inexoravelmente) com a despoluição das águas e preservação do rio.

A seguir na figura 18 podemos observar como foi organizado o esquema de categorização:

Figura 18 – Análise de Conteúdo – Esquema de Categorização



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesca de memórias na Praia do Paquetá chegou ao seu final e considera-se que a partir dos testemunhos orais pode-se produzir um documento que dá visibilidade a uma comunidade, até então não premiada na literatura acadêmica de Canoas.

Tomar a História Oral como metodologia e as memórias como fontes foi um desafio que se tornou viável pela generosidade dos pescadores que abriram suas casas e se disponibilizaram a contribuir com a pesquisa. Percorreu-se um caminho a partir do qual, viu-se aflorar lembranças, explorou-se vivências, saberes e experiências, bem como adentrou-se no mundo de memórias individuais e coletivas, bem como no que lhes dá suporte, ou seja, a comunidade afetiva.

Apesar de se ter trabalhado com as oralidades possíveis e se ter feito uma escritura dessas, entende-se que as verdadeiras escrituras estão nas mãos que jogam as redes, que limpam os peixes e o rio, nas rugas de um rosto cansado, no sorriso de quem tem seu horizonte nas águas. Fez-se, realmente, um mergulho na comunidade e no que poderia auxiliar a compreendê-la.

Para tanto foram analisados trabalhos que envolviam investigações sobre ribeirinhos e sobre os recursos hídricos, chegando-se à conclusão de que os ribeirinhos fazem dos rios sua razão de existir e que sofrem com processos que poluem ou que concorrem para a sua destruição. Quanto a situação dos pescadores artesanais no Brasil, verificaram-se conflitos, desamparo por órgãos governamentais e falta de programas específicos para os mesmos.

Os pescadores da Praia do Paquetá não fogem à regra, em termos de estrutura e investimentos em melhorias na infraestrutura. O local tem grande potencial turístico, mas carece de planejamento e maior atenção do poder público. Localizada no Parque Delta do Jacuí, a Praia carece, como os demais espaços de regramento e fiscalização eficiente que auxilie a manter sua integridade.

A escolha da Análise de Conteúdo Temática para trabalhar os testemunhos se mostrou acertada, pois foi possível desvelar os sentidos e significados implícitos ou explícitos, os conflitos, as expectativas e as opções presentes nas memórias dos pescadores em relação às questões propostas sobre sua origem, sua relação com o rio dos Sinos, com a pesca, com as instituições/entidades a que se filiam.

Observou-se o construir do sentido da existência dos pescadores a partir das narrativas e a profunda relação com o rio e a pesca. As atividades, as convivências, a vizinhança, o

transpor dificuldades reforça os laços de identidade com o local e entre os membros do grupo. A memória do trabalho, dos saberes e fazeres se constitui como patrimônio do grupo.

Os pescadores pela sua profunda ligação com o espaço, também se veem como parte das práticas religiosas ali realizadas, mesmo que confessem religiosidades diferentes. No entanto, há disputas entre versões da memória ritualizada e memórias subterrâneas emergem e reivindicam serem ouvidas num desejo de apropriação social do sagrado reatualizando as lembranças a partir dos símbolos religiosos. No entanto, produzem uma versão sobre a estabilidade das relações entre as diferentes confissões religiosas, a aceitação senão totalmente harmoniosa, mas conveniente, das diferenças.

A situação das cheias é vista como inerente às temporalidades e movimentos do rio que lhes dá o ritmo do trabalho, do descanso e do lazer. O rio é seu horizonte de referência, sua identidade funde-se com ele; suas cheias e secas são elementos constituintes da memória coletiva.

Apesar da baixa lucratividade da pesca e as questões referentes à poluição ambiental, os pescadores persistem na atividade e buscam atividades que complementem sua renda, a partir de novas formas de apropriação de recursos financeiros. As dificuldades em viver uma vida difícil são compensadas pela solidariedade da família, o que reforça as afinidades e pertencimentos.

Quanto às pescadoras, ao recordar, as pescadoras organizam suas memórias, no que se refere à sua rotina de trabalho na pesca e no cotidiano doméstico, construindo para si uma imagem de igualdade com os homens, no desempenho da atividade pesqueira. Porém, percebeu-se o reforço do papel de gênero a partir da divisão do trabalho e a naturalização do serviço doméstico.

A partir dos depoimentos pode-se verificar uma série de usos da água existentes no local e, também, como a Praia recebe as marcas dos pescadores, assim como estes são marcados por ela. Em suas memórias, os pescadores se colocam como desbravadores e nos seus relatos são desvelados sentimentos a respeito dos antigos traços característicos do local e da sociabilidade fundamentada no inter-reconhecimento, bem como os desafios do rompimento desses elos com a chegada de novos moradores ou visitantes.

As memórias dos pescadores da Praia do Paquetá proporcionam um verdadeiro aprendizado. São relatos de pessoas que se criaram às margens do rio e que não conseguem ver suas vidas longe daquele local. O que chama a atenção é que vivem em uma faixa de aproximadamente um quilômetro na margem direita do Rio dos Sinos, cercados pela urbanização desenfreada da cidade.

O que garante ainda a sua permanência é o fato de ser um grupo tradicional e realizar a pesca artesanal como fonte principal de sustento. Verificou-se que a exploração do local para outros fins só não é maior por estar dentro do Parque do Delta do Jacuí que restringe a utilização do local.

Ainda assim, o futuro é incerto, com muitas promessas e discussões de como se dará a sua permanência naquele local. Como a afirmação de Miro: *A profissão de pescador, acho, não vai desaparecer, está, desde sempre, aí*, fazendo referência aos apóstolos pescadores citados na Bíblia. De fato, trata-se de uma profissão muito antiga que perpassa o amor pelo rio e tudo o que vem dele, por gerações.

Em relação ao fato que mais impactou as vidas dos colaboradores desta pesquisa, a mortandade de peixes ocorrida em 2006, até hoje não se tem uma sentença definitiva sobre a indenização solicitada pelos pescadores. Mesmo com uma série de fatos evidenciando a existência da pesca e a inter-relação das águas, além da própria condenação do responsável técnico de uma das empresas envolvidas no crime ambiental, os requerentes ainda aguardam um posicionamento final da justiça. Conforme o site do Tribunal de Justiça do RS (2011) o processo se encontra em fase de contestação, mesmo com o relato de um parecer favorável aos pescadores de um dos juízes que acompanha o caso.

Por outro lado, verifica-se que há uma mobilização social em assuntos relacionados ao rio e que os pescadores se sentem representados na sua liderança. A Associação de Moradores e Pescadores da Praia de Paquetá (AMPPP) participa de diversas discussões que podem ser consideradas formas de contribuir para a governança dos recursos hídricos – como o Fórum dos Pescadores do Delta do Jacuí e a União das Associações de Moradores de Canoas (UAMCA).

Para registrar os depoimentos coletados foi produzido o livro “Pescando Memórias na Praia do Paquetá”, resultado desta pesquisa, o qual busca contribuir para o registro das memórias dos pescadores.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **História Oral na Alemanha: Semelhanças e diferenças na constituição de um mesmo campo.** Rio de Janeiro: CPDOC, 1996.
- ALVES, Andréia Duarte; JUSTO, José Sterza. Espaço e Subjetividade: Estudo com Ribeirinhos. **Psicologia & Sociedade**; 23 (1): 181-189, 2011. Universidade Estadual Paulista, Assis, Brasil.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Ed. rev. e actual. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BECKER JUNIOR. In: SCHULZ, Uwe Horst (organizador). **Projeto Verde Sinos: Resultados das pesquisas científicas.** São Leopoldo, RS: C5 News-Press, 2013.
- BRAGA, Clara Soares; SILVA, Daniela Brandão do Couto; MAFRA, Rennan Ianna Martins. Fatores de identificação em projetos de mobilização social. In: **Comunicação e estratégias de mobilização social.** (Org.) Por Marcio Simeone Henriques. Belo Horizonte: Autêntica. 2007, p. 59-99.
- BASUALTO, S. et al. Aspecto da Governança da água no Chile. In: In: JACOBI, Pedro Roberto; SINISGALLI, Paulo de Almeida, (orgs.). **Governança da água e políticas públicas na América Latina e Europa.** São Paulo: Annablume, 2009. (Coletânea cidadania e meio ambiente). P.83-106.
- CAETANO, Marta Coutinho. **Memória das águas: práticas culturais e educativas de pescadores artesanais nas ilhas de Abaetetuba-Pará / Marta Coutinho Caetano,** 2012.
- CAMP - Centro de Assessoria Multiprofissional. **Convênio 14293456.** 2010. Disponível em: <<https://www.convenios.gov.br/siconv/ConsultarProposta/ResultadoDaConsultaDeConvênioSelecionarConvênio.do?sequencialConvênio=743911&Usr=guest&Pwd=guest>>. Acesso em: 18 mar. 2015.
- CAMPOS, Valéria Nagy de Oliveira. **Estruturação e implantação da gestão compartilhada das águas: o comitê de bacia hidrográfica do Alto Tietê.** In: Jacobi, Pedro Roberto (org.). São Paulo: Annablume: 2009. Coleção Cidadania e Meio Ambiente.
- CÁNEPA, E. M.; ZORZI, I.; GRASSI, L. A. T.; SOARES NETO, P. B. Os Comitês de Bacia no Rio Grande do Sul: formação, dinâmica de funcionamento e perspectivas. In: MACHADO, C. J. S. (Org.): **Gestão de Águas Doces.** Rio de Janeiro: Interciência, 2004.
- CASTELLANO, Maria; BARBI, Fabiana. Desafios e avanços na governança das águas nas bacias dos rios Piracicaba, Capivari e Jundiá: aprendendo com as experiências da região IN: JACOBI, Pedro Roberto (org.). **Atores e processos na governança da água no estado de São Paulo.** São Paulo: Annablume, 2009. (coleção cidadania e meio ambiente). P.155-176.
- ENNE, Ana Lucia S.. Memória, identidade e imprensa em uma perspectiva relacional. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, Vol. VI Nº 2 - julho/dezembro de 2004, p. 101-116, julho/dezembro 2004.

GARCEZ, D. S.; BOTERO, J. I. S.. **Comunidades de pescadores artesanais no estado do Rio Grande de Sul**. Atlântica, Rio Grande, RS, v. 1, p.17- 29, 2005.

GOMES, R. A Análise de Dados em Pesquisa Qualitativa. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In. MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. **O que é memória social**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005.

GOSSLING, Lenice Jung; FILTER, Luizette; KURTZ, Arlete S. **Resgate da historia do bairro Mato Grande**. Trabalho pedagógico elaborado pelas escolas municipais de Canoas/RS, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HARRES, Marluza Marques. História oral: algumas questões básicas. **Anos 90**. Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 99-112, dez. 2008.

HENRIQUES, Marcio Simeone; BRAGA, Clara Soares; SILVA, Daniela Brandão do Couto; MAFRA, Rennan Lanna Martins. Relações publicas em projetos de mobilização social: funções e características. In: **Comunicação e estratégias de mobilização social**. Org. Por Marcio Simeone Henriques. Belo horizonte: Autentica. 2007, p. 17-31.

HENRIQUES, Marcio Simeone; BRAGA, Clara Soares; MAFRA, Rennan Lanna Martins. O planejamento da comunicação para a mobilização social: em busca da corresponsabilidade In: **Comunicação e estratégias de mobilização social** Org. Por Marcio Simeone Henriques. Belo horizonte: Autentica. 2007, p. 33-58

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Sinopse do Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C816A2E7311D1013003524D7B79E4/IBGECENSO2010sinopse.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2014.

JACOBI, Pedro Roberto (org.). **Atores e processos na governança da água no estado de São Paulo**. São Paulo: Annablume, 2009 (coleção cidadania e meio ambiente).

JOUTARD, P. **Desafios à história oral do Século XXI**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena (orgs.). História oral: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Casa Oswaldo Cruz, 2000.

JUSBRASIL. **Engenheiro é condenado por mortandade de peixes no Rio dos Sinos**. Publicado em 26.11.2010. Disponível em: <<http://ambito-juridico.jusbrasil.com.br/noticias/2019602/engenheiro-e-condenado-por-mortandade-de-peixes-no-rio-dos-sinos>> Acesso em: 18 mar. 2015.

KAYSER, Arno. **Comitê Sinos**. Disponível em: <<http://www.comitesinos.com.br/index.php?option=comcontent&task=view&id=12&Itemid=26>>. Acesso em: set. 2013.

KLEIN, Samanta. A rodovia ao redor. **Caderno JU**. Jornal da universidade UFRGS. Ano XXV, número 169. Publicação mensal. Abril de 2014. Porto Alegre.

MAFRA, Rennan. **Entre o espetáculo, a festa e a argumentação** - mídia, comunicação estratégica e mobilização social. Belo horizonte: autentica, 2006.

MAFRA, Rennan Lanna Martins. O projeto Manuelzão e a expedição Manuelzão desce o rio das velhas. In Henriques, Márcio Simeone. **Visões de futuro: responsabilidade compartilhada e mobilização social**. Marcio Simeone Henriques, Nilsa Maria Duarte Werneck. Belo horizonte: Autentica, 2008.

MARLEAU-PONTY, MAURICE. **Fenomenologia da percepção**. [Tradução Carlos A. R. de Moura]. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 4. ed., rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 2002. 246 p. ISBN 851501324X.

MEIHY, J. C. S BOM. **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011. 198 p. ISBN 9788572446907.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas**. Tradução de Maria do Carmo Alves do Bomfim. Petrópolis, RJ. Vozes, 2001.

LOPEZ, Immaculada. **Memória social: uma metodologia que conta histórias de vida e o desenvolvimento local** / 1. ed. - São Paulo: Museu da Pessoa: Senac São Paulo, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 80 p. (Coleção temas sociais; 1). ISBN 9788532611451.

MINISTÉRIO DA PESCA E AQUICULTURA. **Programa 2052 - Pesca e Aquicultura**. Disponível em: <<http://www.mpa.gov.br/index.php/acoes-e-programas>>. Acesso em: 15 abr. de 2015.

OLIVEIRA, Joycelaine Aparecida de. **1982 - Ciclo de águas e vidas: o caminho do rio nas vozes dos antigos vapozeiros e remeiros do são Francisco**. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Uberlândia, 2009.

PAULA, Cristiano Quaresma de. **Gestão Compartilhada dos Territórios da Pesca Artesanal: Fórum Delta do Jacuí (RS)**. Porto Alegre: IGEO/UFRGS, 2013.

PAULA, Cristiano Quaresma de; SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Diálogo de Saberes Ambientais e Territoriais - O Caso do Fórum Delta do Jacuí**. Programa de Pós-Graduação em Geografia–Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2013.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Tradução de Dora Rocha Flaksman. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Capraro/memoria_e_identidade_social.pdf>. Acesso em: mar. 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CANOAS. O uso e ocupação do solo do Município é regulado pelo Plano Diretor Urbano e Ambiental (PDUA) do Município de Canoas. Lei nº 5.341, de 22 de outubro de 2008. Disponível em: <<http://www.canoas.rs.gov.br/site/diario/visualizar/id/9>>. Acesso em: mar. 2014.

PRO-SINOS. **O Consórcio Pró-Sinos**. 2014. Disponível em: <http://www.consorcioпросinos.com.br/conteudo_inst.php?id=consorcio>. Acesso em: mar. 2014.

RAPOZO, Pedro; WITKOSKI, Antônio Carlos. **Pescadores e as Transformações Sociais do Trabalho na Amazônia Brasileira: Memória Social e as Dinâmicas de Apropriação Comum dos Recursos**. nAraraquara, v.16, n.31, p.511-528, 2011.

RIBEIRO, Antônio Marcos de Almeida. História oral brasileira: trajetória e perspectivas. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, Ano 3, Número 6, dez/2011, Universidade Federal de Goiás Disponível em <<https://revistadeteoria.historia.ufg.br/up/114/o/Artigo%206,%20RIBEIRO.pdf?1325192696>>. Acesso em: 24 abr. 2015.

RICHARD, S.; BOULEAU, G.; BARONE, S.. Governança de água na França. In: JACOBI, Pedro Roberto; SINISGALLI, Paulo de Almeida, (orgs.). **Governança da água e políticas públicas na América Latina e Europa**. São Paulo: Annablume, 2009. (Coletânea cidadania e meio ambiente). P.151-190.

ROJAS, Johnny. A gestão do recurso hídrico na Colômbia: uma análise de sua evolução, dos atores, dos instrumentos legais e das dificuldades. In: JACOBI, Pedro Roberto; SINISGALLI, Paulo de Almeida, (orgs.). **Governança da água e políticas públicas na América Latina e Europa**. São Paulo: Annablume, 2009. (Coletânea cidadania e meio ambiente). P.107-134.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. **Revista brasileira de ciências sociais** - vol. 13 Nº38 – 1998.

SANTOS, Veronica Macedo dos; CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. Relação e Vivência de Canoístas e Caminhantes com o Rio das Contas em Ubaitaba-BA. **Revista Caminhos de Geografia**. V. 14, N. 48 (2013), p. 171-185.

SEMA. **Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos**. Publicação: 08/09/2010 - 00:48. Disponível em: http://www.sema.rs.gov.br/conteudo.asp?cod_menu=56&cod_conteudo=5865. Acesso em: 20 mar. 2015.

SEMA. **Plano de Manejo Parque Estadual do Delta do Jacuí**. 2014. Disponível em: <http://www.sema.rs.gov.br/upload/plano_de_manejo_jacui.zip>. Acesso em: 22 out. 2014.

SILVA, Christian Nunes da. **Territorialidades e modo de vida de pescadores do rio Itaquara**, Breves – PA. Belém: PPGeo/UFPA, 2006.

SILVA, Lourdes Alves. **Crescimento urbano desordenado da praia do Paquetá no município de Canoas – RS: uma questão social**. Monografia de especialização Unilasalle, 2003. Canoas.

SINISGALLI, Paulo Antônio; MEDEIROS, Yvonilde; ROMEIRO, Ademar Ribeiro. Governança da água no Brasil: dinâmica da política nacional e desafios para o futuro. In. JACOBI, Pedro Roberto; SINISGALLI, Paulo de Almeida, (orgs.). **Governança da água e políticas públicas na América Latina e Europa**. São Paulo: Annablume, 2009. (Coletânea cidadania e meio ambiente). P.49-82.

SOUSA, Wilson Cabral Júnior. **Gestão das águas no Brasil: reflexões e Diagnósticos e desafios /IEB - instituto internacional de educação no brasil**. São Paulo: Peirópolis, 2004.

SOUSA, Wilson Cabral Júnior. A participação social e a gestão dos serviços de água na Inglaterra. In. JACOBI, Pedro Roberto; SINISGALLI, Paulo de Almeida, (orgs.). **Governança da água e políticas públicas na América Latina e Europa**. São Paulo: Annablume, 2009. (Coletânea cidadania e meio ambiente). P.135-150.

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração**. Passo Fundo/Caxias: UPF/EDUCS, 2004.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias. **Projeto História**, São Paulo, abr., 1997. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11216/8224>>. Acesso em: outubro de 2014.

THOMPSON, Edward P. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2002.

TONINI, Marcel Diego. **Além dos gramados: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-06062011-173422/>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA. **Dano sem causa Juíza nega indenização a pescadores no RS**. Publicado em 4 de maio de 2011, 9h16. Disponível em:< <http://www.conjur.com.br/2011-mai-04/juiza-nega-indenizacao-pescadores-rio-poluido-rio-grande-sul>>. Acessado em: 18 mar. 2015.

VIEGAS, Danielle Heberle. **Entre o(s) passado(s) e o(s) futuro(s) da cidade: um estudo sobre a urbanização de Canoas/RS (1929-1959)**. Diss. (Mestrado em História). Fac. de História, PUCRS. Porto Alegre, 2011.



APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O presente termo tem por objetivo autorizar a sua participação na pesquisa, “Pescando Memórias na Praia do Paquetá (Canoas): a Relação dos Pescadores com o Rio dos Sinos”, que será desenvolvida, entre outros, por meio da aplicação de entrevistas junto aos moradores da Praia do Paquetá (doravante, para efeitos desse termo, chamado de colaborador). As entrevistas serão realizadas em local a ser indicado pelo colaborador. Estas informações estão sendo fornecidas na forma de participação voluntária que visa realizar um estudo a respeito do grupo de pescadores da Praia do Paquetá.

Esta pesquisa está sobre a coordenação da Professora Dr.a Cleusa Maria Gomes Graebin do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle de Canoas, com a execução da mesma pela mestrandia Juliana Pugliese Christmann.

Em qualquer etapa do estudo, o colaborador terá acesso aos investigadores para esclarecimento de eventuais dúvidas. Contato: Juliana Pugliese Christmann, telefone (51) 9910-2838, endereço eletrônico: julipugli@gmail.com e Cleusa Maria Gomes Graebin, telefone: (51) 3476-8708, endereço eletrônico: prcleusa@unilasalle.edu.br.

É garantida ao colaborador da pesquisa a liberdade da retirada de consentimento e o abandono do estudo a qualquer momento, bem como a garantia, caso seja do seu interesse, do sigilo dos seus dados de identificação de forma que se assegure a sua privacidade e o seu anonimato. Fica assegurado, também, o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais da pesquisa, assim que esses resultados sejam conseguidos pelo pesquisador.

As entrevistas no formato áudio e ou vídeo, bem como sua transcrição serão armazenadas em suporte digital e farão parte de Banco de Dados sob a responsabilidade do Programa de Pós Graduação do Unilasalle, podendo ser acessado para novas pesquisas e análises.

As informações concedidas serão utilizadas para a pesquisa em questão, apresentadas em texto de e-book (livro em formato digital) sobre os Pescadores da Praia do Paquetá e sob a forma de trabalhos científicos.

Não há despesas pessoais para o colaborador em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelos Coordenadores da pesquisa. O local da realização da entrevista será onde o colaborador desejar.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será emitido em duas vias: uma delas a ser retida pelo colaborador da pesquisa e outra a ser arquivada pelo pesquisador.

Pelo presente documento, eu, _____, brasileiro (a),
 Carteira de Identidade: _____, CPF: _____,
 Endereço: _____,
 depois de conhecer e entender os objetivos da pesquisa, através do presente termo, declaro ceder ao Centro Universitário La Salle, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e

financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao Centro Universitário La Salle, na cidade Canoas, num total de ____ horas gravadas perante a pesquisadora Juliana Pugliese Christmann.

O Centro Universitário La Salle fica, conseqüentemente, autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais e acadêmicos, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo as normas do Centro Universitário La Salle, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

_____, ____ de _____ de _____.

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura do Colaborador



APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – IMAGENS

O presente termo tem por objetivo autorizar a sua participação na pesquisa, “Pescando Memórias na Praia do Paquetá (Canoas): a Relação dos Pescadores com o Rio dos Sinos”, que será desenvolvida, entre outros, por meio de utilização de imagens fotográficas de seu acervo pessoal e ou registro fotográfico de sua imagem.

Esta pesquisa está sobre a coordenação da Professora Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle de Canoas, com a execução da mesma pela mestrandia Juliana Pugliese Christmann.

Em qualquer etapa do estudo, o colaborador terá acesso aos investigadores para esclarecimento de eventuais dúvidas. Contato: Juliana Pugliese Christmann, telefone (51) 9910-2838, endereço eletrônico: julipugli@gmail.com e Cleusa Maria Gomes Graebin, telefone: (51) 3476-8708, endereço eletrônico: prcleusa@unilasalle.edu.br.

É garantida ao colaborador da pesquisa a liberdade da retirada de consentimento e o abandono do estudo a qualquer momento. Fica assegurado, também, o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais da pesquisa, assim que esses resultados sejam conseguidos pelos pesquisadores.

As imagens serão armazenadas em suporte digital e farão parte de Banco de Dados sob a responsabilidade do Programa de Pós Graduação do Unilasalle, podendo ser acessadas para novas pesquisas e análises. As imagens concedidas serão utilizadas para a pesquisa em questão, apresentadas em texto de e-book (livro digital) sobre os pescadores do Paquetá e sob a forma de trabalhos científicos e ou culturais.

Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelos Coordenadores da pesquisa. Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será emitido em duas vias: uma delas a ser retida pelo colaborador da pesquisa e outra a ser arquivada pelo pesquisador.

Pelo presente documento, eu, _____, brasileiro (a),
Carteira de Identidade: _____, CPF: _____,
Endereço: _____, depois de
conhecer e entender os objetivos, AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores do projeto de pesquisa intitulado “Pescando Memórias na Praia do Paquetá (Canoas): a Relação dos Pescadores com o Rio dos Sinos” a utilizar, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, fotografias de meu acervo pessoal num total de ____ imagens, discriminadas em documento anexo.

Autorizo-os, também, a captar a minha imagem em fotografias quando for julgado necessário e em conformidade com as finalidades da pesquisa.

Declaro, também, ceder ao Centro Universitário La Salle a plena propriedade das imagens de meu acervo pessoal e ou direitos de imagem associadas às fotografias realizadas durante a pesquisa, na cidade de Canoas, o qual fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais e acadêmicos, as mencionadas imagens bem como permitir a terceiros o acesso às mesmas para fins idênticos, segundo as normas do Centro Universitário La Salle, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Assinatura da Pesquisadora



APÊNDICE C - Carta de Apresentação da Pesquisa “Pescando Memórias na Praia do Paquetá”

Prezado (a) colaborador(a):

A partir dessa carta, apresento a pesquisa “Pescando Memórias na Praia do Paquetá (Canoas): a Relação dos Pescadores com o Rio dos Sinos”, realizada pela Mestranda Juliana Pugliese Christmann vinculada ao Unilasalle - Centro Universitário La Salle no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais.

A pesquisa será desenvolvida durante os anos de 2014 e 2015, por meio da aplicação de entrevistas junto a moradores da Praia do Paquetá. Para tanto, estou convidando-o(a) a colaborar com a mesma, com testemunho oral sobre suas memórias a respeito das suas vivências e experiências no mesmo. Estas informações serão fornecidas na forma de participação voluntária nesse estudo, que visa realizar um estudo a respeito do grupo de pescadores da Praia do Paquetá.

Em qualquer etapa do estudo, o colaborador terá acesso aos investigadores para esclarecimento de eventuais dúvidas. Contato: Juliana Pugliese Christmann, telefone (51) 9910-2838, endereço eletrônico: julipugli@gmail.com e Cleusa Maria Gomes Graebin, telefone: (51) 3476-8708, endereço eletrônico: prcleusa@unilasalle.edu.br.

É garantida a você a liberdade da retirada de consentimento e o abandono do estudo a qualquer momento, bem como a garantia, caso seja do seu interesse, do sigilo dos dados de identificação de forma que se assegure a sua privacidade e seu anonimato. Fica assegurado, também, o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais da pesquisa, assim que esses resultados sejam conseguidos pelos pesquisadores.

As entrevistas no formato áudio e ou vídeo, bem como sua transcrição serão armazenadas em suporte digital e farão parte de Banco de Dados sob a responsabilidade do Programa de Pós Graduação do Unilasalle, podendo ser acessado para novas pesquisas e análises., sempre observando o que for disposto no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

As informações concedidas serão utilizadas para a pesquisa em questão, apresentadas em texto de e-book (livro em formato digital) sobre os Pescadores da Praia do Paquetá e sob a forma de trabalhos científicos.

Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelos coordenadores da equipe.

Juliana Pugliese Christmann

Pesquisadora